

REVISTA DA SEMANA

Nº 47

CR \$ 2,00 EM TODO O BRASIL

23 - 11 - 46

BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL



Bom Gosto



... é tudo isto : o ambiente requintado, a delícia do paladar e — principalmente — o encanto do espírito, com a leitura agradável e proveitosa, que se terá adquirindo o

Almanaque EU SEI TUDO

para 1947, à venda em dezembro em todo o Brasil.

Pedidos a COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Maranguape - 15

Preço : Cr \$ 12,00, em vale postal ou pelo reembolso.



DIZEM os telegramas que chegaram à ONU, em Nova York, mais de sessenta e quatro mil cartas de diferentes países contra "el caudillo", recomendando o rompimento com o governo de Franco e o reconhecimento do governo espanhol no exílio, chefiado por José Giral. Na Inglaterra, resolveram reduzir a ferro velho o cruzador "Warspite", de 32 000 toneladas. A propósito, convém lembrar que foi num navio de guerra inglês do mesmo nome que se abrigou D. Pedro I, depois de haver renunciado ao trono do Brasil, por ocasião da jornada de 7 de abril... No "O Jornal" de 15 de novembro, Agripino Grieco contou esta anedota literária interessante: "Lembro-me de que ouvi um caixeiro de confeitaria sussurrar ao patrão, enternecido, no momento em que embrulhava uns doces para o senhor Clovis Berthiaume e família: — Dizem que é mais preparado que o Ruy Barbosa!" Falando numa solenidade pública, o ministro da Guerra, general Canrobert, declarou que o Exército defenderá a Constituição e as conquistas liberais, contra as ditaduras da extrema direita ou da extrema esquerda... Muito bem. Viva o voto! Mais lenha para a fogueira em que está sendo assado o pintor Oswaldo Teixeira, dono do Salão... E' Frederico Barata, jornalista e crítico de arte, quem escreve: "Ora, sabem todos muito bem que não é por esse detalhe de arrumação dos quadros que lutam os artistas. Batem-se, isso sim, contra uma lei que pretendeu dar a um indivíduo o controle absoluto do Salão, formando-o a seu bel-prazer, com poderes plenos e ditatoriais, as comissões organizadoras e os jurís e, portanto dispondo também a seu talante dos prêmios para distribuir entre os amigos, apaniguados e dependentes"... E o caso continua no mesmo pé, com o governo fortalecendo o senhor Oswaldo Teixeira contra os artistas... Muito triste também, o caso de uma lancha que explodiu na Guanabara, a "Charles Hue", matando três homens e ferindo outros três. E um dos mortos deixou treze filhos na orfandade. Diz "O Jornal" que os nossos diplomatas no Uruguai estão famosos nos círculos sociais de Montevideu... Todos adquiriram fama de janotas... No tempo de Rio Branco era outra a fama que eles procuravam... O embaixador Gilberto Amado, na ONU, disse que o Brasil é uma "democracia racial". A propósito, lembramos ao ilustre mestre que "negro" por aqui continua a ser nome injurioso, embora "negrinho" seja ainda uma gostosura de afeto e carinho... Gesto elegantíssimo, o do deputado Jonas Correia, esposando uma sugestão do cronista R. Magalhães Junior em "Folha Carioca" e propondo o nome de Gilberto Freyre como candidato oficial do Brasil ao Prêmio Nobel através de uma indicação na Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados. O deputado Jonas Correia é do P.S.D. e o deputado Gilberto Freyre é da U.D.N., partido adverso àquele... Chegou ao Rio, no dia 15 de novembro, o nosso simpático amigo Nelson Rockefeller, que quer empregar capitais em terras e em desenvolvimento da nossa agricultura... Já se pode falar nisso, nesta época de vacas magras, sem que alguém grite: "Industrialização! Industrialização! E' isso o que queremos!" Por falar em industrialização: a Fábrica Nacional de Motores está aparelhada para fazer muitas coisas, mas continua indecisa, sem saber se faz geladeiras, motores de avião ou de tratores... O brigadeiro João Carlos Muniz se defendeu das acusações de que aquilo val "au ralenti" com muitas palavras eloquentes. Seria preferível, porém, que ele continuasse estado e que falassem por ele muitos motores... A Light and Power, coitadinha, resolveu proclamar a sua pobreza e pedir um novo aumento de tarifas, a despeito dos grandes lucros apurados no ano passado... Se não houver resistência contra a tentacular empresa canadense vamos ter luz mais cara, gás mais caro e bonde mais caro ainda... O jornal "Democracia" mudou de dono e interpreta agora, sob a direção dos srs. Napoleão de Alencastro Guimarães e Epitácio Pessoa Cavalcanti, o pensamento do senhor Getúlio Vargas, segundo diz no cabeçalho. A propósito, pode ser lembrado que o patrono do novo jornal interrompeu a existência da democracia brasileira em 1930 e em 1937... Será mesmo "Democracia" que eles querem dizer? O Circo Zás-Trás produziu 743 mil cruzeiros de renda líquida, distribuída a vários estabelecimentos de caridade... Já valeu a pena o cronista Gilberto Trompowsky ter caído de um elefante e partido o braço no grandíssimo destê... Os cinemas, até segunda-feira, não haviam entrado nos eixos. Por um lado, greve de operadores, iniciada no sábado, no Rio, Petrópolis, Niterói e adjacências. Por outro, falta de cumprimento da tabela oficial, de preço dos ingressos nos que funcionaram, furando a greve. Os exibidores recorreram ao ministro do Trabalho e... não se sabe se a tabela será mantida ou não... Mas não há de ser nada... O taundo marcha e o espectador dos cinemas "marchará" também...

Mocinhas e Mulheres

As congestões e inflamações de certos órgãos internos



Certos órgãos internos das mulheres congestionam-se e inflamam-se com muita facilidade.

Para isto, basta um susto, um abalo forte, uma queda, uma raiva, uma comoção violenta, uma notícia má ou triste, molhar os pés, um resfriamento ou alguma imprudência.

Moléstias graves podem começar assim

Justamente os órgãos mais importantes são os que se congestionam e inflamam mais depressa, sem que a mulher sinta nada no começo.

Nada sentindo no começo da congestão interna ou da inflamação, a mulher não se trata a tempo de evitar que a doença se agrave e vá piorando cada vez mais.

É esta a causa das moléstias mais perigosas!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Gesteira** sem demora

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo provenientes do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

OS NOSSOS CONCURSOS, LITERÁRIOS

CONCURSO DE CONTOS — São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

- 1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.
- 2 — O contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.
- 3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, pondo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.
- 4 — O contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.
- 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos da REVISTA DA SEMANA".
- 6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

CONCURSO DE ROMANCES — Foram recebidos os seguintes originais: "Eterno estribilho", de Raul Vital; "Alvaro Gonçalves", de Paulo Lício Rizzo; "O destino é que nos leva", de Graciema P. Genofre; "Angustiado estou por ti", de Henrique Consoni Junior; "Heróis e pecadores", de Jary Gomes; "Vereda luminosa", de Leda S. de Andrade; "Paixão e sensualismo", de Antonio Tibiriçá; e "Alvorada", de Betina Diniz, além de um romance sem nome de autor e sem título, que começa com a frase: "Eram sete horas menos dois minutos". Ao autor desse trabalho, rogamos a gentileza de se identificar. Todos os originais já foram por nós distribuídos à comissão julgadora, constituída pelos escritores João Luso, Otávio Tavares e Berilo Neves.

CONCURSO DE TEATRO — A comissão julgadora ainda não nos entregou o seu parecer

O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1.º ORDEM
AVIAÇÃO RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS

Joalheria

R. CARIOCA N.º 28

LUIZ R. RICART

TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ANTIGOS PARA PRESENTES



Automobilistas! Muito cuidado com o trecho da Praia de Botafogo que aparece no clichê acima. É um dos lugares onde maior número de desastres se verifica. Tal foi a quantidade de acidentes ocorridos ultimamente que a Inspetoria de Iluminação resolveu retirar os postes elétricos do meio da via pública porque, volta e meia, estavam sendo derrubados pelos Pintacudas-mirins. Hoje existem apenas pequenas "ilhas" de cimento para "garantir" os pedestres que por ali ousam atravessar.

30.000 ATROPELADOS EM DEZ ANOS!

E isto se passa na cidade do Rio de Janeiro — Prefere-se economizar luz a economizar vidas — Ruas estreitas, tráfego super-congestionado, falta de polícia, abuso dos motoristas e má educação dos pedestres, dados básicos de um agudo problema urbano.

Reportagem de NEY MACHADO

O PROBLEMA DO TRÁFEGO no Rio, como os outros vários problemas desta cidade "ex-maravilhosa", continuacada vez mais inextricável, cada vez mais complexo, sem que surjam medidas oportunas e acertadas que aliviem as torturas dos pedestres e motoristas, sem que sejam aventadas por parte das autoridades responsáveis soluções adequadas, capaz de eliminar muitos dos erros que poderiam facilmente ser eliminados. Não chegaremos ao exagero de imputar somente à Inspetoria de tráfego toda a responsabilidade pela anarquia que se observa hoje na cidade. Compreendemos que não lhe cabe

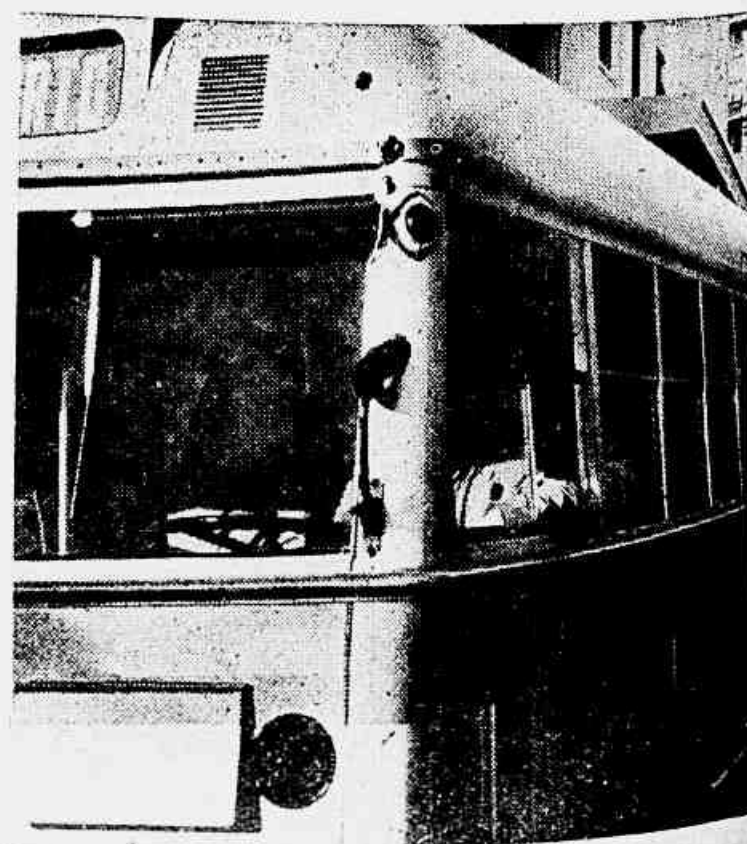
a culpa pela inexistência de vias de desafogo, permitindo um rápido escoamento das ruas centrais. A Inspetoria não pode abrir nem alargar artérias, nem pode, tampouco, obstar a construção de arranha-céus que venham travancar e estreitar ainda mais as ruas do centro, como foi o caso da construção do Club Militar e do Edifício Rio Branco, na boca da Rua Santa Luzia, onde se impunha um alargamento que facilitasse o acesso àquela via. O plano urbanístico da cidade, por esse lado, vem pecando continuamente e de um modo grosseiro contra as necessidades do tráfego urbano. Desde Pereira Passos até

Henrique Dodsworth esteve paralizado o alargamento das ruas e foram sendo perpetrados os maiores disparates. O resultado vê-se logo, após da construção de alguns bairros, quando o tráfego aumenta e as ruas recém-traçadas não comportam o movimento de veículos que nelas se acentua. O urbanista que planejou a Urca, acreditava, naturalmente, que aquele bairro deveria ser servido apenas por lanchas ou outro meio de transporte marítimo, pois só assim se compreende o acanhamento e a mesquinhez das suas ruas. O cotovelo que forma a rua Ramon Franco com a Avenida Portugal, naquele bairro, é tão agudo que um

"Pedestre, em seu benefício, atravesse nas faixas". O cidadão lê o aviso e procura a "faixa". No fim de cinco minutos convence-se de que aquilo é "blague" e enfrenta destemidamente os motoristas que não sabem respeitar o sinal.

Somente em uma "charge" de Luis Sá tal coisa acontece: um inspetor de tráfego zelando carinhosamente pela vida dos menores. Os nossos colegas não contam com inspetores que lhes garantam seguro acesso às suas escolas.

No ano passado o Serviço de Tráfego multou 141 veículos por "falta ou deficiência de setas". Por que razão essa nova empresa de ônibus "Mauá-Aeroporto" até agora não satisfaz essa exigência que os outros cumpriram?



ônibus não pode efetuar manobras se, em sentido contrário, vier trafegando um "jepp" ou um carrinho de mão. Outro bairro de construção recentíssima que já ficou completamente atarralhado nas horas de maior movimento é o do Castelo. Realmente, nesse ponto o departamento dirigido pelo Sr. Edgar Estreia tem que aguentar com os "abacaxis" do planejamento urbano. Disso, — convenhamos, — não lhe cabe a menor culpa. Mas existem diversos outros aspectos a examinar nessa questão de trânsito. Advém desse problema efeitos funestos como o número sempre crescente, assustadoramente crescente, de choques e atropelamentos. Há péssimo policiamento. Faltam sinais de tráfego. Existem a desobediência e o desrespeito dos motoristas de um lado e a má educação do pedestre, por outro. Esses problemas poderiam ter sido resolvidos pelo departamento especializado, que no entanto, bem pouca coisa tem feito. E, se tem feito não tem fiscalizado a execução das suas ordens. O tráfego vai rolando como Deus é servido... Vejamos, por exemplo, os que dizem as cifras de atropelamentos no Distrito Federal, de acordo com um boletim fornecido pelo Serviço de Trânsito do Departamento Federal de Segurança (?) Pública.

TRÊS MIL ACIDENTES POR ANO!

Esta é a cifra alarmante, dos acidentados no tráfego na cidade do Rio de Janeiro! Três mil pessoas anualmente são enviadas aos hospitais com lesões as mais das vezes fatais, enchendo os nossos ambulatórios, ocupando médicos, leitos e medicamentos que seriam necessários para doentes de outra natureza. Dessa cifra, apenas 5% são de acidentes realmente inevitáveis. Pode-se dizer que a morte pela mão do destino, já teria preparado um perigoso "rendez-vous" com a vítima. Os restantes 95% dos desastres, choques e atropelamentos são perfeitamente evitáveis, como o demonstram as estatísticas dos hospitais especializados. Na parte referente ao atropelamento de pedestres a culpa cabe em 80% dos casos exclusivamente aos motoristas. A velocidade excessiva, o pouco cuidado com os lugares de cruzamento, levam aos leitos da Cruz Vermelha e do Pronto Socorro, para só falarmos nesses dois hospitais do governo, uma média de 100 pessoas por mês. E dos que ali são recolhidos, a metade, pelo menos, fica invalidada ou com lesões traumáticas para o resto da existência. Quando dissemos que 80% dos atropelamentos são de responsabilidade dos automobilistas, disse-mo-lo baseados em dados concretos. Vejamos porquê: os acidentes deste gênero ocorrem, na sua maioria, depois das 8 horas da noite, quando o tráfego diminui, a vigilância dos inspetores de trânsito desaparece e os choferes podem dar vazão à sua mania de velocidade. O maior número de casos fatais se verifica também a essas horas da noite em que os poucos automóveis das nossas avenidas deslizam marcando no velocímetro, em média, oitenta quilômetros por hora!

E ONDE ESTÁ A INSPETORIA?

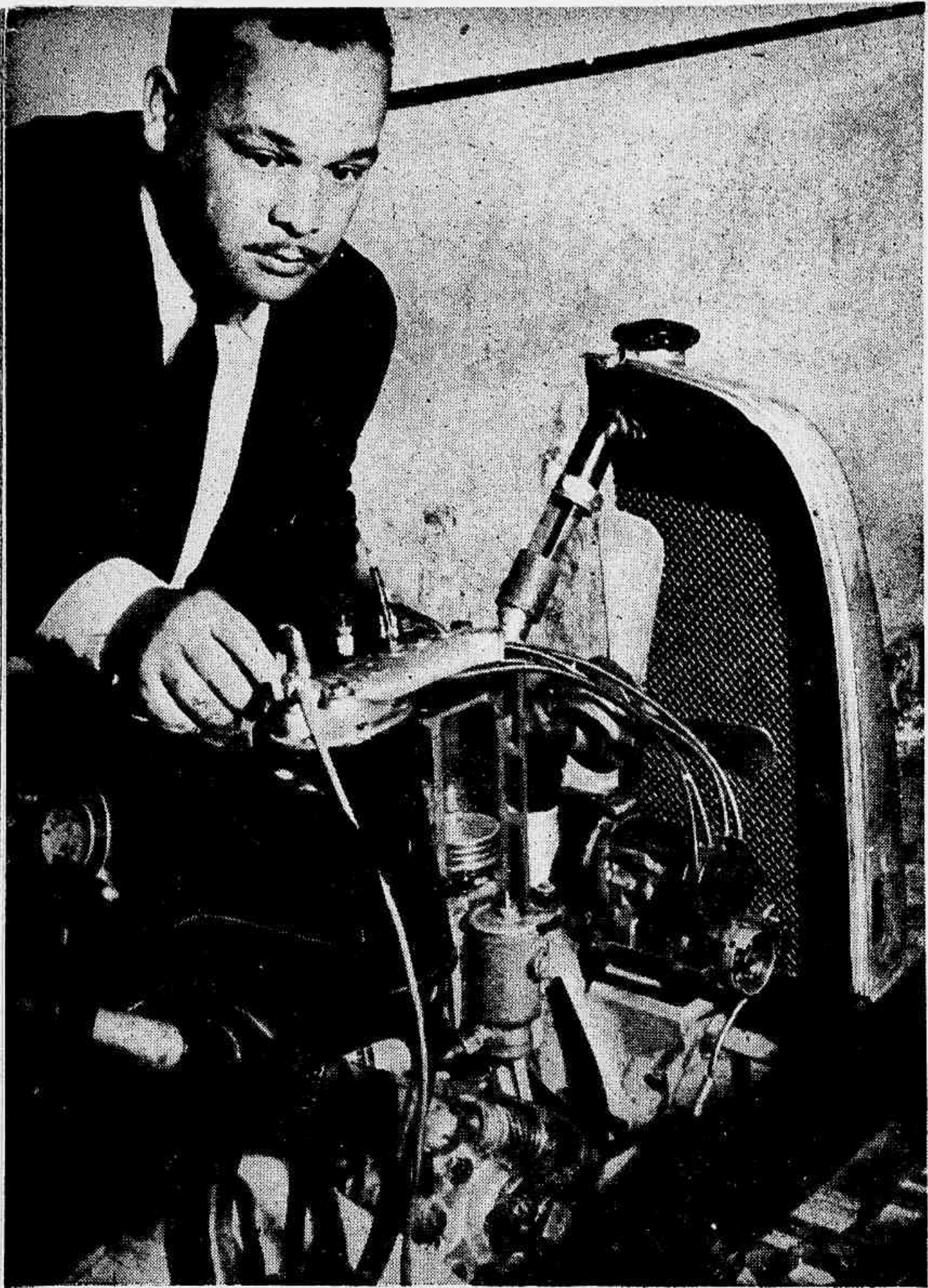
É a pergunta que devem fazer os que assistem às essas correrias desenfreadas altas horas da noite. Na esburacada praia do Flamengo passam vertiginosamente, os êmulos de Pintacuda. E a Inspetoria? Parece que não existe na administração da casa da Praça Tiradentes 67 a menor vontade de realizar um perfeito serviço noturno. É o infeliz que for atropelado de noite pode contar com a imunidade do seu algoz porque a polícia especializada quase não trabalha a essas horas, justamente quando os acidentes são geralmente fatais pela violência dos choques. Certos motoristas, que de dia já menosprezam os regulamentos do tráfego, de noite parecem ter a preocupação de infringi-los em todos os seus itens. É claro que a Inspetoria sabe disso. Mas o expediente a'í se encerra cedo e, depois das horas regulamentares de trabalho, cada um que quiser de si. O trânsito noturno do Rio deveria ter por lema: "Cada um por si e Deus por todos". Os sinais de tráfego, na sua maioria, são apagados ao escurecer embora o número de automóveis e bondes ainda seja bastante para provocar um congestionamento. Ainda na semana em que tratávamos desta reportagem presenciámos uma cena que nos fornece oportunidade para um triplice comentário. Descrevamo-la.

UM INSPETOR CAMARADA EM EXCESSO

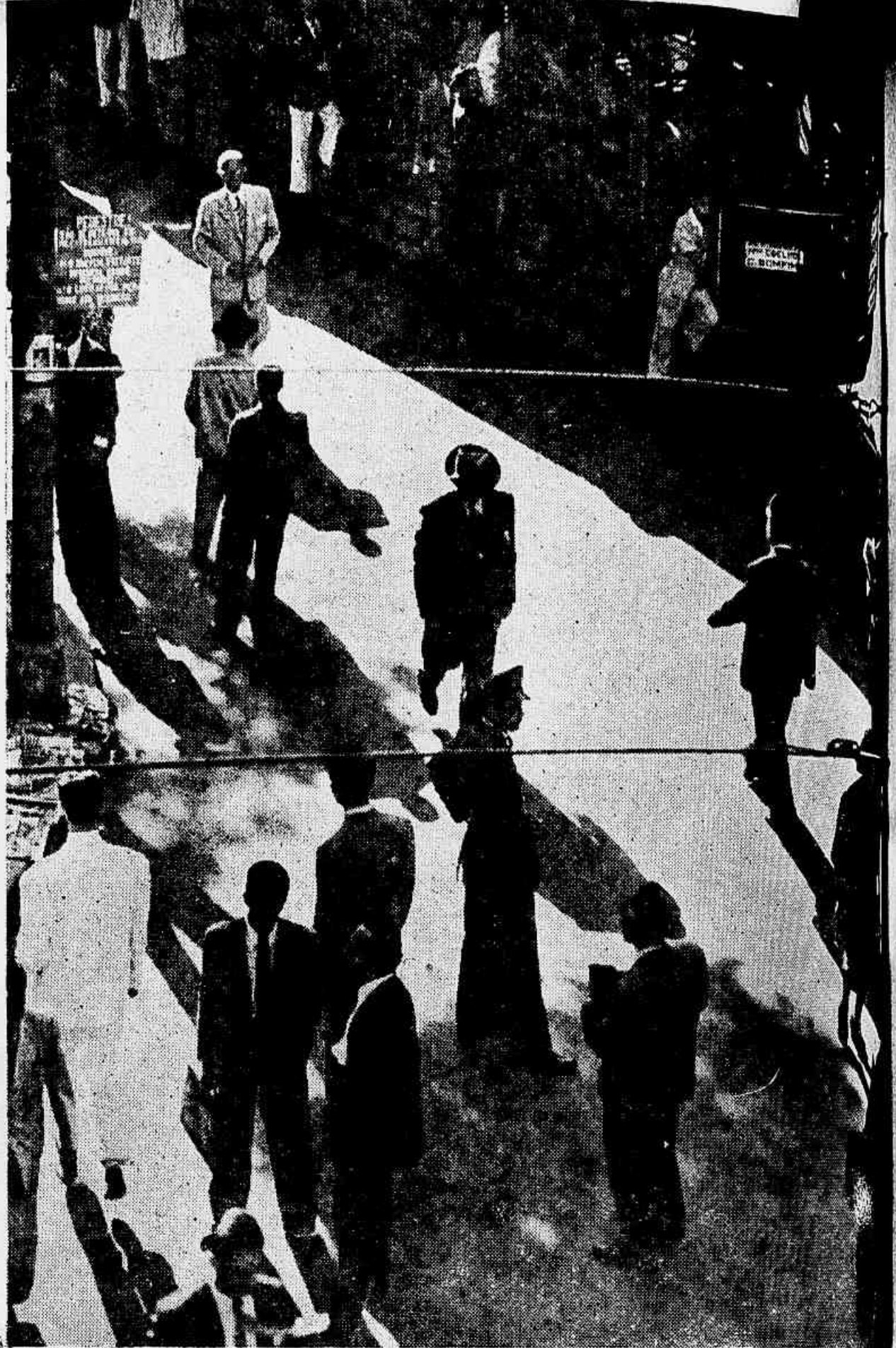
Exatamente às 19.50, no cruzamento das ruas Gomes Freire, Francisco Muratore e Riachuelo — hora em que o tráfego nessas três artérias ainda é apreciável — chegou num moto-car o inspetor de trânsito, para desligar o sinal automático existente naquele cruzamento. Não sei por que cargas d'água se estabeleceu o sistema de apagar as luzes do tráfego em diversos trechos da cidade ao escurecer. Pois muito bem: mal deixara de funcionar o sinal, começou a se notar sensível indecisão no tráfego daquelas ruas. As buzinas aumentaram de volume, transeuntes eram obrigados a atravessar a rua de corria, entre um e outro carro, e a preferência de trânsito ficou difícil e nem sempre era respeitada. Um auto vindo de Gomes Freire para Francisco Muratore resolveu antecipar-se ao bonde que parara na esquina e tomou a contra-mão de direção. Justamente num ponto perigosíssimo! O resultado foi instantâneo: um taxi que descia Riachuelo, sem sinalito para controlá-lo resolveu cruzar com velocidade imoderada. O choque só por um verdadeiro milagre foi evitado. Rânger de freios impropérios, confusão. O competente inspetor, que ainda a'í se encontrava limou-se a levantar o braço e advertir camaradesamente ao imprudente que avançara em contração. Não lhe ocorreu



No Campo de Santana existe um Jardim de Infância da Prefeitura que reúne um número considerável de crianças. Torna-se imprescindível a colocação de um guarda de trânsito para proteger a vida desses meninos, pelo menos às horas de entrada e saída das aulas.



Este fiscal da Light, Anfilquio Rodrigues de Souza, espera abandonar sua atual profissão e tornar-se motorista profissional. "A Light não dá futuro" — disse-nos ele — "trabalho lá há 5 anos e ganho apenas Cr\$ 1.200,00". — Em baixo: desastre ocorrido há pouco na Avenida Maracanã. Uma advertência para os automobilistas que pretendem fazer das nossas avenidas pistas de corrida. De noite, embora com o tráfego reduzido, é quando maior número de desastres acontecem, pelo excesso de velocidade e pela falta de polícia.



A falta de disciplina do pedestre contribui enormemente para a balbúrdia de trânsito. A foto acima ilustra claramente esta afirmativa. O carioca gosta de conversar e descansar em plena rua. E quando um automóvel lhe racha os calcanhares, grita um desaforo! Observem este outro lendo a notícia do Fla-Flu, conforme verificamos posteriormente, diante das rodas do carro do nosso fotógrafo. Quando a buzina gritou nos seus ouvidos ele protestou nergicamente, com uma exclamação irritada: "Não enxerga, 'seu' barbeiro!"





Um dos maiores supícios para os moradores de Copacabana vai ficar definitivamente resolvido: a travessia dos túneis. Os nossos técnicos compreenderam que não é o duplicamento, apenas, que resolve o congestionamento e, por isso, a Praia de Botafogo será alargada, na altura do Mourisco até se ligar, diretamente, ao prolongamento da Av. Wenceslau Braz.

as palavras. Mas, pelo gesto amigável, poderiam ter sido estas:

— Cuidado, "velhinho". Olha que um dia a casa cai... E nem se lembrou de multá-lo pela imprudência.

Por que o Serviço de Trânsito não conserva até bem mais tarde esses sinais automáticos funcionando? Economia de luz? Não sabemos. Mas é o que parece... No Brasil é assim: prefere-se economizar luz a economizar vidas...

ISTO É COM VOCÊ, PEDESTRE!

Dissemos de início que não cabe inteiramente à Inspetoria de Tráfego a inteira culpa pela confusão do trânsito urbano. Principalmente quando se trata da questão básica, a do escoamento de trânsito. Mas cabe-lhe sim, a grande responsabilidade da inobservância das normas que impõe aos motoristas de outras falhas que queremos apontar nesta reportagem. Entretanto, grande culpa do congestionamento que se observa em algumas das nossas artérias, como a Avenida Rio Branco por exemplo, provém da re-

beidia dos transeuntes que não fazem as travessias desses logradouros nos lugares determinados. A Avenida Central durante o dia e, principalmente, das 5 às 6 horas da tarde é um verdadeiro pandemônio!

Quem observasse de cima, com aquela bicha de carros a atravancá-la, entupindo-a, congestionando-a, teria a habilitação, com pelo menos 500 mil automóveis! A verdade impressiona que esta fosse uma cidade de 5 milhões de é que não temos 2 milhões de almas e os nossos carros de passeio não chegam à casa dos trinta mil.

E a Avenida Rio Branco dá um exemplo frisante da insubordinação do carioca às exigências do trânsito! E' verdade que as "faixas de segurança" não são respeitadas pelos cinesiforos é certo que não possuímos — nós os pedestres — trânsito exclusivo nos cruzamentos como já se faz em São Paulo onde só depois de vazia a rua de pessoas, é que é aberto o sinal para os veículos. Tudo isso é verdade, mas é verdade também que, em alguns pontos de exceção, como no cruzamento da rua do Ouvidor com a Avenida Rio Branco, onde um guarda atencioso di-

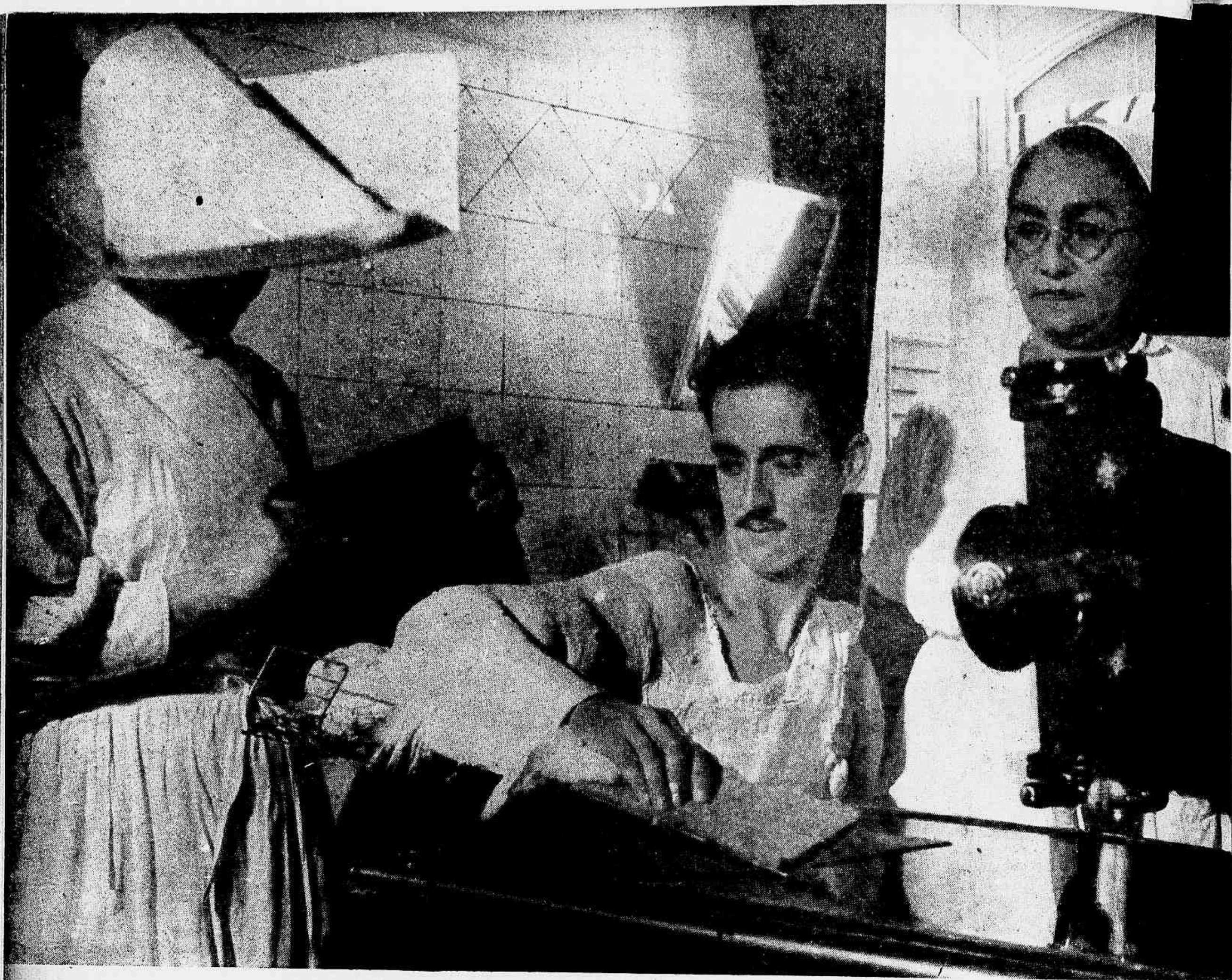
rige as pessoas que ali atravessam, o carioca, indisciplinado e desatento, teima em fazer malabarismos entre os carros que passam, prejudicando o andamento do tráfego e enlouquecendo os poucos automobilistas bem intencionados. O carioca prefere dar uma corridinha, às vezes sensacional, para atravessar a via pública afim de "bater papo" na outra calçada, do que esperar um pouco mais e atravessar sob a proteção do sinal do tráfego. As sempre oportunas "Semanas do Trânsito" são olhadas em geral pelo carioca como invenções fascistas. "Obedecer sinais de trânsito e humilhar-se, perder momentaneamente a liberdade!" — pensa a maioria. E por isso até hoje a Inspetoria não tem conseguido o apoio necessário do pedestre para suavizar o nosso problema do trânsito.

A "LIGHT" TAMBÉM TEM CULPA

Um dos maiores inimigos do bom escoamento do trânsito no Rio é, sem dúvida alguma, a "Light". Se não bastassem as interrupções que provoca continuamente com

Muitas vezes o carioca se expõe aos riscos dos atropelamentos por culpa da Light. Veja-se por exemplo como se processa a espera de bondes na Praça Tiradentes, em um local fronteiriço à Inspetoria de Tráfego. Não existe o menor sinal de abrigo ou proteção contra os automóveis que por ali cruzam em diversos sentidos.





No gabinete radiográfico da Cruz Vermelha do Rio de Janeiro são tiradas, em média, 100 chapas por dia, 60% das quais de acidentados no trânsito. Disse-nos o Dr. C. S. Andrade, chefe daquele departamento, que às segundas-feiras o número das vítimas do tráfego é enorme; aos sábados e domingos aumenta assustadoramente o número de atropelamentos, choques, etc. — Justamente nos dias e horas de menor movimento de carros, as estatísticas acusam um acréscimo na entrada de mortos e feridos nos hospitais. Pedestres, cuidado com os domingos!

os seus esburacamentos, seu amontoado de materiais de construções nas vias públicas (entre os quais os montes de cascalho, considerados agora como "arma perigosa"), se tudo isso não bastasse para diferenciá-la no nosso incompreensível regime de proteções, a Light goza de outros favores que são verdadeiros acintes, provocando a seu bel-prazer os piores congestionamentos de trânsito. Quem

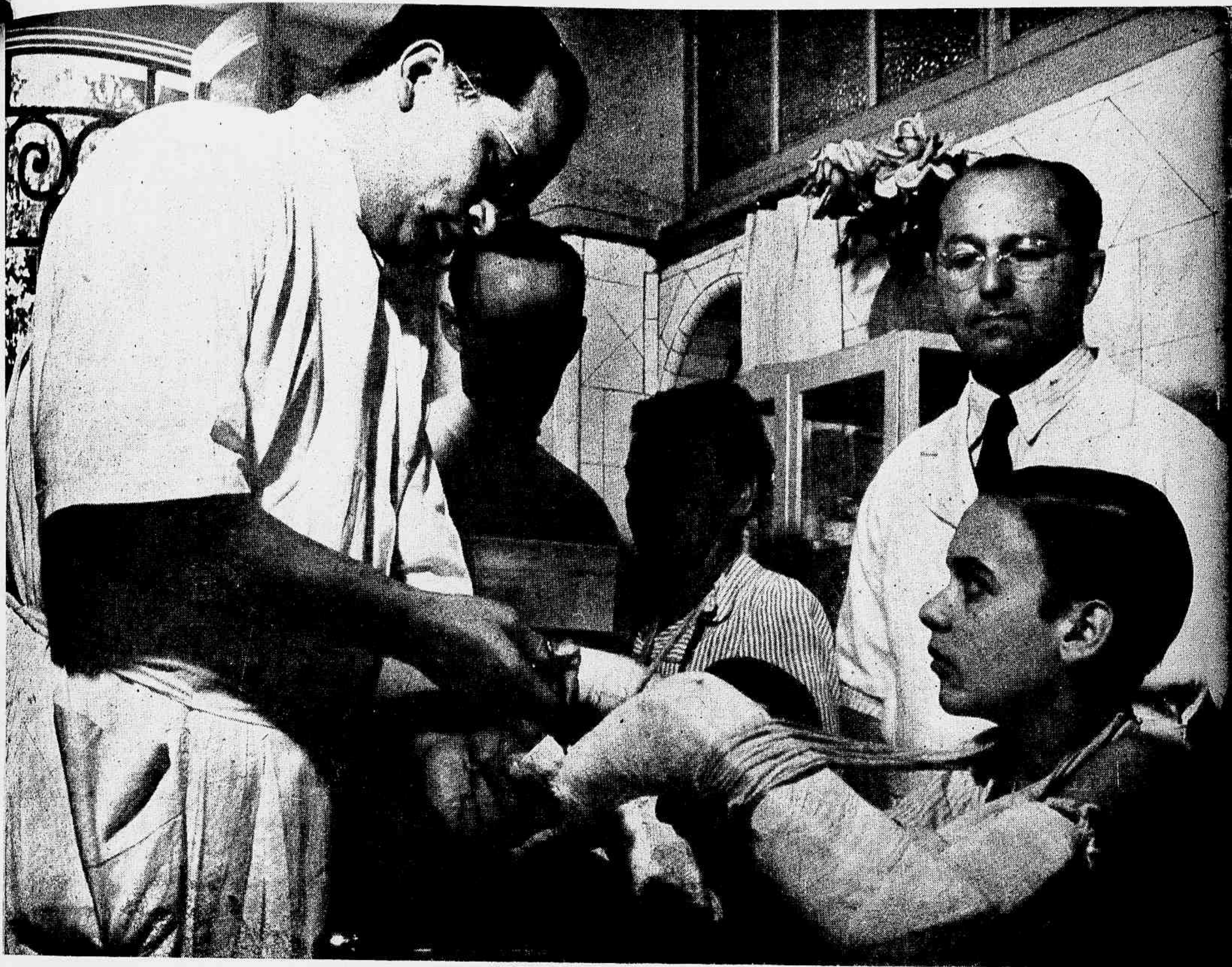


ainda não viu a morosidade enervante dos seus bondes que, quando saem lotados do Passeio Público, arrastam-se como tartarugas até o Largo da Glória e, às vezes, até o Largo do Machado, apenas para que o condutor não deixe de cobrar o último níquel do último passageiro? Outra irregularidade da Light que ela até hoje não foi obrigada solucionar: o caso dos abrigos para os passageiros que esperam os seus bondes. Os pequeníssimos refúgios como os da Lapa e o do Largo São Francisco servem apenas para dificultar a tomada dos veículos. Lugares há, como na Praça Tiradentes, bem em frente à Inspetoria de Tráfego em que não existe o mais simples abrigo. Os passageiros ficam expostos ao sol e à chuva e, ainda mais, aos automóveis que transitam por ali em todas as direções. Outro exemplo, que não deixa de ser um desrespeito às boas normas da condução: os bondes que descem pela manhã de Laranjeiras, lotados já na rua Alice ou mais em baixo, em Pinheiro Machado, vem "amarrando" a sua marcha desde essa última rua até o Largo do Machado, só para a Companhia não perder as passagens dos que vão descer nesse Largo. E isto com prejuízo de ônibus e autos que muitas vezes são obrigados a acompanhar sua velocidade de um quilômetro por hora por toda a rua das Laranjeiras. Isso por outro lado, obriga os motoristas a contínuos avanços pelo lado de fora do bonde — contra-mão de direção — uma das maiores causas das 44.000 infrações registradas anualmente. Não sabemos se o Sr. Edgar Estrela não concorda com tais irregularidades. Mas o fato é que elas existem. É necessário que, com os meios de que dispõe, procure ele coibir esses abusos que não deixam de prejudicar a rapidez da locomoção, quando essa rapidez se faz necessária.

ESTACIONAR — O GRANDE PROBLEMA

O item do Regulamento do Tráfego referente ao estacionamento de veículos em locais não permitidos pela Inspetoria ocupa o segundo lugar na estatística desse departamento, perdendo a primazia somente para o capítulo que trata da desobediência aos sinais do tráfego. O ano passado foram multados 9.000 carros por essa infração e este ano, ao que estamos informados, o número de infratores dessa natureza será muitíssimo maior. Com referência a essa irregularidade a Inspetoria pouca coisa fez para solucioná-la. Acreditamos que não esteja na sua alçada criar locais próprios para estacionamento na parte central da cidade. Cabe a Prefeitura incluir nos seus planos urbanísticos maiores áreas destinadas a estacionamento de automóveis. E a nossa cidade não conta até hoje com lugares para esses fins traçados com esse propósito exclusivo. O aproveitamento do Largo da Carioca, onde antigamente se erguia o Edifício da Imprensa Nacional, foi puramente ocasional. Quando se projetou a urbanização do Castelo a área fronteiria ao Ministério da Fazenda onde atualmente existe o monumento ao Barão do Rio Branco, foi destinada a uma garagem subterrânea, que chegou aliás, a ser iniciada. A estátua e uma bela "piscina" foram inauguradas e do abrigo de carros nunca mais se falou. Com a ausência de locais próprios, que a Inspetoria deve reconhecer, o problema de estacionamento cria para os motoristas situações angustiosas, forçando-os a infringir o aviso proibitivo das placas da Inspetoria. Num caso como este não adianta multar, pois a sanção nada resolverá. O necessário é corrigir a falta dos pontos de estacionamento, a não ser que interesse financeiramente aquele

Este velhinho, Manuel Luis da Silva, veio do arraial de Bom Jesus do Galho, município de Caratinga, Minas, trazer seu filho para o Hospital de São Francisco. A saída, naturalmente preocupado com o estado de saúde do rapaz, desculhou-se na travessia da rua. Resultado: foi levado incontinentemente para o Pronto Socorro onde permanecerá nunca menos de noventa dias.



No departamento de traumatologia-ortopédica da Cruz Vermelha, chefiado pelo Dr. Vivaldo Lima e assistido pelos Drs. Newton Paes Barreto e Orlandino Fonseca, são atendidos mensalmente 260 pessoas, a metade das quais acidentadas de trânsito. Segundo nos disse o Dr. Vivaldo Lima, o número de atropelamentos verificados nos últimos meses é enorme! Embora com os recursos especializados da traumatologia-ortopédica, 40% dos acidentados conservarão lesões parciais para o resto da vida, lembrança para muitos anos de um descuido momentâneo.

Departamento essa ordem de cousas. Porque, entre ser multado e parar no local desejado, e entre não infringir o regulamento, estacionando a alguns quilômetros de distância, é claro que o cidadão prefere pagar a multa. Existe também na estatística de que vimos falando uma declaração que — essa, sim — poderia ser reduzida se a fiscalização da nossa Inspetoria agisse com maior rigor visto dessa questão depender a vida de muitos transeuntes. Diz a Seção de Infrações que, no ano passado, foram multados 583 veículos por "falta de freios", sendo que em maior número os de transporte pesado, verificando-se tal deficiência em 356 caminhões e 162 ônibus. As multas para as empresas dos coletivos deveria ser severíssima, indo até à cassação da licença se continuasse a se verificar o mesmo defeito. A falta de freios nos ônibus constitui a maior ameaça não só para o pedestre como para os passageiros. No ano de 1945 o Serviço de Trânsito impôs 29.153 multas.

Nosso desejo é que tal quantidade decresça e com isso a ameaça constante dos carros sem freios e das grandes velocidades desenvolvidas durante a noite, pelos que parecem estar treinando para o Circuito da Gávea.

AS DESAPROPRIAÇÕES E O TRÁFEGO

Essas duas palavras estão intimamente ligadas, quando se trata de aplicá-las em questões práticas da cidade. Quando o repórter, entrevistando o Sr. Edgar Estrela, perguntou-lhe o principal motivo pelo qual o trânsito urbano será cada vez mais difícil ele nos disse:

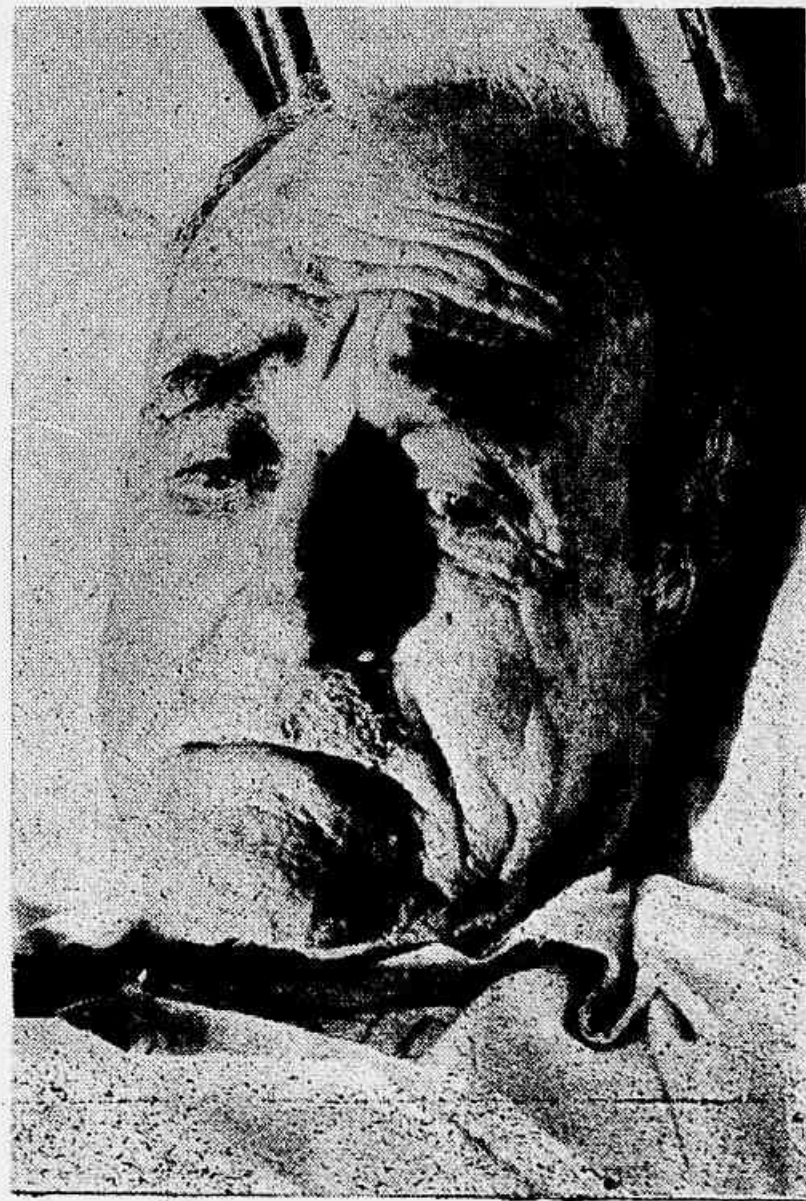
— O motivo principal é o seguinte: o Rio tem as mesmas ruas — pode-se dizer — de 20 anos atrás. E o tráfego, neste espaço de tempo, aumentou consideravelmente. Dê-mos escoadouros e tudo melhorará.

Estamos convencidos de que lhe assiste razão nesse particular. E por isso já dissemos, de início que o seu Departamento não é o responsável por tal deficiência pois não está autorizado a alargar ruas, traçar planos e impedir construções em pontos que dificultem a passagem de veículos.

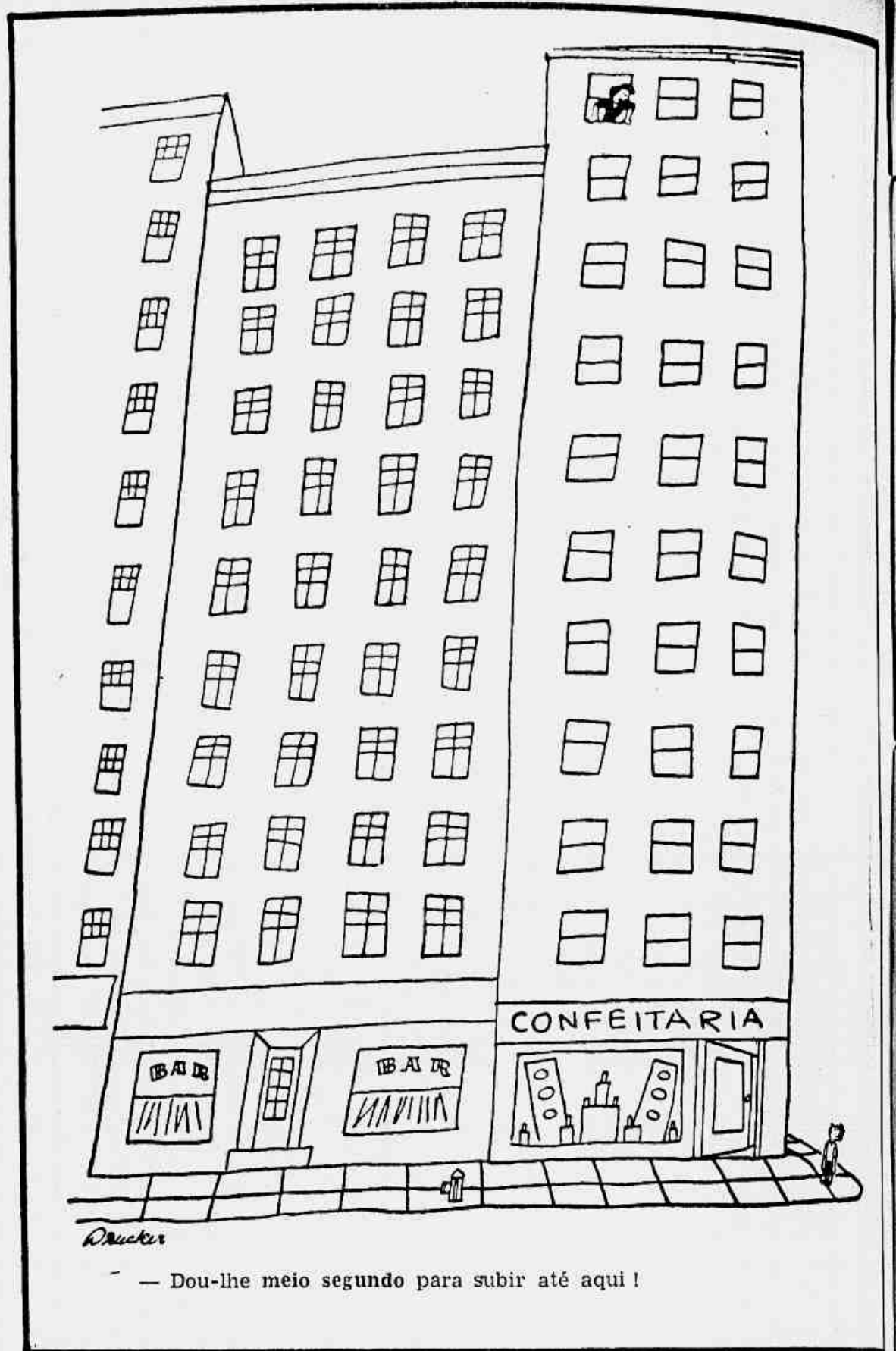
Quando, no Rio, (pelo menos até 29 de outubro do ano passado foi assim) havia o propósito de beneficiar alguém, fazia-se tudo que passasse pela cabeça dos políticos, sem que os técnicos pudessem interpor-se a qualquer empreendimento. E' o que iria se verificar com o "monumento", na Avenida Getúlio Vargas, se tal atentado tivesse se consumado. Também por motivos que os técnicos não puderam explicar, as obras do "Túnel Novíssimo" iriam esbarrar em um grande edifício de apartamentos, do lado de Copacabana, quando a necessidade obrigava que o escoamento dos veículos desembocados do túnel se fizesse até encontrar as avenidas N. S. de Copacabana e Atlântica.

A inauguração da avenida que tem o nome do ex-ditador foi realizada inoportunamente sem a necessária junção com o alargamento de suas afluentes. Praticamente pouca coisa adianta esta grande avenida trazer rapidamente para o centro da cidade um número considerável de carros e, chegando ao seu ponto de confluência com a Avenida Rio Branco e a rua Uruguaiana, não encontrar escoadouro para o número considerável de automóveis que por ali descem. O lógico teria sido iniciar as demolições da Avenida Perimetral juntamente com a Avenida Presidente Vargas para que, com ambas terminadas, estivesse parcialmente resolvido o problema da ligação norte-sul, passando-se pelo centro da cidade. Isto é o que deveria ter sido feito, olhando-se a questão apenas sob o ponto de vista de desfogo de tráfego. Não consideramos o

outro problema que a parcial resolução deste viria agravar, o da moradia. Com a escassez de casas nesta cidade, a resolução de um, trará, imediatamente, o agravamento do outro. Sob este aspecto deverão unir-se os estudiosos e técnicos — técnicos, não políticos — para que esta equação seja resolvida satisfatoriamente, achando-se ao mesmo tempo, o justo valor para as duas incógnitas, desapropriação e tráfego, x e y do mesmo problema...

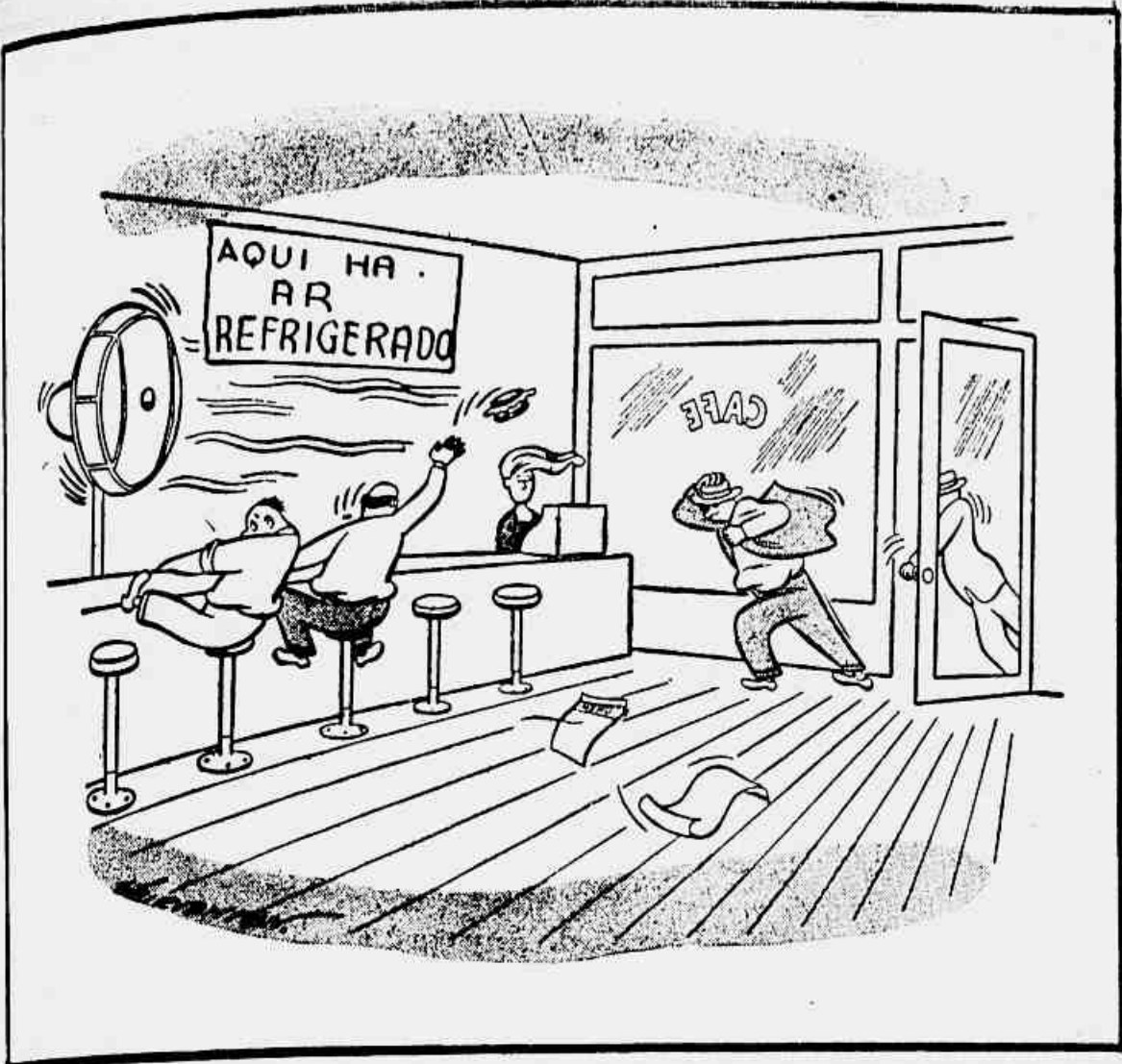


Antonio da Mata, uma vítima das correrias desenfreadas dos automobilistas. Foi atropelado na Praça da Bandeira, junto à calçada, onde o foi buscar a "perícia" de um "chauffeur" como os muitos que infestam a cidade. Como não podia deixar de acontecer foi atropelado à noite, quando o tráfego diminui e a velocidade dos carros aumenta.



B O M H U M O R





— Eddie pediu demissão de presidente dos escoteiros, mas não há meio de se habituar com as calças compridas...



— Sua filha concordou em casar. E, agora, peço sua permissão para ver se o quarto de dormir corresponde ao que eu tenho em vista...

João Tertuliano

N A longa avenida poeirenta, aquele cháizinho branco era um oásis. Quem passasse por ali quando debaixo do sol medonho, sentiria vontade de descansar sob o oití que derramava na calçada esburacada um pouco da sombra com que cobria os canteiras tapadinhos de dinheiro em penca e de bôcas-de-lobo. Uma sempre-lustrosa, plantada na esquina da casa já quasi escondida, no alto, o letreiro feito de pequenas lâmpadas de várias cores. Era o "Centro Espírita Amor de Jesus". Um verdadeiro oásis. Mas que, raramente durante o dia, a não ser para as sessões dos domingos, deixava aberto o velho portão de grades de ferro. À noite sim, as luzes um pouco falhadas do letreiro clareavam o jardim e a gente podia ver na semi-obscuridão o pessoal que ali esperava a hora de entrar. Dentro, na sala grande, repleta de cadeiras de palhinha já estavam sentadas algumas mulheres. De fora se via até um tablado, lá bem no fundo, com u'a mesa onde ficavam o presidente e os secretários do Centro. Separado por um tabique, coberto até o teto do mesmo papel de flores desbotadas, que decorava as paredes da sala, se escondia um quarto comprido e estreito com duas janelas que jamais se abriam para o quintal abandonado. Nele é que, durante as sessões de comunicação desciam espíritos astrais para o convívio dos mentes.

Seu Linhares transpôs o portão, jogou fora o cigarro, apagou-o com o pé e enfiando as mãos nos bolsos do sobretudo, acercou-se do grupo que conversava debaixo do oití.

— Friosinho, hein! Boa noite para todos.

A turma sorriu, amável, correspondendo ao cumprimento, e ele, levantando os olhos para a porta onde se encostava um rapaz magro, de rosto chupado, esti-

rou o feixo numa interrogação aos companheiros:

— Quem é?

— Lá S. Paulo. Um médium de primeira!

— Ahn! é o tal?

Sem obter resposta, bateu no ombro de um sujeito de óculos, que lhe tornavam grotesca a carinha de mico.

— Você vai assistir?

— Não. Já tem gente de mais.

— Pois eu tinha vontade... O Terto vai comparecer na sessão?

— Que "ão", que nada! fez o outro. Não conseguiram. O homem está furioso lá na cadeia. Você não sabe do que houve?

— Me disseram que ele saiu... que Seu Gama fez uns passes hoje...

O sujeito de óculos relanceou os olhos pra calçada e sem dar explicações, foi empurrando Seu Linhares:

— Vamos entrando que está na hora.

João Tertuliano trabalhava na per-dreira. Serviciinho infame ficar ali o dia inteiro, dependurado em ancaimes, furando buracos sem fim, com a cara es-caldando do bafo quente da pedra, o sol tinindo nas costas nuas. Às vezes a vista se perturbava com as cintilações de mica. Terto porém não se queixava. Só fazia limpar o suor que escorria e continuava o trabalho, comentando com os companheiros:

— Está daquele jeito! ô feral!

Às cinco horas da tarde, prontos os buracos para a dinamite ligavam o estopim, preparavam a fuga rápida e lascavam fogo. Dos seus esconderijos, ficavam esperando. Era coisa de tocos os dias, mas que dava sensações exquísitas. O barulho das pedras rolando, chocando-se no espaço, parecia que os levava também pela pirâmide abaixo. Melo

[ANTOLOGIA DO CONTO BRASILEIRO

O conto que publicamos nesta edição é de autoria de Francisco Ignácio Peixoto, jovem escritor mineiro, cujo livro de estréia, "Dona Flor", foi a revelação de um autêntico talento literário. Francisco Ignácio Peixoto, que é mineiro, de Cataguanas, onde é diretor de um ginásio, é assíduo colaborador dos suplementos literários dos jornais cariocas. "João Tertuliano" é um dos seus melhores trabalhos, fazendo parte do livro "Dona Flor" (Edição Pongetti).

ORLANDO
MATTOS

minuto depois ainda tinha pedra miúda caindo.

— Ah, tiraço! gritavam eles, deixando suas locas.

Escordiam as ferramentas no mato mesmo e iam descendo para casa.

Terto trabalhava na pedreira há muitos anos. A bem dizer, não conhecia outro serviço, mas ultimamente estava criando medo daquilo. Tinha dias em que chegava a ter vertigens, mas não contava nada a ninguém. Procurava se dominar e, ao mesmo tempo que ia cortando a pedra com a broca, pregava os olhos na capoeira que escurecia o alto do morro ou, então, fechava-os para não ver o precipício. Na hora de bolar fogo no estopim e fugir é que chegava a tortura maior.

Estava assim desde que ajudara a tirar o corpo de um companheiro de entre as pedras. Ficara tudo em frangalhos e a sangueira escorrendo, pastosa, no chão. No momento, aquilo não largara tanta impressão. Como é que agora, muito tempo depois, ainda não o deixava sossegar a lembrança do colega morto, se despendendo num grito meconho pela pedreira abaixo? Fôra o maior desastre que vira, desde que se entendia por gente. Mas haveria de dominar aquele medo. Era cauteloso tinha uma calma e um sangue frio de admirar. Mesmo em casa, sua vida era mansa e pacata. Nada que pudesse lhe pôr nos nervos a tensão que o possuía agora. Só uma vez brigara e fôra chamado à delegacia. A coisa pegara fogo mesmo, chegando ele a deixar umas manchas roxas nos braços sardentos de Dona Jacinta. É que uma vez Terto estava jantando quando o caçula veio do quintal seprando num negócio de borracha, fazendo balão. Terto, que já andava

de pique com Dona Jacinta por causa, dizem, de suas constantes senvergonhices, viu naquilo obra da vizinha. Naturalmente era aquela tipa desaforada que continuava jogando suas imundícies no quintal dela. Arrebateu, furo de raiva, das mãos do menino o balãozinho que ele soprava, as bochechas inchadas e vermelhas do esforço.

— Onde é que você achou isto, diabo?

O garoto, assustado, e sem compreender, falou quasi chorando:

— Terto da cerca de vez em quando a gente acha...

Terto não viu mais nada. Saiu pela porta afóra gritando:

— Fu não falei? Eu mato aquela vagabunda desgraçada! Desgraçada!

Dona Vidinha ainda tentou segurá-lo pelo braço, mas a filharada lhe agarrou nas saias aos berros:

— Mamãe! Mamãe!

Um dia, Terto chegou antes das cinco horas em casa. Dona Vidinha estranhou:

— Fizeram feriado hoje?

— Não. Estou com a cabeça que não posso. Aquela dôr... o estômago embrulhando...

— Você não foi ao médico? Que é que ele disse?

— Me receitou um tratamento. Arranja já um chá de macela p'ra mim.

Dona Vidinha ajeitou uns fiapos de cabelo que lhe caíam nos olhos e saiu arrastando os chinelos de lã em direção à cozinha. Do juarto, Terto escutou-a ralhando com os meninos que estavam no quintal pulando carniça.

A turma gosou, esvasiando num minuto o pequeno terreiro onde um coaradouro de folha de zinco condensava o

calor dos dias de sol quente. Dona Vidinha ainda recomendou:

— Mas não me saiam da calçada, ouviram?

...

Terto não melhorara. Andava sempre com a dôr de cabeça. Não era bem dôr: era um peso exquisito, como ele dizia. Sentia engulhos no estômago.

A mulher insistia:

— Arranja outro emprêgo Terto! Esse sol da pedreira é que está te cozinhando os miolos.

Aferrara-se a esta hipótese que uma vizinha lhe sugerira, num dia em que se queixava da doença do marido. Mas Terto não ligava. Andava, agora, até abstrato, falando menos. Às vezes, de trade, quando estavam todos na calçada, tomando a fresca, a garotada brincando de roda no meio da rua mal iluminada, virava-se para Dona Vidinha, interrogando:

— Hein? hein?

A mulher olhava para ele, forçando um sorriso:

— Não falei nada, não. Você está ficando doido?

— Pensei...

Ultimamente dera para largar o serviço antes da hora e só quando chegava em casa é que dava pela coisa. Se Dona Vidinha perguntava, ficava olhnado à-toa, sem saber explicar porque sara mais cedo. O encarregado do ponto na pedreira também mexia com ele:

— Todos os dias agora? Canja, hein!

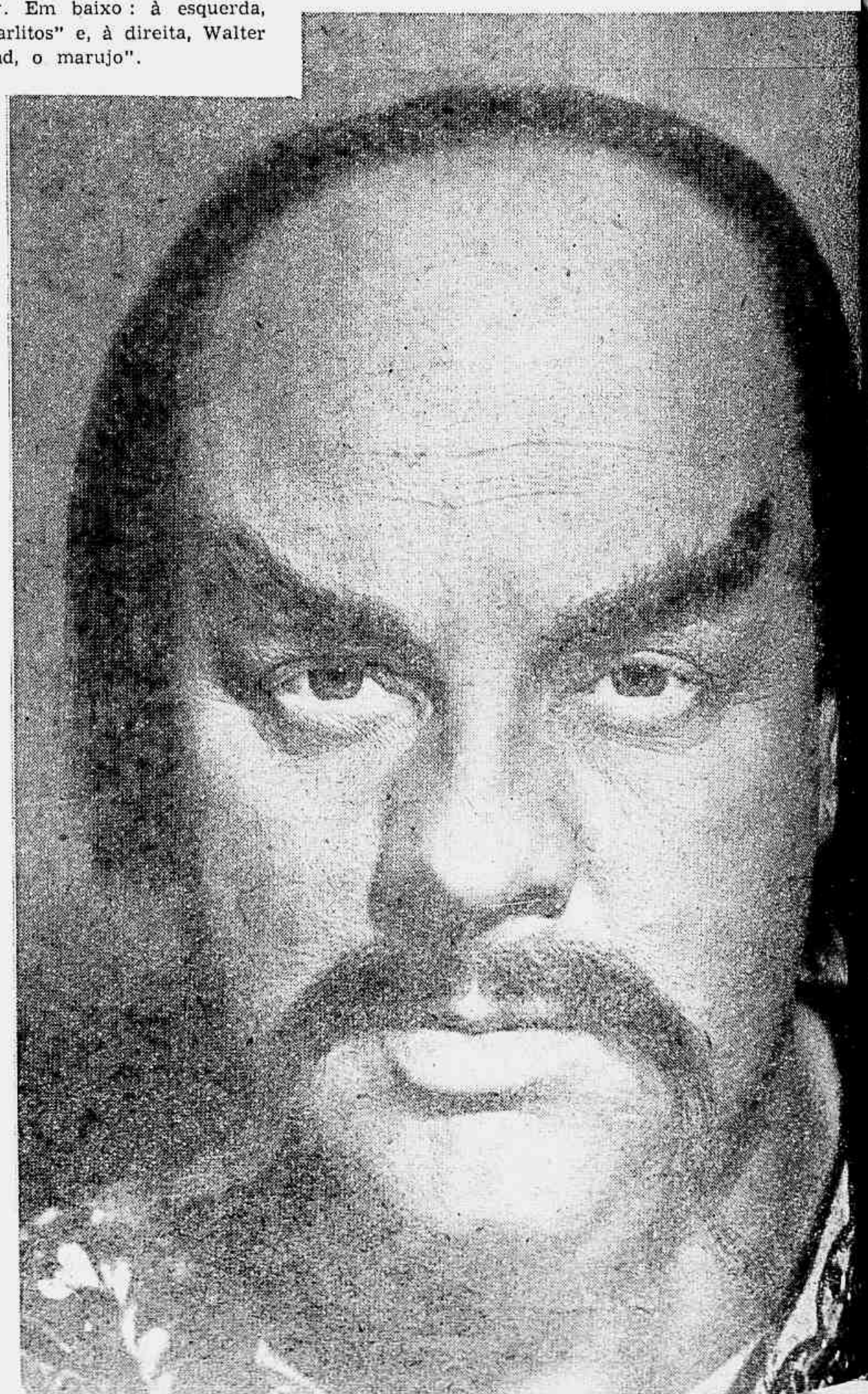
Era como se nem falasse. Terto parecia que estava no ar. Um dia mesmo, quando desceu do serviço, veio carregando de um urubú que achara no alto da pe-

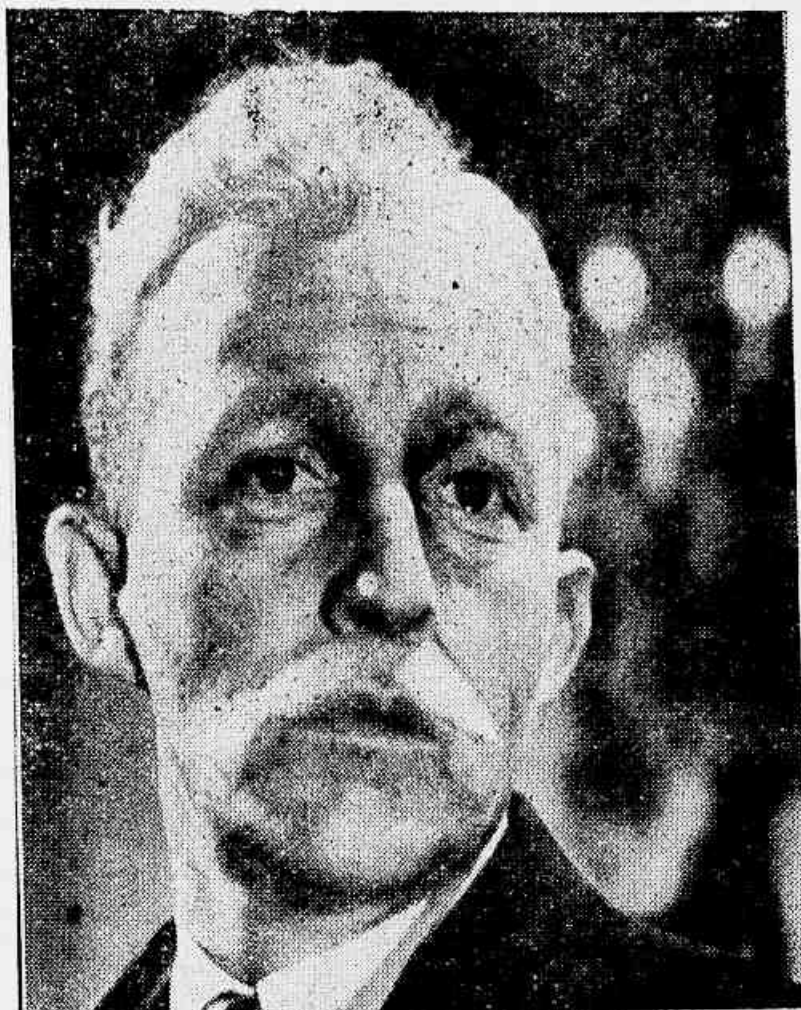
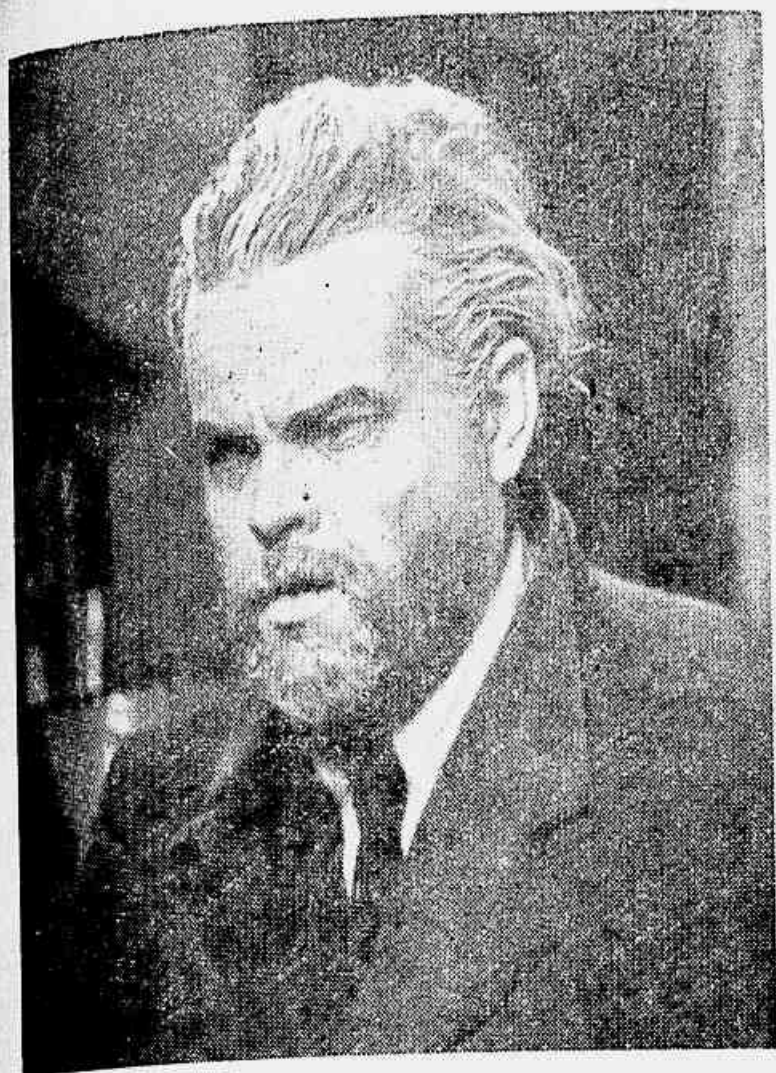
(Continua na pág. 53)





Ao alto, à esquerda, Cornel Wilde no papel do filho de Robin Hood; à direita, Ian Keith, no papel de Chester Gould, em filmes baseados nos desenhos em quadrinhos das aventuras de Dick Tracy. Em baixo: à esquerda, Jack Benny, em "A Tia de Carlitos" e, à direita, Walter Slezak, em "Sinbad, o marujo".





Em cima, à esquerda, Orson Welles, em "O amanhã é eterno"; ao centro: Bing Crosby, numa caracterização de velhote; e à direita, Burgess Meredith, no papel do coronel maluco de "Segredos de Alcova", filme que ele próprio produziu.

A DIFÍCIL ARTE DA CARACTERIZAÇÃO...

Os artistas de cinema não precisam ter a mesma habilidade dos de teatro, porque os estúdios têm a seu serviço verdadeiros magos — Um punhado de caracterizações famosas.

Por LUIS SERRANO

(Correspondente especial de REVISTA DA SEMANA e de A CENA em Hollywood).

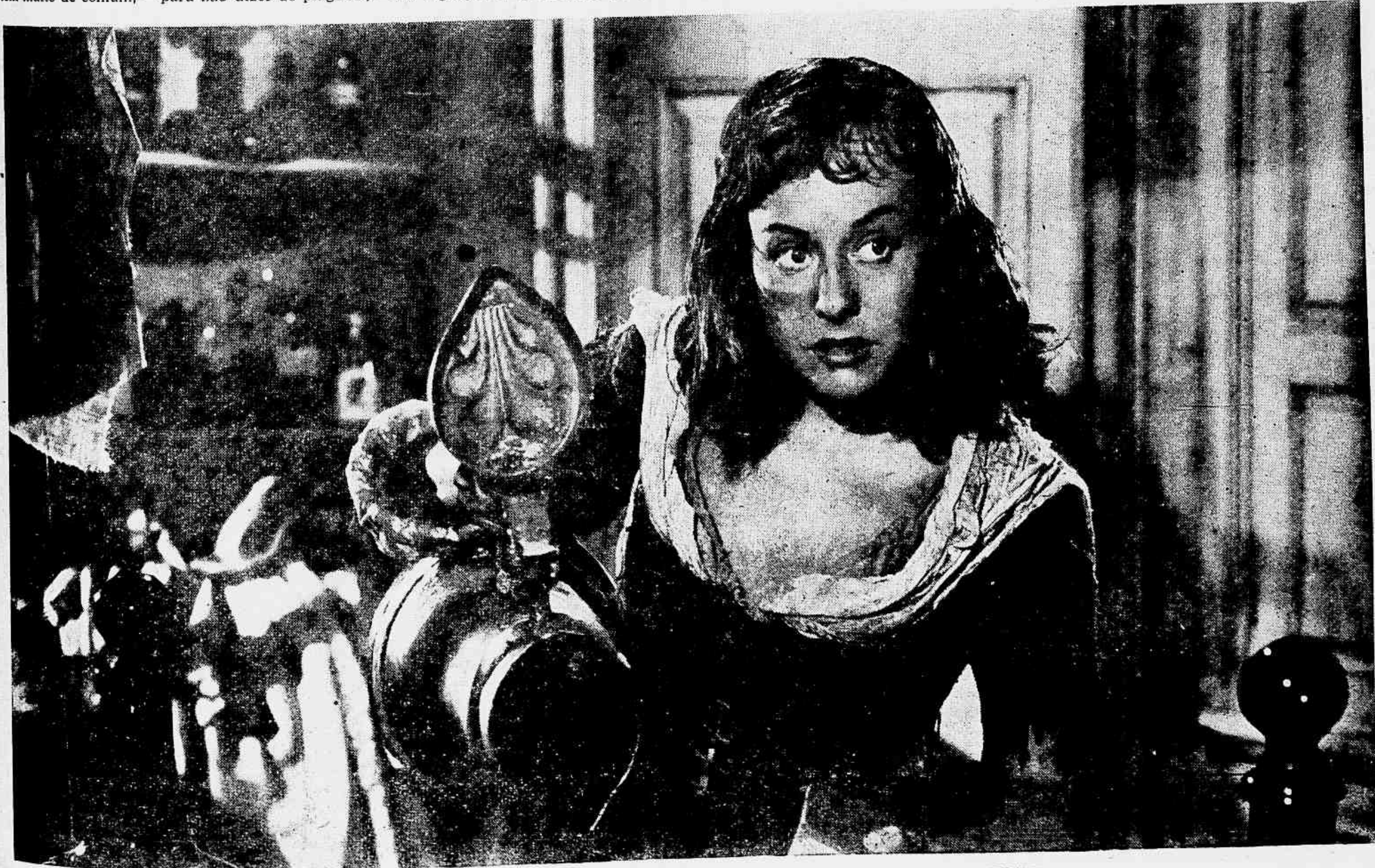
HOLLYWOOD, novembro — Quando se fala em artistas característicos no teatro e no cinema, deve-se estabelecer desde logo uma distinção. O artista característico no teatro muitas vezes trabalha ele próprio no seu "make-up", envelhecendo ou remojando conforme o papel exige, apresentando careca ou com abundante cabeleira, imberbe ou barbado, mediante, o mais das vezes, uma contribuição pessoal. Mas, no cinema, se o ator, — ou a atriz, conforme o caso, —

não tem nenhuma habilidade especial como característica, isso não tem a menor importância. Sim, não tem importância alguma, porque a maioria dos atores característicos de Hollywood nunca chegou, sequer, a meter o dedo num pote de creme, para com ele lambusar a ilustre carantonha... Os estúdios têm à sua disposição verdadeiros magos, que não só conhecem colas especiais, tintas e matérias plásticas que se confundem com

a própria carne dos artistas, como ainda têm estudos verdadeiramente científicos sobre a luz e a fotografia, sabendo sempre como obter bem os efeitos que procuram. Não causa espanto a ninguém ver um diretor cinematográfico escalar um homem relativamente moço, como Richard Haydn, por exemplo, para fazer o papel do imperador Francisco José, da Áustria, num filme como "The Emperor Waltz", que ora está sendo filmado na

Paramount, com Bing Crosby e Joan Fontaine. Porque o maquilador da Paramount, em primeiro lugar, lhe repuxa o cabelo para trás, veste-lhe na cabeça uma espécie de touca e, em seguida, coloca sobre essa touca o que a toda gente parecerá o couro cabeludo do velho imperador. Depois disso, com pele de peixe ressequida e cientificamente preparada, as bochechas do ator são aumentadas, infladas, com as rugas características da

A encantadora artista Paulette Goddard, em uma cena do filme "Flor do Lodo", caracterizada como uma espécie de vagabunda das sargetas de Londres. Na verdade, o argumento tem muito de comum, — para não dizer de plagiado, — do Pigmalião, de Bernard Shaw... A medida que ela melhorava de pronúncia, melhorava de condição social, acabando duquesa...





Em cima : Bob Hope e Dorothy Lamour, como dois trêmulos velhinhos, numa fita cômica da Paramount Pictures. Presentemente, os cinemas norte-americanos exibem uma nova versão de "Monsieur Beaucaire", paródia cômica ao filme romântico de Rodolfo Valentino. Em baixo : A esquerda, Ray Milland, ator premiado pela academia de Artes e Ciências Cinematográficas e pelo Festival Internacional de Cinema de Cannes, na França, caracterizado como um rústico "cow-boy"; ao centro, William Powell, num pitoresco "travesti"; e à direita o ator característico Charles Laughton, que já foi o corcunda da Notre Dame, no papel de um pirata famoso, o capitão Kidd.



idade avançada. As sulcas brancas e as sobrancelhas abundantes e também brancas são colocadas em seguida. E assim, ao fim de duas horas e meia de minucioso trabalho, não há quem não diga que não é o verdadeiro imperador Francisco José, da Áustria, que ressurgindo de sua tumba, está passeando em frente da "câmara" cinematográfica... Este é um caso entre muitos, entre milhares...

Paul Muni, que sempre foi considerado um autêntico "ás" das caracterizações, costuma confidenciar aos jornalistas:

— Muita gente me atribui a semelhança do meu tipo físico com Pasteur e com Emile Zola, o que é uma grave injustiça ao pessoal da "maquillage" do estúdio, que estudou pacientemente durante vários dias, o que melhor convinha, quando da filmagem de "A vida de Louis Pasteur" e de "A vida de Emile Zola". Não levarei minha modestia ao extremo de atribuir a eles todo o meu trabalho. Não. Eles prepararam o meu exterior de velho cientista ou de velho escritor — e eu tratei de preparar o interior e de completá-lo com detalhes de mímica, de gestuação, de modulação da voz... Mas posso declarar que nós atores característicos, às vezes devemos pelo menos cinquenta por cento do nosso êxito a esses diligentes colaboradores dos estúdios cinematográficos...

William Powell, que ora trabalha no papel de Clarence Day, em "Life with father", na Warner Brothers, vestiu-se de mulher em um dos seus filmes, "Meu adorável maluco", mas não leva a sério essa excentricidade. E diz:

— Considero o meu melhor trabalho de ator característico o papel que fiz, há muitos anos atrás, em "Beau Geste". Depois disso, fiz muitos bandidos e muitos galãs. Só há uma coisa que distingue os "bandidos dos galãs"... Os bandidos beijam as mulheres e não casam. Os galãs casam... e depois apanham com o rolo da cozinha na cabeça... Agora, estou fazendo em "Life with father" um papel excelente. Pouca caracterização exterior, mas muitos detalhes interessantes...

Orson Welles declara:

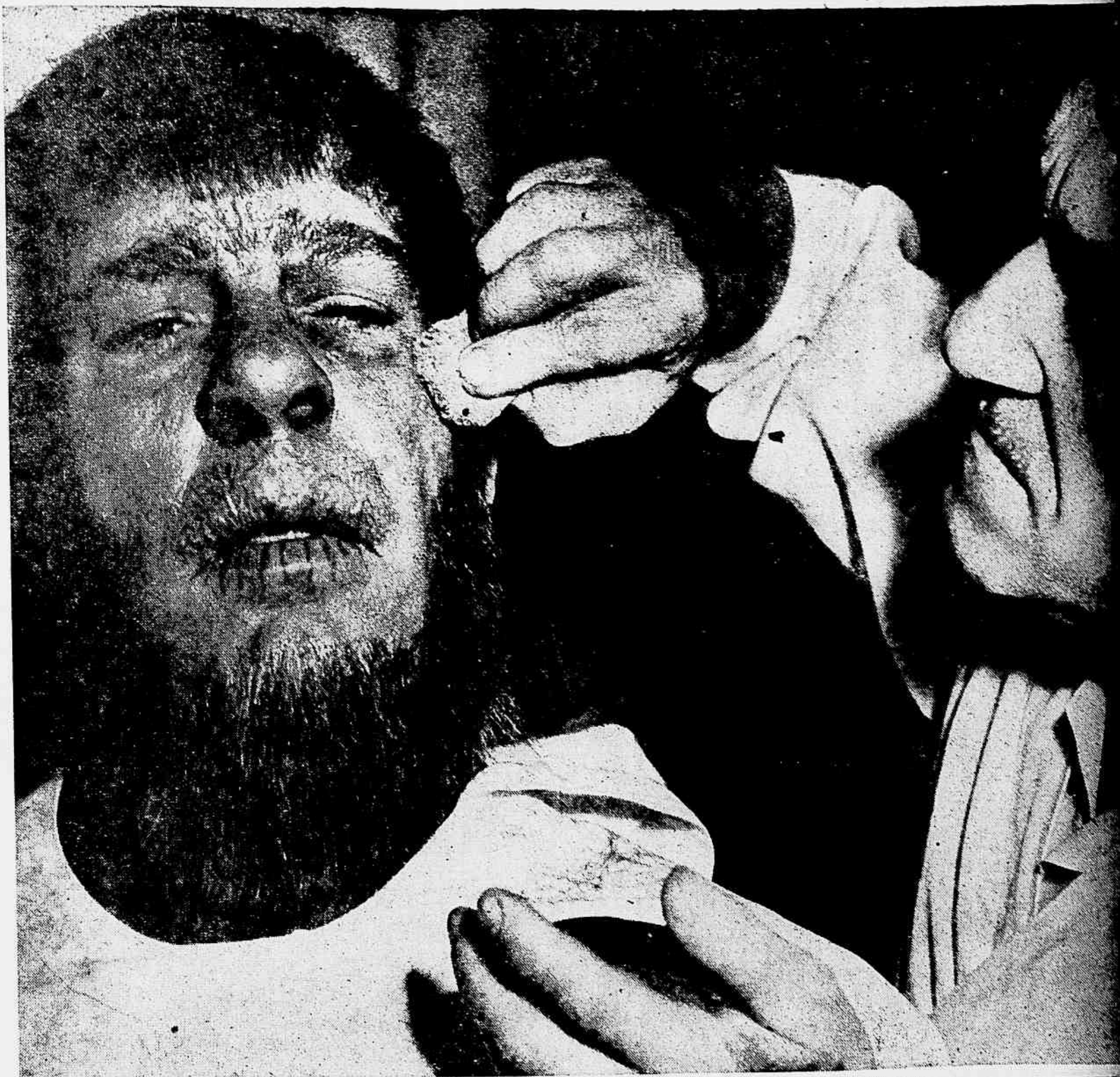
— Em "O Amanhã é eterno" tive um excelente papel, o do primeiro marido de Claudette Colbert. Não me foi difícil manter a minha voz no mesmo diapasão grave, nem aparecer com o rosto coberto de espessa barba... Acho que a minha melhor caracterização ainda foi a de "Cidadão Kane"...

Bing Crosby, que ora filma "The Emperor Waltz" na Paramount, fez de brincadeira uma caracterização de velho, apenas para dar um troço em seu colega Bob Hope e em Dorothy Lamour. Mas, aparecendo assim no estúdio, sugeriu uma idéia aos autores do argumento de "Dois malandros e uma garota": a de incluir no filme uma cena que os três assim aparecessem caracterizados.

A Universal, de todos os estúdios de Hollywood, a que gasta mais dinheiro com o material de caracterização. É que essa companhia tem uma fábrica de monstros, como o famoso Lobishomem de Londres, Drácula, o monstro do Dr. Frankenstein e outras criaturas mais ou menos pacatas Jack Owan, o mais perito fabricante de monstros de Hollywood, não precisa se preocupar com

(Continua na página 55)

Ao lado, Jack Dwan, fabricante de monstros da Universal, prepara, em cima, o Lobishomem de Londres na cara de Lon Chaney Junior e, em baixo, o monstro do Dr. Frankenstein, na cara do ator Glen Strange



NA tarde triste a senhora Guinard era envolvida por aquela idéia contida e forte como o som teimoso de uma nota de música caída sempre na mesma tecla. Via a todo instante a menina rosada e terna de olhos tristes e mansos ora junto do piano, ora deixando um sorriso enigmático chegar até os seus olhos. A menina crescia, fazia anos, andava pela casa inteira, vestia-se de cores leves como o azul dos seus olhos ou de rosa, da cor fresca do seu resunho silencioso. Havia muito que ela vivia ali diante dos olhos da senhora Guinard. Ela devia fazer anos justamente naquele mês, em algum dia daquele barulhento, alegre e frio mês de dezembro. E a senhora Guinard escolhera o dia. Porque não havia de ser o dia 24, véspera de Natal? Seria justamente esse o dia escolhido. Tinha a certeza, como se fosse Deus que tivesse lhe mandado um aviso, que a sua filha teria nascido naquele dia se a maldade de Guilherme e do Dr. Schultz não a tivesse alcançado. Como sentia ódio deles e de todas as outras pessoas, exceto de Matilde.

Já se tinham passado nove dezembros. E nessa tarde, na primeira nevada do inverno a sua filha imaginária devia fazer nove anos. Imaginária para os outros, para senhora Guinard a menina existia como existiam todas as coisas que estavam nos seus determinados lugares dentro daquele imenso casarão que ficava tão branco levantado naquela planície verde. Todos a tinham deixado. Guilherme, até Guilherme, já se tinha ido. Com ela ainda continuava a sua fiel servigal Matilde, talvez porque a quisesse muito e conhecesse bem a sua história. Talvez o que tornasse a casa assim vazia, fosse aquela sua teimosia de dizer a telmar com todos que a menina estava sempre em casa, pensava. Mas se ela ali estava, porque então acharem estranha essa sua afirmativa? Não compreendia bem. Sabia e tinha a certeza que junto de si estava, em todas as horas, a sua doce filhinha. Ela tinha o seu nome como todas as meninas do bairro e corria às vezes pelo quintal apanhando as ameixas que caíam vermelhas e doces. Será que mais ninguém podia ver isso? E quantas vezes a Matilde viera ouvi-la correndo porque ela ficava chamando tanto a menina, gritando demais, uns gritos agudos, chamando-lhe desesperadamente, e sentia que quanto mais gritava mais a sua filha lhe fugia. Por isso sempre dizia que não gritaria nunca mais. Ilze parecia gostar dela só quando ela estava tranquila.

Desde que saíra daquela triste casa de saúde, onde a tinham deixado para tratamento, aquele estava sendo o seu dia mais tranquilo. Podia rezar e até pensar um pouco em tudo o que se ti-

nha passado antes de Paris. Ela bem que podia recordar melhor nessa tarde de primeira nevada, como tudo acontecera: Guilherme estava sendo chamado na França, por um editor. A vida não era lá muito fácil para nós um par de recém-casados, pobres, sem dinheiro, sem nada e ele como escritor quase nada podia ganhar. Vivíamos uma vida boa, apesar de tudo. Certa vez escrevera um livro e mandara para a França por intermédio de um amigo influente. Eis a razão de tê-lo mandado chamar o editor francês. O negócio era ótimo e de maneira nenhuma poderia ser desprezado. Guilherme estava radiante. Estávamos no mês de abril e eu me sentia muito feliz. Fui ao mercado comprei ostras e mandei Matilde preparar o melhor jantar do mundo com que queria surpreender Guilherme. Lembro-me bem, sim, e não podem me chamar de louca, pois todos podiam ver se aqui estivessem agora que eu posso me lembrar perfeitamente... Eu vestia um vestido de lã rosa, abotoado até a cintura e usava uma flor no ves-

pria... que aquele momento era o nosso momento, que estávamos felizes porque vivíamos um para o outro e que nas condições em que eu me encontrava era impossível acompanhá-lo. Tinha que ficar na Suécia esperando que a criança nascesse. Eu não podia falar nada. Fiquei tão desolada que mal podia encontrar compensação para a minha tristeza, no rosto querido de Guilherme. Positivamente eu não queria ficar sózinha. Ele também não me queria deixar e pediu-me que o fizesse por ele. Que precisava de mim, que estávamos em começo da nossa vida conjugal, que ele sentia saudades, que não se acostumaria com outra secretária para ajudá-lo no seu trabalho intelectual, que sózinho não realizaria nada e eu comeci a ceder.

No dia seguinte fomos ao Dr. Schultz, que fora um grande amigo de meu pai, amigo também dos pais de Guilherme, enfim, homem de nossa inteira confiança e amizade. Guilherme contou-lhe tudo

comecei a ficar com medo dele. Beijou-me muito e me disse que eu já estava livre. Desde aquela dia fiquei diferente para Guilherme, para mim mesma, para toda gente. Para mim a vida tinha fugido inesperadamente.

Fomos para a França e ele começou a ser grande. O seu nome cresceu, ele ganhou muito dinheiro e me deu muitas coisas que eu não sei onde estão.

Um dia Guilherme me levou a um aniversário de uma menina, filha de um amigo. Era uma linda criança. Era parecida com a minha filha. Sim a minha filha devia ser assim mesmo, terna, melga, sorridente. Parecia que eu estava vendo a minha filha. Comecei a senti-la muito perto de mim. Ali estavam os presentes, os brinquedos, os doces tudo como gostaria a minha filha e eu fiquei pensando, pensando sempre. Já não tinha outra coisa que fosse mais forte para entrar no meu pensamento. Só aquela idéia sobre a minha filha. Ela estaria crescendo, falando, chamando por mim, depois, aprendendo a ler... E eu fui desprezando tudo, esquecendo tudo. Fugiu de Guilherme e vim ter de novo aqui, na minha velha casa, onde nasceu dentro de mim a minha adorada boneca de carne, a minha filha que não pôde nascer.

Todos pensam que não raciocino bem quando eu lhes digo que moro aqui com a minha filha. Só Matilde me acredita. Só Matilde pode vê-la também. E é por isso que todos se vão. Ele também se foi. Ele foi pior do que o Dr. Schultz, mais cruel, mais sem piedade. Agora que o Dr. Schultz já morreu, não pode ver quanto é linda a minha filha. E Guilherme? Não, não deixarei que entre aqui para vê-la. Ele quis matá-la... E matou-a, mas eu tive forças, eu a construí outra vez com o meu pensamento. Nunca mais ela tornará a morrer e será sempre só minha. Nunca chega muito perto de mim, mas anda pela casa toda, eu lhe compro vestidos e brinquedos, dou-lhes lições de piano e lhe conto muitas histórias.

Hoje é o dia do aniversário dela e por isso cortei as flores do jardim. Ali está a mesa, cheia de rosas rodeando o limbo do bolo com nove velinhas azuis, da cor dos seus olhos. Está tão crescida a minha filha! Ela viverá aqui e será dela essa casa e esse jardim de rosas da Itália. Terá todos os anos sua festa de aniversário e eu cortarei todas as rosas que florescem no jardim e enfeitarei a mesa. Ela fará dez, onze, doze, treze, quatorze anos e depois estará uma moça...

No dia em que ela fizer quinze anos, nós sairemos as duas, correndo por essa praia sem fim e iremos lá muito longe onde começa o azul, apanhar muitos es-

A OBSESSÃO DA SENHORA GUINARD

Conto de LAUSIMAR LAUS GOMES

tido. Depois que cheguei do mercado arranjei a casa e cortei quase todas as rosas para enfeitar a mesa, o piano e tudo. Estava contente por dois motivos: um o êxito de Guilherme e outro, um grande motivo para mim, o supremo motivo para alguém se alegrar: eu ia ter um filho quando se passassem mais alguns meses. Contei tudo à Matilde. Em primeiro lugar à Matilde porque ela é a mãe que eu conheço desde que a minha morreu. Ela ficou tão contente... Depois à noite na hora em que costumávamos sentar junto à lareira, depois do jantar, eu estava sentada no colo dela e ele me beijava quando eu lhe contei. Foi uma grande surpresa para mim. Ele ficou triste, franziu a testa como se a notícia que eu lhe acabara de dar fosse de morte, de doença, de desastre. Nem quis lhe perguntar o motivo do seu contentamento. E a minha obsessão começou a doer muito como também me doía toda aquela máquia que ia me afogando, afogando... Ele me beijou e disse que lamentava que isso tivesse que acontecer justamente assim, numa época impró-

e o convenceu também. Depois mesmo de ter combinado tudo eu sentia que não poderia fazer aquilo. Estava na janela naquela tarde. Faltava apenas mais uns dias para que o navio nos levasse à França, quando recebi a visita do médico.

Antes mesmo de falarmos sobre o motivo que o levava à minha casa eu já sentia como se estivesse anestesiada. Durante o chá que foi servido em intimidade eu só respondia o que me perguntavam e isso com um grande esforço para usar as palavras necessárias. Eu estava aborrida, diferente do que sempre fora mas de nada mais me lembro agora, isto é do que se passou, depois daquela exqu岸ta mesa de chá. Desde então não posso ver uma xícara de chá. Sei apenas que uma coisa horrível me aconteceu. De tudo, posso somente me lembrar que eu estava na cama quando o rosto de Guilherme surgiu, muito grande, tão grande de me deixar assustada e eu

du-
va
le
ra
gl-

ou-
le
as
ni-
un
re-
fi-
ga,
do
uto
es,
os-
do,
col-
no
bre
for-
ren-
tur-
her-
ve-
min
mi-

bem
com
litz.
por
a se
ultiz.
que
ver
her-
aqui
atou-
our
unca
mpre
o de
lha
lhes
his-

por
está
lin-
a cor
mi-
dela
Itá-
ant-
que
essa.
torze

amos
essa
longe
s es-



ANTIGA VILA ACADEMICA

AQUI estão três moços. Não consentiu a sorte que nenhum passasse de simples estudante, assegurando-lhe contínuo favor de vida longa na memória brasileira. Aqui estão Alvares de Azevedo, Castro Alves, Fagundes Varela. Frequentaram a mesma Faculdade, a de Direito de S. Paulo. O primeiro ao pretender grau de bacharel em ciências jurídicas e sociais, bacharel já era, diplomado em letras pelo Imperial Colégio Pedro Segundo.

Alvares de Azevedo e Varela eram filhos de advogados, Castro Alves tendo pai médico e professor de medicina. Escolheram carreira diversa da paterna, Castro Alves o fazia livre de qualquer influência ou insubordinação familiar, é de supor.

Quinto anista atingindo fim de curso puxado, Alvares de Azevedo enfermou e ao saltar de idéias lúgubres, pensou em bacharelar-se em Pernambuco.

Ninguém fugindo à sua sina, um traço triste uniria as sinas de Alvares de Azevedo, Castro Alves e Fagundes Varela. Teriam morte prematura, por eles apressada ao desenfreio de excessos próprios da mocidade, esta por demais costumando descontar o primeiro vigor da vida nem a todos concedido.

Em 1852 aos vinte e um anos, morria Alvares de Azevedo. As últimas horas de existência em lucidez, inspiraram-lhe as endexas do "Se Eu morresse Amanhã". De tão pungente, a poesia dá a impressão de alguém que se sentindo escorregar para a morte se agarra às bordas da vida em supremo esforço salvador. "Presentindo glória no futuro", Alvares de Azevedo cerrou os olhos para sempre.

Não vá sem reparo o ter provocado sensação pública o desaparecimento de Alvares de Azevedo. Despertou manifestação de luto no Rio de Janeiro e em São Paulo. A imprensa da época, mesmo em relação a personagens, não era pródiga em necrológicos de numerosas linhas. Entretanto deu homenagem sem avareza a Alvares de Azevedo, simples estudante.

Ao morrer Castro Alves, em 1871, já os jornais não eram tão lacônicos quanto a necrológicos. A imprensa da época chorou com mais abundância de pezares a morte do cantor dos "Escravos", que, por pouco, não conheceu a lei 28 de setembro, de primeira aurora há longa noite do cativo negro.

A morte esperou mais tempo por Varela, desaparecido em 1875, aos vinte oito anos bem fadados e mal empregados para mal de lira mais sonora que ditosa.

Postos em memória os três poetas, evoque-se o meio social em que existiram, o meio acadêmico, considerando-o em São Paulo.

Maneco Azevedo, Cecér Alves, Luis Nicolão moravam em "repúblicas" paulistanas, habitações onde a ordem deixava a desejar, confiado a poucos estudiosos arvorados em donos de casa, estúdios aqueles que apesar de estudantes eram não raro estudantes.

Na "Lyra de Vinte Anos", em "Idéias Intimas", Alvares de Azevedo pintou com leve traço o interior da sua "república" dizendo que nela, e por dedução em outras "repúblicas", chegava a hora de

...na mesa de estudo acender a lâmpada.

Tinha esta de iluminar páginas de compêndios ou de cadernos nos quais eram lançados a limpo os apontamentos tomados à pressa ao ouvir as lições da Ilustrada Ca-deira, do lente seja dito com mais simplicidade.

Não havia que fugir da mesa de estudo. A sombra do R acompanhava o estudante por todo o ano letivo. Sobre tudo para vadios o ensino superior obrigatório era coercitivo, permitindo ele aos bons estudantes a revelação de méritos que havia de recomendá-los na entrada da vida pública, facilitando princípio de carreira.

Também presagiavam glória aclamações da mocidade acadêmica de S. Paulo. Basta lembrar o começo de carreira musical de Carlos Gomes compondo o "Hymno Acadêmico" para não muito mais tarde compor o "Hymno Americano", isto é, a sinfonia do "Guarany".

Ao narrar vida de Carlos Gomes, Luis Guimarães Junior, em ensaio biográfico do artista campineiro, a propósito deste diferencou o acadêmico do Recife do acadêmico de S. Paulo.

"O estudante de S. Paulo ha de ficar como o typo do verdadeiro e unico estudante das faculdades brasileiras. A vida de S. Paulo pertence-lhe por direito de conquista e... de espirito".

Disse-o Luis Guimarães em 1870.

Assim foi de 1829 a 1879, ano em que a decretação do ensino lírico começou a desapertar os laços da convivência universitária bem afrouxados em 1889 quando o golpe da República os cortou.

Nos antigos estudantes de S. Paulo, calouros ou veteranos, que amor à "sua" Academia Como a estremeciam, ciosos do seu prestígio! Ofensa, mesmo suposta, à "Casa das Arcadas" era ofensa a classe inteira tomando as cores da ofendida.

Um exemplo dado por Luis Guimarães Junior: Em 1859 chegou a S. Paulo, assaz baldo de diversões contí-

nua, uma companhia teatral. Dirigia-a o Sr. Bartoluci. Será necessário indicar o homem como italiano ou o tramento e o nome já o indicam de pronto?

A companhia Bartoluci constava de oitenta... ratos, amestrados pelo empresário que, paciência a paciência, lhes ensinara manobras militares.

Nas noites de récita singular enchia-se o teatro. Lá estavam os estudantes aplaudindo, rindo, pilheriando, nenhuma atriz a namorar. Todos os atores de focinho e cauda eram indistintamente chamados à cena e palmados.

Releu o dia 11 de agosto de 1859 para mal do Signor Bartoluci. Onze de agosto, data sagrada para a mocidade acadêmica!

Comemorava a fundação dos Cursos Jurídicos no Brasil. Dia de renovado júbilo juvenil partilhava-o a cidade de S. Paulo. A noite sarau na Academia, os edifícios públicos, até casas particulares, iluminados. E o teatrinho do Bartoluci às escuras!

A mocidade acadêmica tomou a peito a ofensa, data tradicional não comportava revide imediato em esperar.

Bartoluci dentro em pouco anuncia espetáculo. Os acadêmicos enchem o teatro. Ratos em palco, manobram. Um estudante (Luis Guimarães) declarou reservar-lhe o nome com a maior discreção) lança um gato entre ratos evoluindo militarmente. Estabelece-se fulminantemente a indisciplina seguida de pânico, salvasse-se o rato que pudesse. Isto também se vê nas horas da derrota em campos de batalha.

Bartoluci — segundo Luis Guimarães — arranca os cabelos, quase desmaia. "Desapareciam a sua indústria com a velocidade de quatro pés amedrontados".

Arrepende-se logo o autor da façanha, promove subcrição e rende ela tanto que com o seu produto "o bom do italiano" se quisesse poderia comprar todos os ratos das cinco partes do mundo". Para todo sempre lembrar-se o amestrador de ratos da fundação dos Cursos Jurídicos no Brasil.

No meio acadêmico paulistano viveram Alvares de Azevedo o paulista, Cascaes Alves o baiano, Varela, o fluminense, todos conhecendo bem de perto aquele meio, estudioso, folgazão, vingativo para logo generoso.

Castro Alves espalhou saudades em honra de São Paulo nos "Versos de um viajante":

"Tenho saudades ai de ti, São Paulo
Rosa de Hespanha no hiberna! Riul
Quando o estudante e a serenata acordam
As bellas filhas do paiz do sul".

Complete estes quatro versos um só verso do mesmo Castro Alves exclamando:

"Ó Paulicéia, ó Ponte Grande, ó Glória".

Indo caminho para as serenatas de estudantes, entre vozes, acompanhamentos de flauta e violão. Bandos notívagos pondo-se de rumo à Ponte Grande, ao fluir de água, do Tietê, à Glória descendo ao Lavapés para os longes do Ipiranga e do seu Riacho batizado pela história pátria.

Modinhas de serenatas, conhecestes versos de Varela adaptados a música e inspirados pela Ritinha que fazia então andar à roda muitas cabeças, inclusive a de Varela.

"Irmã dos Anjos" a Ritinha no parecer de Varela. "Dos anjos decaídos acóde em restrição Vicente de Azevedo para dizer adiante:

"As escadas da casa da Irmã dos Anjos gaugouros Castro Alves, meia dúzia de anos depois de Varela descê-las. Casa aquela a conhecer dias de fausto, de rica prataria usada por quem sabia corresponder a moços". No futuro um dos adoradores da Irmã dos Anjos chegou quase a dirigir uma Nação.

A Irmã dos Anjos conheceria que *tout passe, tout casse, tout asse*, diga-se-o em francês porque em português perderia graça.

Num ensaio sobre Varela, Mario Villalva noticiou o fim da Irmã dos Anjos numa casa religiosa do Rio de Janeiro.

Fôra apaixonada de Varela uma figura de amor no meio acadêmico, de aspectos de prazer e de estroínico, aos quais se contrapunham outros aspectos de trabalho e seriedade, no secularizado convento de S. Francisco onde negras bécas de lentes substituíam buréis "marrons" de monges franciscanos.

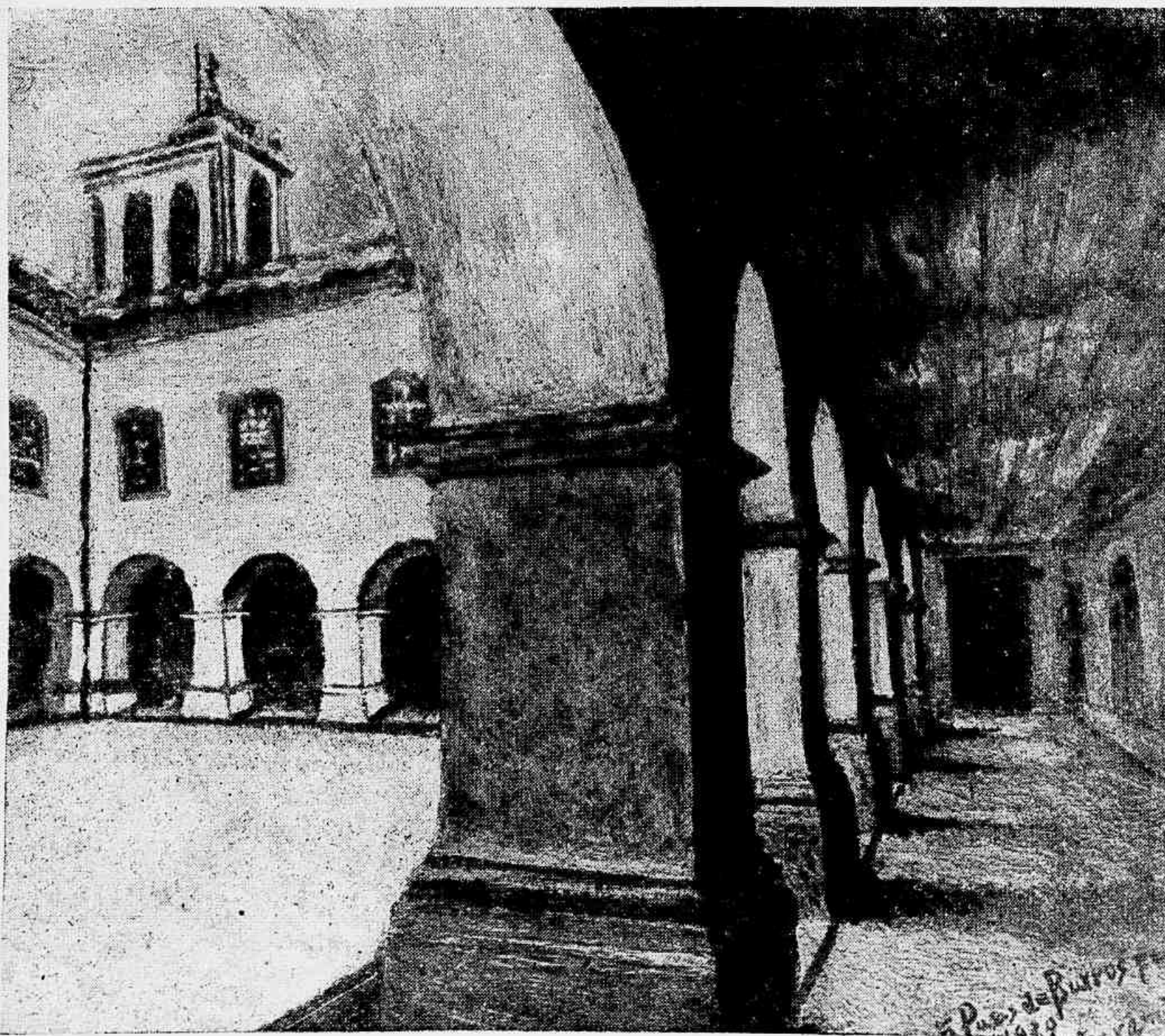
A Faculdade tinha vida especial, a das presenças em aula, quarenta faltas fazendo perder ano, vida de atenção às chamadas a lições as arquições de estudante a estudante, à manutenção de conceito junto a professores, a colegas, à necessidade de fazer figura nos exames o "simplesmente", da bola preta de reprovação num bom falar.

A "Revista da Faculdade de Direito de S. Paulo" tem entendido publicar provas de antigos alunos seus notáveis notabilidades, tais um Lafayette assim o Segundo Rio Branco. A publicação daqueles trabalhos escolares é espelho do viver de outrora, mostrando um Brasil em nada parecido com o atual, de dias incertos em século de sordentado.

A "Revista da Faculdade" estampou uma prova de Varela. Por ela estamos a divisar o poeta explamando gravemente uma questão de Direito obrigado a esquecer momentaneamente a Irmã dos Anjos, esta em provinciano arremedo de "Dama das Camélias" nesse S. Paulo frígido onde aquelas flores alvejam ou roselam tão suscetíveis tão lindas.

ESCRAGNOLLE DORIA

Claustro do convento de S. Francisco, onde deu séde a antiga Faculdade de Direito de S. Paulo.
Desenho de Renato Paes de Barros.





CARLOS GUAGLIARDI, que vocês conhecem como Carlos Galhardo, também é paulista, e festeja seu aniversário natalício no dia quatro de abril. Seu peso não vai além de setenta e oito quilos, enquanto sua altura não ultrapassa um metro e setenta e quatro. Tendo exercido a profissão de alfaiate, acabou seduzido pelo rádio, passando a tomar parte num programa apresentado pela Educadora, que ficava ali na rua da Carioca, em outubro de 1938. Da PRB-7 foi para a Cajutí e, mais tarde, para a Cruzeiro do Sul, depois para a Rádio Sociedade e finalmente para a Mayrink Veiga, com a qual mantém contrato até março de 1947. Em São Paulo já cantou na Rádio Tupi, na Difusora, na Cruzeiro do Sul e na Pan-Americana. Seus grandes sucessos são "Cortina de Veludo", "Fascinação", "Sonhos azuis" e "O destino desfolhou". No cinema nacional, Carlos Galhardo tomou parte em "Vamos cantar", "Banana da terra" e "Sob a luz do meu bairro". Ao contrário do que muitos pensam, ele é solteirinho da silva, torce pelo América, aprecia uma boa macarronada, gosta de nadar, prefere a cor cinza e foi dono dos cavalos "Operina" e "Ojos negros", animais que correram no hipódromo da Gávea. Apreciador de teatro, é um fan entusiasmado de Dulcina de Moraes, enquanto que no cinema ele gosta de Clark Gable e Greer Garson. Também se distrai com a leitura, lendo Olavo Bilac, Machado de Assis e Aluizio Azevedo. Para o carnaval que se aproxima, fazem parte de seu repertório as canções populares "General, general", de Nassara e Fração, e "Depois de 35", de Osvaldo Santos e Nassara.



DIRCINHA BATISTA, expressão legítima de nossa música popular, é paulista de nascimento. Veio ao mundo a sete de abril de 1922. E já aos seis anos de idade, exibia suas qualidades vocais, interpretando as mais diversas composições, inclusive as de seu pai, o saudoso ventríloquo Batista Junior. Tal vocação levou Raul Roulien, após ouvi-la cantar o tango "Garufa", a incluí-la no "show" que então apresentava no teatro Santana. Assim, Dircinha fez sua estréia em público, cantando o samba "Moreno, me pegue, me jogue no chão...". Foi ainda em São Paulo, ao microfone da Rádio Educadora, a sua estréia no "broadcasting" nacional, que nela possui uma das suas atrações máximas. Da emissora paulista, veio para o Rio, onde Francisco Alves a contratou para a Tupi, pagando-lhe um "cachet" que não ia além de trinta cruzeiros... Com a evolução da radiofonia e o número cada vez maior de estações, a irmã de Linda Batista foi sendo cobçada por outros prefixos que, no afã de conseguirem seu concurso, não hesitavam em oferecer-lhe vantajosos contratos. Foi o que se deu com a Rádio Club, a Mayrink Veiga, a Nacional, a Ipanema e a Tupi, onde se encontra, presentemente, uma vez que o seu pedido de rescisão de contrato não foi atendido. Também o cinema interessou-se por sua pessoa, incluindo-a em "Alô, alô, Brasil", "Entra na farra", "Bombonzinho", "Abacaxi azul", "Futebol em família", "Laranja da China" e vários outros. Dircinha Batista é torcedora do Flamengo, devota de São Jorge, leitora de Cassiano Ricardo, Olavo Bilac, Stefan Zweig e Paulo Setubal. Não tem prato favorito, mas é um bocado supersticiosa. Diante de gato preto e sapato virado começa logo a "isolar".



CELSO GUIMARÃES é da promissora cidade de Jundiá, São Paulo, onde nasceu a 23 de novembro de mil novecentos e tantos... As primeiras letras, aprendeu-as numa escola local, indo completar seus estudos superiores em Campinas, no Liceu Nossa Senhora Auxiliadora, onde, por sinal, começou a demonstrar qualidades para "speaker", uma vez que era sempre o escolhido para falar nas solenidades do colégio. Formando-se em perito contador, deu início a novos estudos na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de São Paulo, ao mesmo tempo que começava a colaborar na imprensa, assinando tópicos e escrevendo versos. Do jornal para o rádio foi um salto, em virtude de sua qualidade de acadêmico, que lhe valeu ingressar na Rádio Record, num programa dedicado à classe estudantil. Dessa estação passou-se para a Rádio Cruzeiro do Sul comandando a "Rêde Verde e Amarela", tal como faz hoje no programa "Ondas Musicais" que é irradiado por uma cadeia de emissoras. Após regular atuação nesse prefixo, ingressou na Educadora Paulista, de onde saiu para ingressar na Rádio Nacional, que até hoje o mantém sob contrato, apesar de todos os boatos... Celso Guimarães, à testa do "Teatro em casa", revelou ao público brasileiro esse conhecido radio-autor que é Amaral Gurgel, além de contribuir para o alevantamento do nível cultural da programação do PRE-8. Autor de vários poemas, escreveu ainda "Escravo do sol", peça que focaliza o drama da seca. No cinema, tomou parte em "Fazendo fita", "Argila" e "Asas do Brasil", película que o fogo destruiu e, por fim, em "Luz dos meus olhos", da Atlantida, com Cilda Becker. Sua melodia predileta é "Olhos negros". Seu fraco, um livro de cheques.



A 27 de setembro de 1923, nascia no Distrito Federal, Norka do Nascimento, que radiofonicamente conhecemos por Norka Smith, ou melhor, senhora Paulo Renato, hoje exclusiva da Rádio Globo. Gostando muito da arte de representar e não podendo dedicar-se ao palco, por não ter consentimento da família, ela buscou no rádio o meio de dar expansão aos seus pendores artísticos. E o fez ao microfone da Tupi, orientada por Olavo de Barros e ao lado de Paulo Gracindo, Amélia de Oliveira, Carlos Frias e outros mais. Nessa emissora permaneceu pelo espaço de nove anos, dando o máximo de seu talento artístico para o completo êxito dos papéis que lhe foram confiados, como os das novelas "Canção da Bernadette", "O que a vida não ensina", "Pecado de amor" e "Romance de um anel de noivado", cujo capítulo principal marcou o fato culminante de sua existência, seu noivado com Paulo Renato, com quem, aliás, consorciou-se. Ao contrário de seus colegas, Norka Smith não gosta de futebol, empregando seu tempo na leitura das obras de Dostoevsky, Máximo Gorki, Romain Roland e Jorge Amado. Também não pratica esportes, embora seja apreciadora da natação. Azul, branco e vermelho são suas cores preferidas, apesar de usar vestidos marron. Sua altura é de 1 metro e quarenta e sete, embora seus sapatos a ajudem em mais alguns centímetros. Como artista, gosta de todos os colegas, com raras exceções, porque todos procuram sinceramente levar um pouco de sua arte ao povo através do microfone.

GENTE DE RADIO

DE QUATRO
EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS



João Luso, conversando com o seu confrade da Academia Brasileira de Letras, Sr. Clementino Fraga. É um fato interessante a assinalar: o primeiro livro de João Luso foi publicado exatamente no ano em que se fundava a Casa de Machado de Assis.

O JUBILEU LITERÁRIO DE JOÃO LUSO

Há cinquenta anos, publicava seu livro de estréia o nosso ilustre companheiro de redação — Seis perguntas e seis respostas interessantes — Daria mais de cem volumes sua colaboração esparsa em jornais e revistas — O porque de um pseudônimo.

1 — COMO PRINCIPIOU A SUA CARREIRA LITERÁRIA ?

— De um modo altamente audacioso e ao mesmo tempo muito tímido, como quem, atirando-se a um imenso empreendimento, "quase" tem a certeza de falhar.

Contava eu entre dezolito e dezenove anos; era ajudante de guarda-livros de uma casa comercial; estava apenas há um ano no Brasil; e as saudades da minha vila da Louzan me impunham o desabafo literário. Fui forçado a escrever. Já contei isto em letra redonda. Posso, porém, dar à REVISTA alguns pormenores... Inéditos. Em vez de me encaminhar para uma publicação de moços, das intituladas *Juventas*, *Aspiração* ou *Crisálida*, escolhi um jornal dos de maior prestígio e maior tiragem: o "Diário Popular". Ousadia incrível, mas, ao mesmo tempo, um medo de criança. Mandeí o meu primeiro conto, e verdadeiramente o meu primeiro trabalho escrito, pelo caixetinho mais novo da casa, com a recomendação, sob ameaça, de o entregar na velha redação da rua Quinze, sem revelar quem o enviava, sem uma palavra que me

João Luso comemorou, no dia 9 de novembro, o seu jubileu literário. Naquela data, há cinquenta anos, o nosso ilustre companheiro de redação publicava o seu primeiro livro. A Federação das Associações Portuguesas do Brasil celebrou o acontecimento, prestando-lhe carinhosa manifestação de apreço, no Gabinete Português de Leitura. Houve discursos em louvor do homenageado que agradeceu em palavras comovidas e cheias de afeto. Além dessa homenagem, João Luso tem recebido inúmeras demonstrações de simpatia e votos de congratulações de seus amigos e admiradores. REVISTA DA SEMANA entendeu que a melhor contribuição que poderia trazer aos atos festivos, que marcavam o jubileu literário de João Luso, seria obrigando-o a conceder-nos uma entrevista sobre os seus cinquenta anos de inatigável e honesto labor profissional no mundo das letras. Espírito sempre moço e sempre ágil, João Luso aqui responde ao questionário que lhe damos por escrito. Foram seis as perguntas, que apareçam em negrito, acompanhadas das seis respostas respectivas.

pudesse denunciar. Foi isto numa quinta-feira. Logo perdi a esperança de ver a obra publicada... Na segunda-feira aparecia ela, na primeira página, logo após o artigo diário assinado F.F. (Furtado Filho). Está claro que me apressava a mandar a segunda produção — mas com o mesmo rigor clandestino. Ainda não acreditava. Na outra segunda-feira lá vinha aquilo, no mesmo lugar honroso. A quarta vez, resolveu o dono do jornal, o velho José Maria Lisboa, retribuir-me a colaboração: dez mil réis cada conto. Tive que lá ir, para embolsar aquela espécie de direitos de autor. Eu, autor! Foi, pois, o velho Lisboa o segundo ente humano a conhecer o meu segredo; o primeiro, como já sabem, tinha sido o caixetinho. Sucederam-se regularmente as segundas-feiras de que mediante certa seleção havia de resultar o livro de estréia: "Contos da minha terra". Depois...

2 — QUE PROFISSÃO EXERCEU ANTES ?

Antes de ajudante de guarda-livros, não tive, como diziam os nossos maiores, ofício nem benefício. E aquela

João Luso, em 1922. Seu verdadeiro nome é Armando Erse de Figueiredo. Nesta entrevista ele nos explica o porquê desse pseudônimo.

mesmo, como se está vendo, me não ofereceu futuro algum.

3—FORMOU A SUA CULTURA ATRAVÉS DO AUTODIDATISMO OU DE QUE MANEIRA?

— Fui aluno, dois anos, do Colégio de S. Tomaz de Aquino, anexo ao Seminário de Coimbra, e, depois, hospede da casa de estudantes dirigida pelo Sr. Antônio das Batatas, na mesma cidade. Prestei no Liceu os exames exigidos para entrar na Escola Militar. Em razão da morte de meu pai e pela firme vontade que manifestei, em conselho de família, de se não comprometerem, com resultado incerto de tempo e de fortuna, os nossos modestos haveres, foi resolvido que eu — no último ano do curso de preparatórios — abandonasse os estudos e logo começasse a procurar trabalho. Quanto à cultura literária, propriamente, para o mister das letras, iniciiei-a no Brasil e tenho-a adquirido, tanto quanto possível, lendo o mais possível — nas horas vagas.

4—QUANTOS RODAPÉS ESCREVEU NO "JORNAL DO COMMERÇIO" ATÉ HOJE? SE PUZESSE EM LIVRO TUDO O QUE PRODUZIU, QUANTOS VOLUMES DE TREZENTAS PÁGINAS ACREDITA QUE TERIA PUBLICADO?

— A primeira das "Dominicais" apareceu em setembro de 1901, substituindo o folhetim "Sem rumo", de Urbano Duarte, e não as crônicas de Constâncio Alves, como, por deficientemente informado nesse ponto, disse há dias, um adorável camarada da imprensa. Temos, portanto, quarenta e cinco anos, já feitos, de "Dominicais". Atendendo a períodos de doença, em diversas épocas, e a outros contratempos — não, por exemplo, as viagens, pois sempre da Europa como dos Estados do Brasil, remeti o trabalho, pontualmente — devemos descontar, no máximo, um ano. Ficam 44; a 52 folhetins por ano, temos 2.288; para dar a essa produção a forma de livraria, calculemos generosamente 40 crônicas para um volume de 300 páginas; e assim obteremos 57 volumes. Isto só no "Jornal do Comércio" e sem contarmos os contos de Natal, inálveis desde 1902, as conferências, as notícias teatrais por alguns decênios, outras trabalhos ainda, de mais ou menos responsabilidade. Acrescentem-se agora 25 anos da REVISTA DA SEMANA, calculando-se por baixo, incluído o espaço das ilustrações, 52 páginas por ano; resultam 1.300 páginas que, também a 40 por volume, dariam 32 volumes. Os artigos para "A Noite" são de menores dimensões; digamos 80 por volume; em 15 anos, 9 volumes. Vêm a ser, ao todo... Não, esperem! E as colaborações, embora por poucos anos, em "A Noite Ilustrada" e "Vamos Ler"? e cerca de trinta traduções de peças em três ou mais atos? e encomendas avulsas, para números especiais de revistas, edições comemorativas, poliantéias, etc., etc? Quantos volumes daria tudo isso, em vez dos 22 que, já, de fato, tenho publicado? Pelo amor de Deus! Se me obrigassem a fazer a conta completa, de mais a mais com a minha antipatia pelos algarismos... ou vice-versa, não responderia por mim — nem pelas coisas ou pessoas mais próximas.

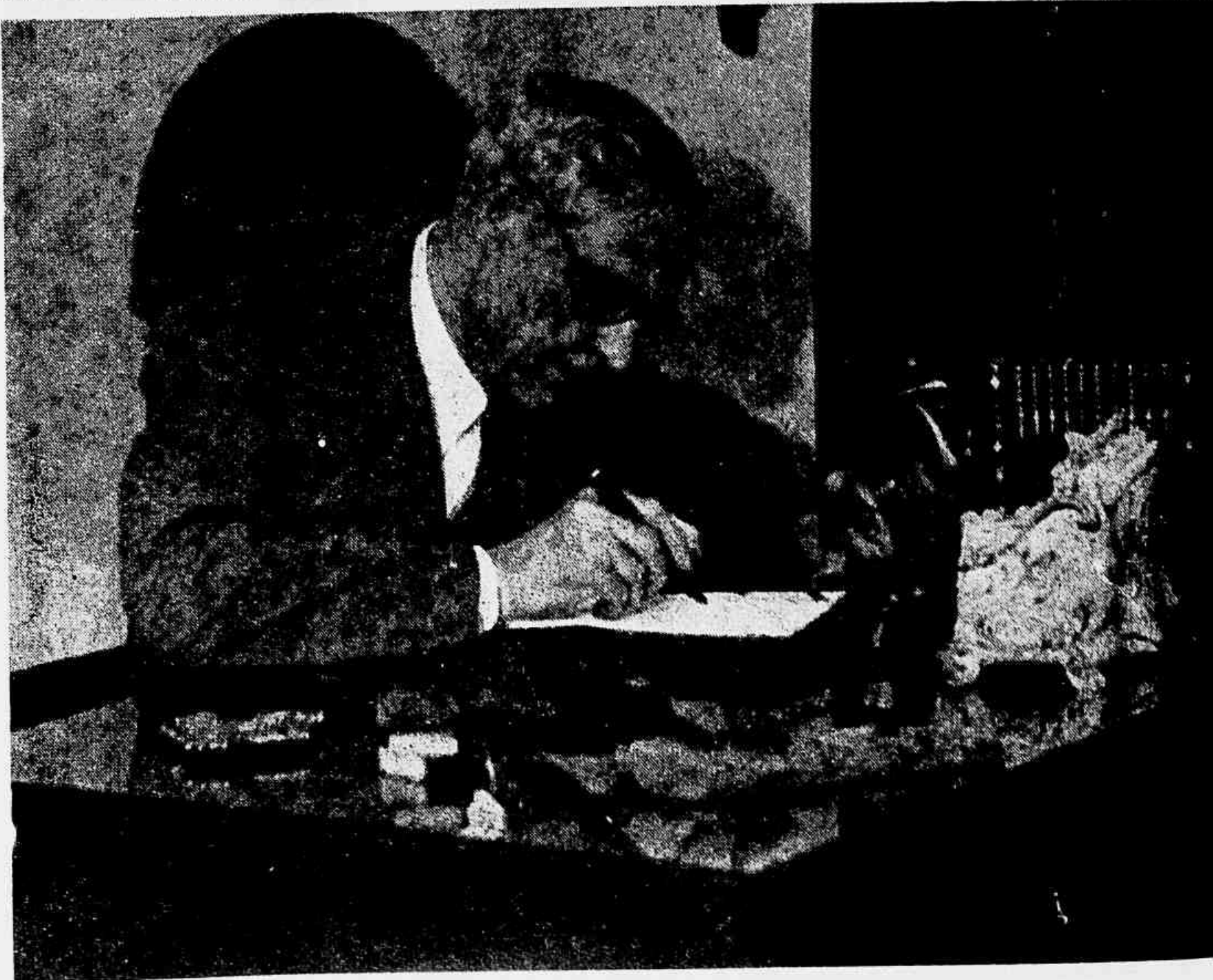
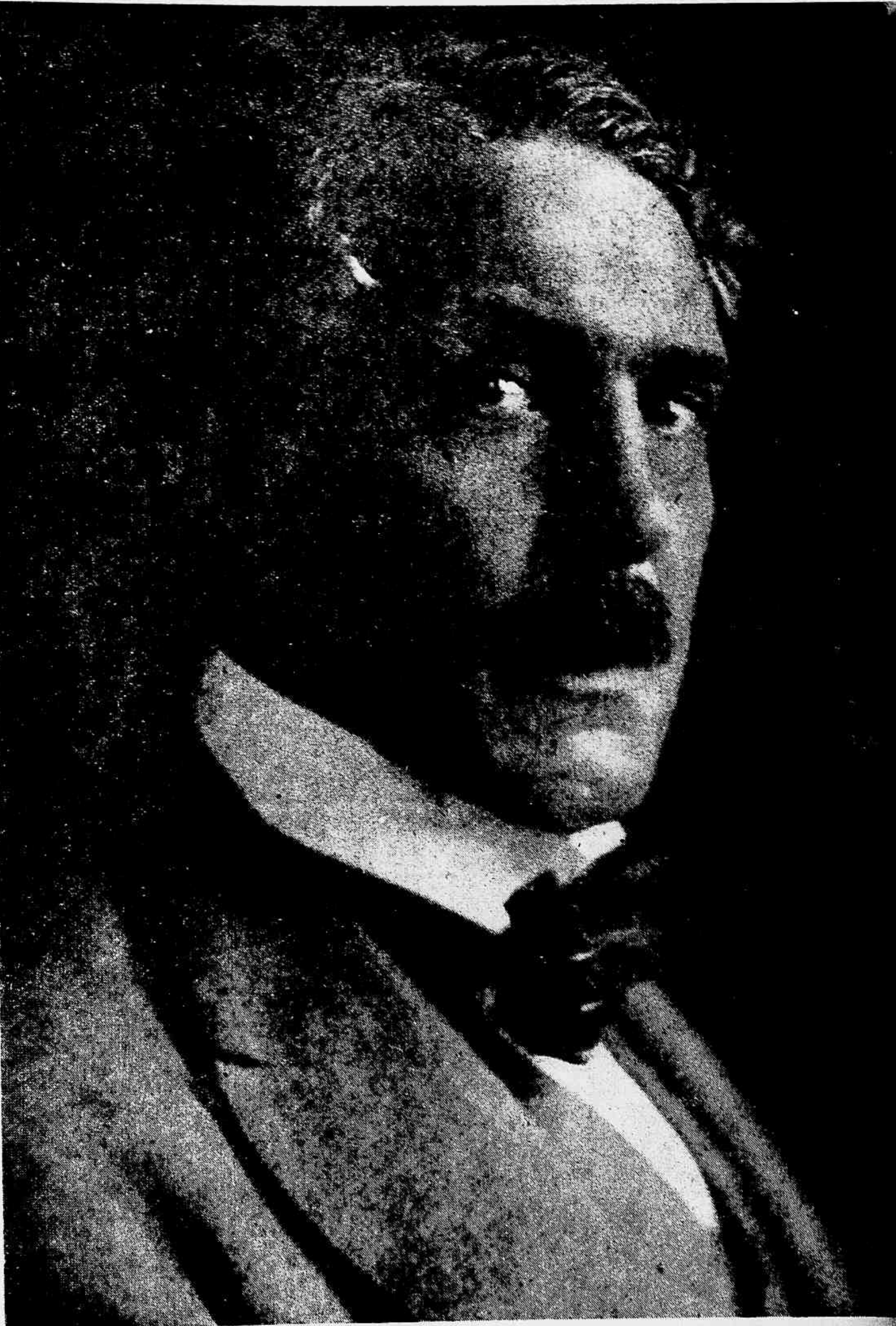
5—QUAL A MAIOR EMOÇÃO DA SUA CARREIRA LITERÁRIA? IMAGINOU, AO INICIÁ-LA, QUE, ALGUM DIA, VIRIA A SER MEMBRO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS?

— A primeira dessas perguntas, já "A Notícia" m'a fez, há dias, no plural, e respondi conforme pude. Rigorosamente, a maior não sei qual tenha sido. Talvez a que experimentei e não consegui dominar ante disfarçar, durante a sessão deste sábado, com a qual tão alta e generosamente me honrou, celebrando o cinquentenário dos "Contos de minha terra", a Federação das Associações Portuguesas do Brasil.

Até ao dia de receber a carta de Afrânio Peixoto, comunicando-me a deliberação de apresentar o meu nome à Academia Brasileira de Letras, na vaga de Jaime de Ségurier, nunca semelhante coisa me passara pela cabeça. Nem sonhando. Afrânio me fez ter esse sonho — que, graças a Deus, continua.

(Continua na página 54)

João Luso, em sua mesa de trabalho





Conto de LUCY RIBEIRO
DE MOURA ★ Ilustração
de ABELARDO ZALUAR
Premiado no concurso per-
manente da REVISTA

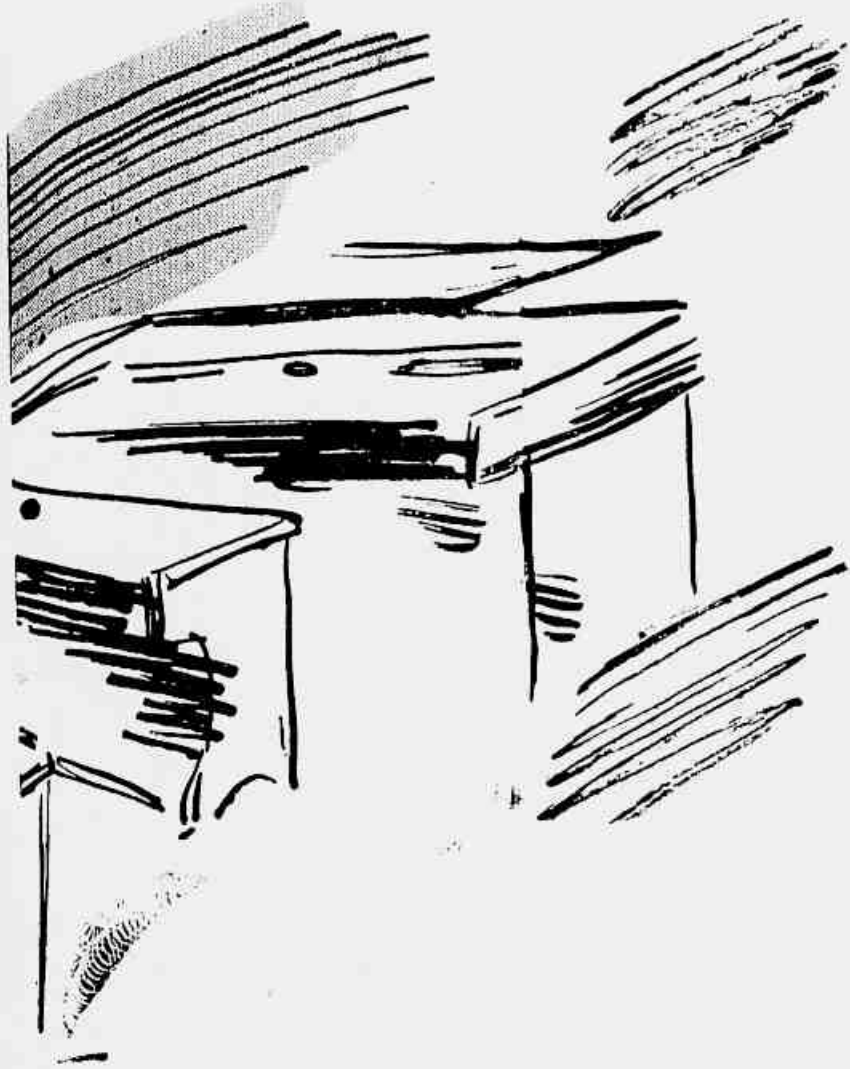
-- CONCURSO de beleza? Não quero ouvir falar
nisto. O último a que eu assisti e organizado
aliás, por mim, degenerou numa tragédia.

— Como assim, explique-se.

— Contar-lhe-ei a história; e lisonjeie-se, porque você
é o primeiro a ouvi-la da minha boca, conquanto sejam
decorridos vinte anos quase.

— Quanto mistério para um concurso de beleza!

— Não; não há mistério algum; apenas não sinto
prazer em recordá-lo; é uma espécie de travo amargo
é uma noite sombria que eu quisera apagar de minha
memória.



Um Concurso de Beleza

— Comece, então, sem rodeios, que eu ardo de curiosidade.

— Espere ao menos que eu acenda meu cachimbo.

Aconteceu há perto de vinte anos, como já lhe disse; por volta de 1929. Naquela época eu cursava a Faculdade, ainda; era, então, uma grande personalidade lá dentro, pois ocupava o importantíssimo cargo de presidente de grêmio. Não ria. Era um cargo ambicionado por todos os colegas, e o fato de ocupá-lo me enche de orgulho. Mas vamos ao que importa. Os concursos de beleza eram o assunto do dia. Elegia-se a rainha do Continente; a rainha do País, a rainha da Cidade e cada escola tratava de eleger a sua. O nosso grêmio, como todas as associações de estudantes, era pobre; estava, mesmo, às margens da falência. Foi então que, para salvá-lo, eu tive a idéia do concurso de beleza; você compreende, a cincoenta centavos o voto... decididamente eu salvaria a honra da nossa escola. Nós tínhamos algumas colegas; umas oito, creio eu. Duas eram lindas; ah! muito lindas mesmo. A Joaquina era dessas belezas meigas, que acariciam a gente com o olhar. Helena era, já, uma beleza diferente; tinha uns ares de imperatriz que casavam bem com o seu porte arrogante. Era difícil escolher entre as duas. Os rapazes todos sentiam inclinação por uma ou por outra. Os calouros, esses, embasbacavam diante dessas formosuras que se deixavam adorar sem protestar. As outras colegas ficavam ofuscadas e esquecidas; com exceção de Helena, a Corcunda.

— Corcunda, a Helena, mas...

— Não, não confunda. Era outra Helena. Pobrezinha! Até hoje, quando a sua silhueta monstruosa se desenha na minha memória, eu estremeço de indignação contra a Natureza. Figure você uma criatura baixinha, quase anã com uma perna ligeiramente mais curta que a outra, formando ambas um parêntesis, e que carrega às costas o volume enorme de uma corcunda, que a faz sucumbir, quase, sob o seu peso; pelo menos era, essa a nossa impressão. De rosto ela não era feia de todo; chegava mesmo, a ser bonita, graças aos olhos; eram negros e límpidos; tinha ela um modo de fitar que lembrava um cão ferido. De todos nós era a mais inteligente e a mais estudiosa; que digo! vivíamos à sua sombra; ela nos emprestava seus pontos, explicava-nos o que não havíamos entendido na aula e ainda por cima nos auxiliava nos exames. Imagine se nós não havíamos de gostar dela! Nós nos habituáramos a esse parasitismo intelectual e o praticávamos com a mesma naturalidade com que ela o permitia; era uma espécie de tributo que ela nos pagava, por suportarmos-lhe a vista... Não obstante a estima e a gratidão que lhe devíamos, não podíamos evitar de nos absorver, com repugnância e horror, na contemplação do contrapeso anti-estético que ela carregava; era doloro-

so e ridículo; quando a pobre moça andava, sendo ela um pouco manca, aquela protuberância imensa e odiosa fazia um movimento cadenciado para cima e para baixo. Nós nunca nos habituamos inteiramente àquilo; e a estimávamos. Entretanto, para distinguir da outra, da bonita, a chamávamos de Helena, a Corcunda; podíamos usar o seu sobrenome, podíamos dar um epíteto à outra; por exemplo, Helena, a Bela mas a mocidade é má, impiedosa e nós continuávamos a dar-lhe a alcunha cruel; não na frente dela, é claro. Não importa. Era maldade ainda assim.

— E o concurso?

— Voltemos a ele. Exaltaram-se os ânimos, na Faculdade, à medida que se ia aproximando o dia do concurso, que seria numa quinta-feira, lembra-me bem; as discussões se ascendiam; o entusiasmo era crescente. Atarefado, cheio de júbilo, eu trabalhava mais do que o faria numa campanha política, e vendia mais cédulas do que livros se tivesse uma livraria; contava com sofreguidão o dinheiro que entrava; marquei o dia para os credores do grêmio irem receber suas dívidas quase centenárias... Mentalmente escolhi a mobília para a sede: a escrivaninha que eu colocaria ali perto da janela, a estante com portas opacas, para que ninguém visse os livros que não estavam lá, a cadeira de espaldar alto em que eu, na qualidade de diretor, iria refestelar-me; e tudo isso de estilo, sim senhor, e escuro; era mais distinto. Entretanto, fora do meu mundo, isto é, ali dentro da própria escola os ânimos se esquentavam. Formaram-se dois partidos: o da Helena e o da Joaquina; equilibravam-se mais ou menos em número. Era provável que houvesse um empate. Mas na véspera do grande pleito, houve lá uma confusão que eu nunca pude entender: os dois partidos se subdividiram; havia, pois, três; e foi esse último partido que jurou vingar-se, fazer fracassar a eleição. Como? Nós rimos "Isso passa".

— E você, a que partido pertencia?

— Ah! meu caro; eu não sabia ainda; eu era do partido daquela que eu tinha diante dos meus olhos. "Eu voto na Helena, sem dúvida alguma", dizia eu, quando ainda estava sentindo sobre o meu ombro a sua palmada carinhosa. Mas oh! indecisão infernal; bastava Joaquina me distinguir com uma lambida de seu olhar para que eu, mentalmente, lhe desse cinco votos e não só um. Mas, afinal, chegou a célebre quinta-feira; o dia tão longamente esperado. Eram cinco horas da tarde. Começou-se a apuração dos votos. A emoção era profunda. Dir-se-ia que estava em jogo o destino do País. Não faltava um só aluno. Os que não couberam na sala empoleiraram nas janelas; outros, no longo corredor, se empilhavam próximo à porta do salão. Na árvore que espichava seus galhos em direção a uma das janelas, quatro ou cinco calouros se haviam pendurado cômica e silenciosamente. Não faltaram nem

mesmo os professores, que ocupavam lugares de honra. Agora imagine, se for capaz de tanto, como eu exultava! Que orgulho! A idéia fora minha; não me quisessem roubar a glória de tê-la engendrado! Capistrano, um colega que tinha voz de tenor, fora o escolhido para contar o voto, que seria tirado da urna pela Helena a Corcunda e que eu iria conferir. As rainhas prováveis estavam ali, escondendo sua rivalidade atrás de um sorriso modesto; cada qual a uma extremidade da mesa, fazendo à outra sinal com o indicador, para significar que lhe caberia à outra, a vitória, enquanto no íntimo cada uma estava segura de que o triunfo lhe caberia a si. Fizeram-se mais belas ainda aquele dia, para não haver dúvida, no momento da decisão final, de que elas mereciam o voto. Lembra-me perfeitamente: Helena pôs uma fita no cabelo, e Joaquina pôs uma flor. Não, minto. Quem pôs a flor foi Helena. Ela estava adorável, aquele demônio, com um vestido que...

— Afinal, em qual das duas você votou?

— Bem; não se escandalize; mas eu, como diretor, gozava de certas regalias, embora os outros não o soubessem, e votei... nas duas.

— Malandro! Mas enfim, onde está a tal tragédia?

— Eu lhe contarei, paciência. Como eu já lhe disse, foi às cinco horas que se deu início à apuração; estavam todos suspensos. O primeiro voto foi uma surpresa; era para a Lucia Figueiras uma criaturazinha feia e insignificante; as duas prováveis rainhas sorriram com superioridade, como quem diz: "Vejam o resto". O segundo e o terceiro foram para a Helena, o quarto para Joaquina... para abreviar a minha historiazinha, suprimo os detalhes e dou-lhe o resultado do concurso. Quem acha você que ganhou o concurso de beleza?

— ?

— Helena, a Corcunda!

— Oh!

— Pois agora você poderá fazer uma pálida idéia do nosso espanto; mal refeitos, ainda, dele, o terceiro partido, aquele maldadado partido, prorrompeu em palmas, que nós acompanhamos quase inconscientemente.

Súbito, um gemido de angústia, inhumano, elevou-se acima do ruído de palmas que cessou como por encanto. Helena, a Corcunda erguera-se cambaleando, com o olhar desvairado de fera acuada, louca com aquela ironia atroz de que a maldade humana a fizera vítima; abriu caminho entre os colegas e embrenhou-se pelo longo corredor. Ficamos todos perplexos, agarrados ao solo, sem um gesto de caridade, a fitá-la, que se afastava a passos largos, coxeando. Ao lusco-fusco nós entrevíamos a hedionda corcunda que os soluços profundos e lancinantes sacudiam violenta e trágicamente.

Foi a última vez que nós a vimos!

LAR, DOCE LAR...

A crise de habitações, um dos maiores problemas da nossa época — Palácios, mocambos e favelas... — Em São Paulo há os viadutos...

Por ONDINA FERREIRA

Especial para a REVISTA DA SEMANA



OS NOSSOS NOVOS COLABORADORES

ONDINA FERREIRA, brilhante escritora paulista, autora do romance "Inquietação", recentemente lançado pela Companhia Editora Nacional com grande sucesso, é um dos novos colaboradores da REVISTA DA SEMANA. Aceitando o convite que lhe dirigimos, Ondina Ferreira acaba de nos enviar sua primeira colaboração, uma página vibrante de sentimento e de compreensão dos problemas atuais. Estamos certos de que a presença de Ondina Ferreira nas nossas páginas representa uma excelente aquisição e de que os nossos leitores sem dúvida aplaudirão, com certeza, a nossa escolha, feita com o intuito de valorizar cada vez mais as páginas desta publicação, com a apresentação de autênticos valores das letras nacionais.

A ocupação pacífica de palácios e prédios desocupados realizada em Londres pelos "squatters", compôs uma nova página na história das lutas sociais. Uma página diferente de todas já folheadas, sem marcas de sangue nem borrões de violências. Desde a aurora da civilização os movimentos populares constituíram represas sangrentas. E o desejo de castigar os opressores, que animava as multidões descontentes, nunca foi menos forte do que aquele de obter uma parte nos bens deste mundo. Relembramos, por exemplo, a insurreição de Spartacus, quando os escravos revoltados semearam o terror pelos caminhos de Roma; as desforras cruéis dos "jacques" contra os nobres que os exploravam; a chacina e a pilhagem que acompanharam as sublevações camponesas da Inglaterra; o assalto à Bastilha; as barricadas que, em 1848 cobriram as ruas de Paris; ou os massacres em massa que caracterizavam a revolução bolchevista.

A atitude dos "squatters" londrinos fugiu aos moldes em que se recortaram até agora, as revoluções sociais. Talvez no fundo da memória desses invasores da propriedade ainda resacassem as acusações que John Ball, revolucionário inglês do século quatorze, atirou contra os privilegiados da fortuna: "Eles vivem em palácios e castelos enquanto vivemos expostos à chuva e ao vento em nossas miseráveis coberturas". Em todo caso, o movimento processou-se num clima de ordem e disciplina, obedecendo em todas as linhas ao programa previamente traçado pelos seus organizadores. Os "sem teto" instalaram-se nos grandes palácios vazios certos da que praticavam um ato

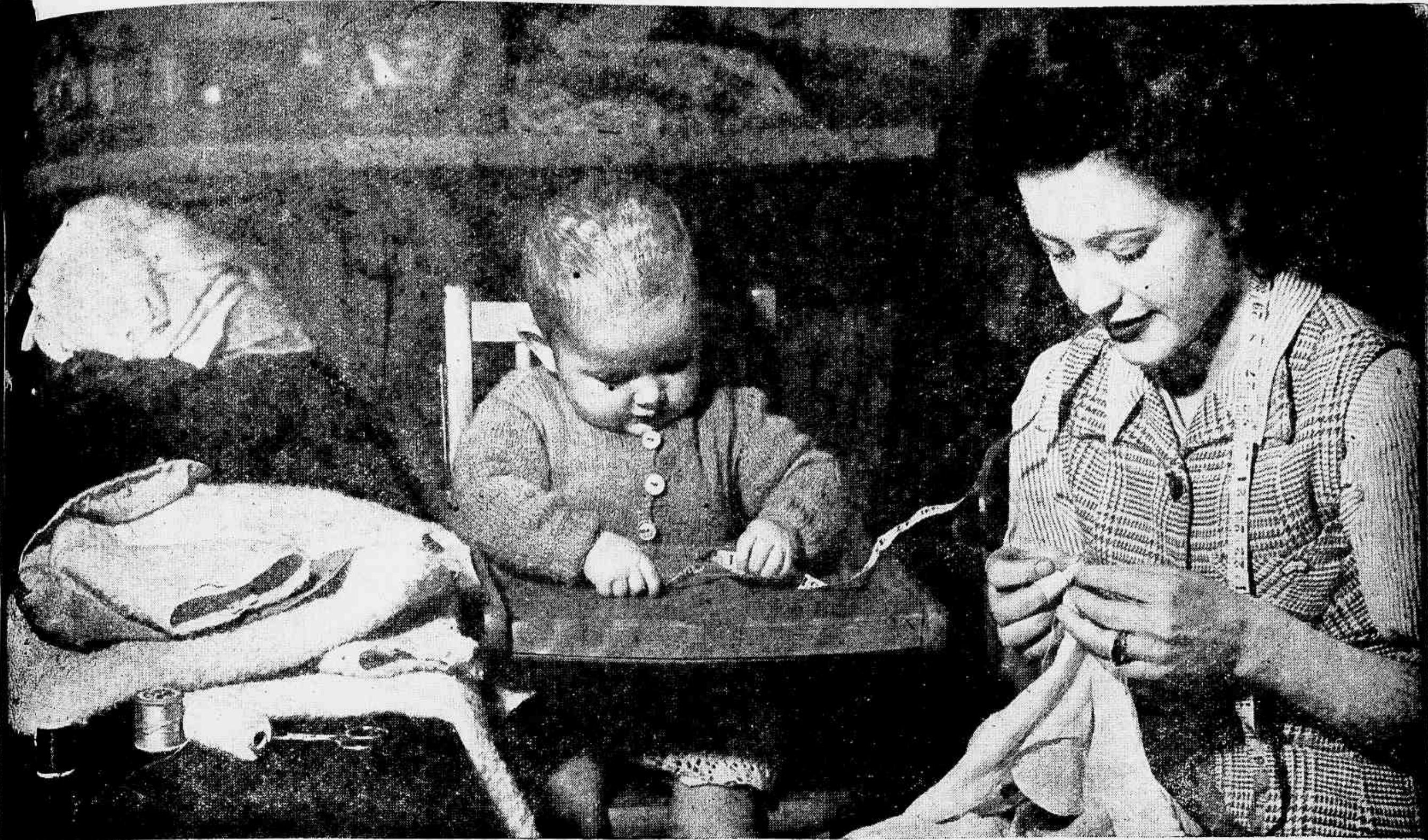
de justiça social. Mas essa ocupação não teve aspecto definitivo; traduziu apenas, uma intenção provisória. Abrigados das intempéries, eles aguardariam que o governo trabalhista lhes desse as casas prometidas. No seu conjunto, o movimento dos "squatters" foi um trabalho digno do espírito sistemático do inglês.

É certo que a crise de habitações inscreve-se entre as maiores desta época de crises. Sobre as costas do povo recaí, sempre, o peso das consequências da guerra. Na Europa bombardeada com centenas de cidades em ruínas, as populações acotam-se nos escombros. Nos outros continentes, inclusive nessa imensa oficina que é a América, manifesta-se, embora em proporções notavelmente menores, a mesma deficiência torturante. De um lado, porque a guerra forçou a diminuição das construções; de outro porque a onda de refugiados congestionou de gente em excesso as cidades mais adiantadas.

Telegramas de dias atrás notificaram que, num bairro carioca, populares se instalaram num prédio do governo, cuja construção fora suspensa. O fato se deu no Rio Comprido e, tal como em Londres, a ocupação se efetuou na maior ordem. É interessante observar como o povo toma essas medidas, reafirmando a sua soberania, sobretudo depois dessa tempestade de regimes totalitários que passou pelo mundo. O carioca foi sempre o iniciador dos movimentos e provavelmente essa iniciativa se repetirá em outros pontos do país. A ocorrência constitui um aviso às autoridades. Em vez de perder tempo com manobras políticas e discussões sobre questões secundárias o Governo precisa resolver este problema fundamental: dar casas ao

A esquerda: Interior de um "lar" de emergência no Rio de Janeiro. A cozinha é acanhada e cercada de estopa... A direita: Interior de uma residência pobre nos bairros operários de Londres. Ali também se faz a lavagem em casa.

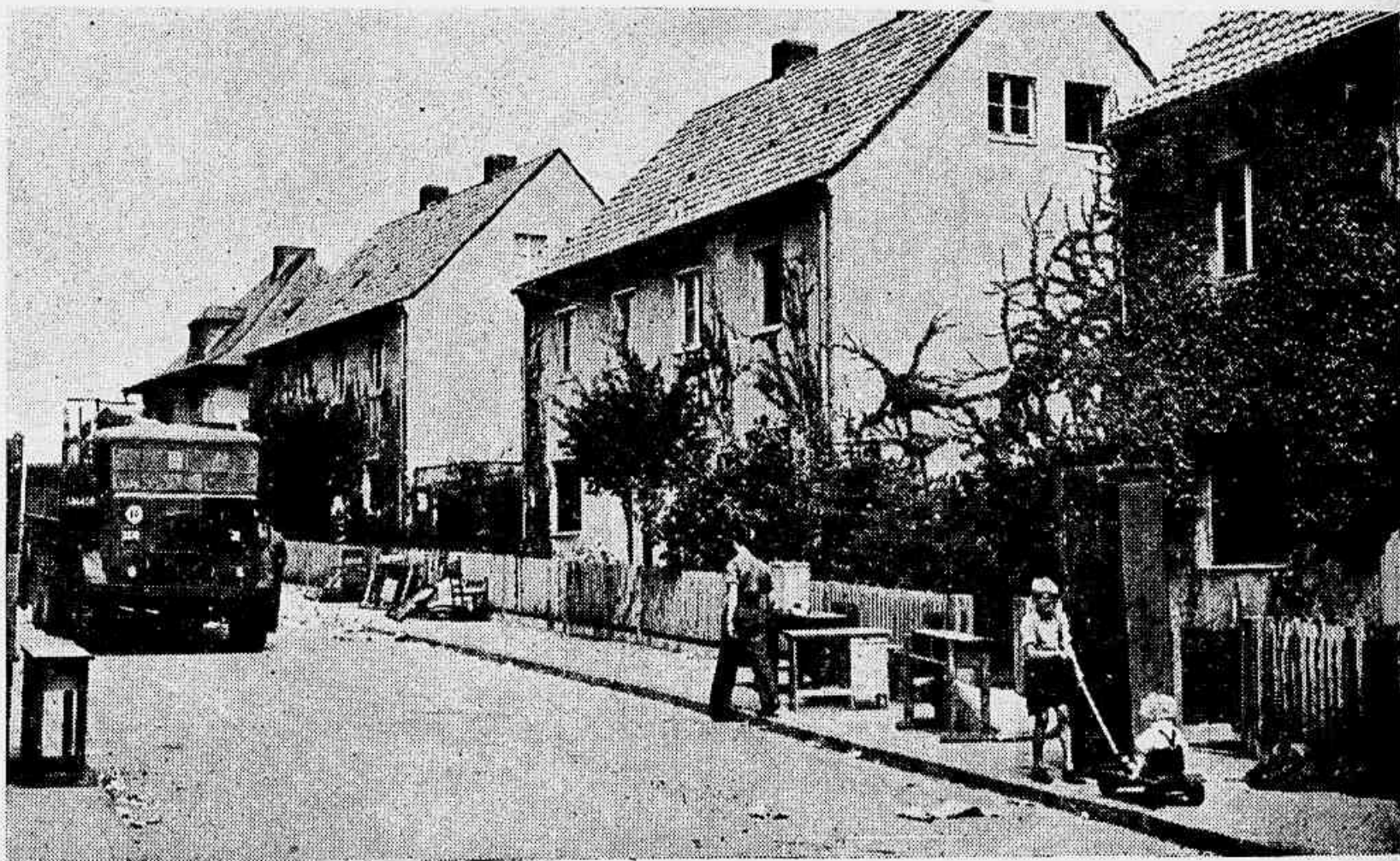




Interior de um lar da classe média em Londres.

novos. Que se inicie logo a construção intensiva que promete. Exista, criada por decreto a fundação da casa popular, tendo sido instituído para a sua realização, o imposto de 1% sobre as transmissões de imóveis, imposto, cuja constitucionalidade se discute. Mas a legalidade não importa. Importa que o Governo dê casas ao povo. O ideal seria que esses novos bairros não formassem simples aglomerados de moradias, mas contivessem jardins, parques infantis e até mesmo hortas coletivas.

A crise de habitação é velha no Brasil, cujo desenvolvimento jamais obedeceu e porventura jamais se cingirá a qualquer espécie de planificação. Tal como se diz o próprio Descobrimento, a nossa civilização é essencialmente de acaso. Já no século passado, o carioca sofreu amargamente a sua crise de moradia talvez a primeira de nossa terra quando a Corte Portuguesa se transplantou para estas bandas e se instalou a bel prazer nas melhores casas da metrópole. Criou-se o sistema de aposentadorias, exploração organizada com juizes aposentadores, meirinhos, forquês e outros instrumentos da violência. Se um fidalgo qual quer ambicionasse a moradia de um carioca bastava-lhe mandar inscrever na porta as letras fatídicas "P.R.", que significavam "Príncipe Regente". Com sua resignação crônica, que converte tradicionalmente as amarguras em piadas, o carioca de então traduziu essas letras como significando "ponha-se na rua". E deixava a sua própria casa para uso e gozo da gente de "sangue azul". Os cronistas do tempo enfileiraram episódios diversos em torno dessa crise de há quase século e meio. Melo Moraes, pai, conta nos por exemplo, que o Fidalgo Monteiro Torres, chefe da esquadra portuguesa, entre as muitas causas que ocupou, se aposentou, afinal, residência da bordadeira Ana Justina. Mas consentiu que a expropriada se instalasse no porão de sua própria casa, pagando aluguel ao arrogante invasor. Teria sido esse, talvez, um dos casos mais pitorescos, resultantes do sistema de aposentadorias. Atualmente, a aposentadoria, que ainda existe, não resulta mais da nobreza do sangue, e sim, do dinheiro. Compra-se uma casa, ou mais modestamente, um apartamento, intimam-se os inquilinos e jogam-se famílias na rua. E' apenas de rótulo a alteração sofrida com o correr do tempo. O resto continua na mesma, rio que corre sempre, confirmando a eterna sabedoria da afirmativa de Salomão. Nada há de novo debaixo do sol. As populações brasileiras, sobretudo as multidões essa massa informe dos romances sociais, habitam miseravelmente. Pior, talvez, do que os moradores das cidades européias bombardeadas. Ao Norte as moradas do povo reduzem-se aos "mocambos" de pobreza inarrável. No Rio, são as "favelas", às vezes graciosas, quando vistas de longe, com seus "barracos" feitos de latas e táboas, temas de sambas malandros e sentimentais. Por aí, nesse sertão erguem-se as tapéras de barro cobertas de sapé, inclinadas por vezes, ao capricho do vento, e que, como na sedita anedota, o tabaréu não pode concertar... "Cadê tempo?" Mesmo em São Paulo, metrópole industrial do país, há gente que se aboletta em baixo dos Viadutos, escondendo-se por trás da mais preciosa das cortinas — a neblina das noites frias. Enquanto isso, há quem possua moradias diversas, na cidade no campo ou na praia. Moradias preciosas valendo milhões de cruzeiros, afóra as raridades internas, de mobiliário e decoração. São as eternas injustiças sociais, que vinte séculos de civilização não conseguiram sequer remediar. Acontece, de espaço a espaço, que as multidões se rebelam, estala uma revolução e mudanças se efetuam. Porém, logo se estabelece uma nova ordem social e ressurgem a eterna divisão das classes — as que gozam e as que sofrem.



Ao alto: Talvez quem esteja morando melhor a esta altura sejam os soldados da zona de ocupação. Este trecho da cidade alemã de Iserlohn e todo habitado por soldados ingleses e suas famílias. Em baixo: Como se apresenta o problema da moradia em certos bairros do Rio.



A VIDA DE NAPOLEÃO BONAPARTE

(1769 — 1821)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

NAPOLÉONE BUONAPARTE foi um capricho da natureza — um despota medieval vivendo no século dezenove. Foi como Taine e Mommsen de Stael demonstraram, uma reversão aos turbulentos aventureiros e tiranos do Renascimento Italiano — uma sobrevivência

atávica da era bárbara dos Malatesta e dos Borgia. Como estes era inteligente, ambicioso, cruel, egoísta, arrogante, irresponsável e totalmente destituído de princípios éticos. "Não sou um homem igual aos outros", declarava com franqueza brutal. "As leis da moralidade e do decôro



não podem ser aplicadas a mim". Considerava a criatura à parte. Todos os outros seres vivos — as mulheres, crianças, animais — eram meros instrumentos de sua ambição. Servia-se deles enquanto os necessitava, pois quebrava-os e jogava-os fora.

Nascido em Ajaccio, na Córsega, a 15 de agosto de 1769, era um dos oito filhos sobreviventes de Napoleone Buonaparte e Maria Letizia Ramolino. Seus pais ensinaram os filhos a arranjar-se sozinhos. Napoleão bem cedo aprendeu que não é apenas o pássaro "agradador", mas também o pássaro "agressivo", que busca o verme mais suculento. Em breve se desenvolveu a tendência a tomar uma atitude egoísta, hostil e dura em face do mundo.

O pai percebeu que ali estava um bom soldado-germe. Assim, levou-o para a França e matriculou-o na escola militar de Brienne.

Nesta o rapaz se mostrou um aluno pouco humilde, solitário, bulhento e mediocre. Não estudava grande parte do tempo estudando história, mas sim a história das guerras. Continuou assim no colégio militar de Paris, onde entrou aos quinze anos.

Quando se apresentou a exame final, em setembro de 1785, obteve o quadragésimo sétimo lugar entre cinquenta e oito candidatos. Orgulhoso com o uniforme o jovem segundo-tenente foi exibido na praça da sua cidade natal de Ajaccio. Ao invés de aplausos, porém, os seus amigos começaram a rir. Era um estado realmente ridículo, aquele rapaz assombrado com as pernas meladas em botas espantosamente curtas.

— Hei de ensiná-los! — resmungou ele então. Havia de provar ao mundo que a medida da inteligência não tinha nada a ver com as dimensões do corpo. Também César, lembrava-se, tinha sido baixo de baixa estatura.

★

Incorporou-se ao regimento de La Fère em 1785. Doendo-se da inferioridade da sua estatura, após o talho de uniforme estava resolvido a conquistar-se fosse preciso, as boas graças dos camaradas com lições de dança e de boas maneiras, mas só conseguiu tornar-se ainda mais ridículo. Ia então, amargurado e insociável, refugiar-se em seu quarto onde se lia a história das grandes guerras do passado e se ocupava com as suas próprias proezas nas guerras do futuro. Geralmente lia com um caderno na mão, tomando notas em folhas de papel chamadas "papelets" das principais batalhas.

Contava naquele tempo apenas vinte e dois anos, já dava mostras de um caráter sem escrúpulos. Após ter tido licença, foi visitar a família na Córsega. Foi Giuseppe (mais tarde conhecido por "Joseph") que se tornou como candidato à assembleia legislativa. Napoleão lançou-se na campanha eleitoral, empregando-se mais próprios dum soldado que dum político. Para ganhar a eleição de José, mentiu, trapaceou, ameaçou, briguei; e em certa ocasião, chegou a seqüestrar candidatos rivais. Quando voltou a Paris os seus vagabundos começaram a mostrar-lhe boas maneiras, revelando um patife de primeira ordem. Napoleão sentiu-se feliz.

Nesse momento apresentou-se uma oportunidade



Nesta página vemos da esquerda para a direita, Napoleão Bonaparte, segundo o quadro de Gosse, existente no Museu de Versalhes. A morte de Napoleão, segundo um desenho de Steuben. D. João VI, cuja fuga para o Brasil, por ele elevado a Reino, foi uma das consequências do fenômeno Napoleão. Todos os países do nosso continente sofreram influências das guerras napoleônicas. Os Estados Unidos compraram-lhe a Luisiana e os outros, de língua espanhola, aproveitaram a oportunidade para fazer a sua independência, durante a ocupação da Espanha e a prisão de Fernando VII.

rável aos seus talentos de aventureiro. Os "sans-culottes" (homens sem calções), embriagados com o primeiro frenesi da revolução, marchavam pelas ruas destruindo, pilhando, matando e gritando: "Tremblez, tyrans!". Napoleão fez causa comum com eles — não porque simpatizasse com as suas aspirações de liberdade, mas por ver naquela revolução uma ótima oportunidade para melhorar a sua própria sorte. Seu irmão mais moço, Luciano, percebia-lhe muito bem a insinceridade. "Vejo", escrevia a José, "que, nesta revolução, Napoleão está apenas tratando de tirar partido da situação. E creio que ele seria capaz de virar a casaca se isso favorecesse os seus interesses pessoais".

Luciano demonstrava conhecer a fundo o caráter do irmão.

Durante toda a Revolução, Bonaparte foi um oportunista. Esteve ao lado de Robespierre no Reinado do Terror; depois da queda de Robespierre, negou ter quaisquer relações com ele, e, quando Barras subiu ao poder, imediatamente prestou o seu apoio ao novo chefe do governo. Sempre arranjava meio de aliar-se ao vencedor, e a este respeito era duma franqueza brutal. "Robespierre", confessou anos mais tarde, em Santa Helena, "estava morto. Barras desempenhava um papel importante, e eu tinha de aliar-me a alguém ou a alguma coisa".

Essa "aliança" interesseira em breve lhe forneceu uma oportunidade para melhorar de condição. Recebeu o comando dum setor da artilharia no cerco de Toulon. Lá, em parte por sorte, em parte por sua coragem, e também em parte por verdadeiro gênio militar, obteve um assinalado triunfo, e foi promovido a general de brigada.

Pouco tempo depois, na batalha das Tulherias (5 de outubro de 1795), novamente se distinguiu combatendo os contra-revolucionários. Em rápida sucessão, foi nomeado sub-comandante do exército do interior, general de divisão e comandante em chefe do mesmo exército. "A fortuna", escreveu a seu irmão José, "está do meu lado". Andava na sua carruagem envergando um uniforme resplandecente, e recebendo as aclamações dos cidadãos como salvador da república.

E então, tendo salvo a república, passou a destruí-la.

★

Antes de empreender sua campanha para conquistar o posto de senhor único da França achou conveniente captar as boas graças das damas mais influentes de Paris. Conhecia a máxima dos políticos revolucionários, segundo a qual o caminho mais curto para o êxito passava pelo "boudoir" de alguma mulher bonita. Uma das mais influentes, se não das mais bonitas, era uma protegida de Barras, Josefina, viúva de Alexandre de Beauharnais. Seu marido perdera a cabeça na guilhotina durante o Terror. A própria Josefina só escapara de ser guilhotinada no mesmo dia porque o médico tinha atestado que ela estava muito doente para ser removida.

E agora, por uma estranha viravolta do destino aquela aristocrática dama era uma das rainhas dos salões revolucionários de Paris. Napoleão conheceu-a, enamorou-se

dela e resolveu desposá-la. Josefina era seis anos mais velha, e em assuntos de sentimento possuía ainda mais experiência do que ele. Mas a paixão do corso fê-lo perder o tino. "O meu sangue", observou Napoleão certa vez, "corre-me pelas veias com a violência das águas do Ródano". Josefina não estava muito certa de que o amava. Tinha-lhe antes um certo temor, segundo confiou a uma amiga. Mas cedia ante a impetuosidade e a assombrosa confiança em si mesmo que ele demonstrava. "A minha espada", dizia Napoleão, "está ao meu lado, e com ela hei de ir longe". E Josefina, a despeito da sua experiência do mundo, acreditava-o quando falava com tanta segurança. "Creio ser possível tudo que a este homem singular se lhe meta na cabeça", escrevia à amiga. "Com a sua imaginação, quem pode prever onde se deterá?"

O amor de Napoleão era aparentemente sincero. Mas havia uma nota predominante de astúcia na sua sinceridade. Josefina podia exercer em seu favor a influência de que dispunha. "Barras me assegura" escrevia ela à sua amiga, "que, se eu casar com o general, ele há de conseguir-me o comando do exército da Itália".

E efetivamente, pouco depois do casamento Napoleão recebeu o comando daquele exército. Ao começar a campanha contra os italianos — seus compatriotas, no-se — declarou-lhes, numa proclamação, que vinha libertá-los do jugo austriaco. Mas aos soldados do seu exército quando estavam para lançar-se sobre a Itália, disse: "Havemos de arrecadar (isto é, pilhar) 20.000.000 de francos... naquele país... Levai-vos-ei à planície mais fértil do mundo. Lá encontrareis... honra, glória, riquezas..."

Napoleão obteve para si honra, glória e riqueza com a invasão da Itália. O que a maior parte dos soldados lá encontrou foi apenas uma sepultura pobre e inglória.

Em conexão com esta campanha houve um incidente digno de nota. Logo antes de empreendê-la, o general mudou de nome. Napoleone Buonaparte passou a ser Napoleón Bonaparte. Assim tranquilizava a si mesmo com a idéia de que era como francês e não como italiano, que ia saquear e chacinar o povo da Itália.

A campanha foi breve, brilhante e brutal. A filosofia militar de Napoleão estava baseada neste selvagem princípio: "A glória militar sempre é mais apreciada quando foi paga com o dinheiro dos outros". Ao voltar da Itália, ensoberbecido pela vitória e carregado de despojos, foi recebido não só como um conquistador, mas também como um salvador. No entanto, ele não tinha intenção de salvar o que quer que fosse, exceto seus interesses particulares e seu poder egoísta.

Com o apoio do exército arvorou-se em ditador do povo francês. "Pensais", disse, "que eu conquistei a Itália para benefício desses advogados de Paris?" Ganhara as suas vitórias, não por amor aos advogados nem a qualquer outra pessoa de Paris. A glória pessoal era a única preocupação de sua vida. Começava a considerar-se um Homem do Destino. Um elemento supersticioso se incrustara na colossal presunção da sua natureza selvagem. Acreditava que o céu combatia ao lado dele, e só dele. Se não, de que modo, perguntava a si mesmo, poderia explicar-se a

súbita e milagrosa ascensão dum estrangeiro obscuro ao posto de senhor supremo da França?

Mas isto ainda não bastava. Era preciso que se tornasse o senhor supremo do mundo. Julgava-se um segundo César. Não podia deixar que a glória dos seus triunfos anteriores declinasse. Tinha de alimentá-la conquistando sempre novos triunfos. Ele era — dizia — um ator, o maior ator de sua época, de "todas" as épocas. Para desfrutar continuamente os aplausos do público, precisava apresentar um espetáculo contínuo. E que espetáculo agradava mais ao público? O espetáculo da liberdade. Aí estava! Ele tinha "libertado" os franceses e os italianos. Agora ia "libertar" os egípcios.

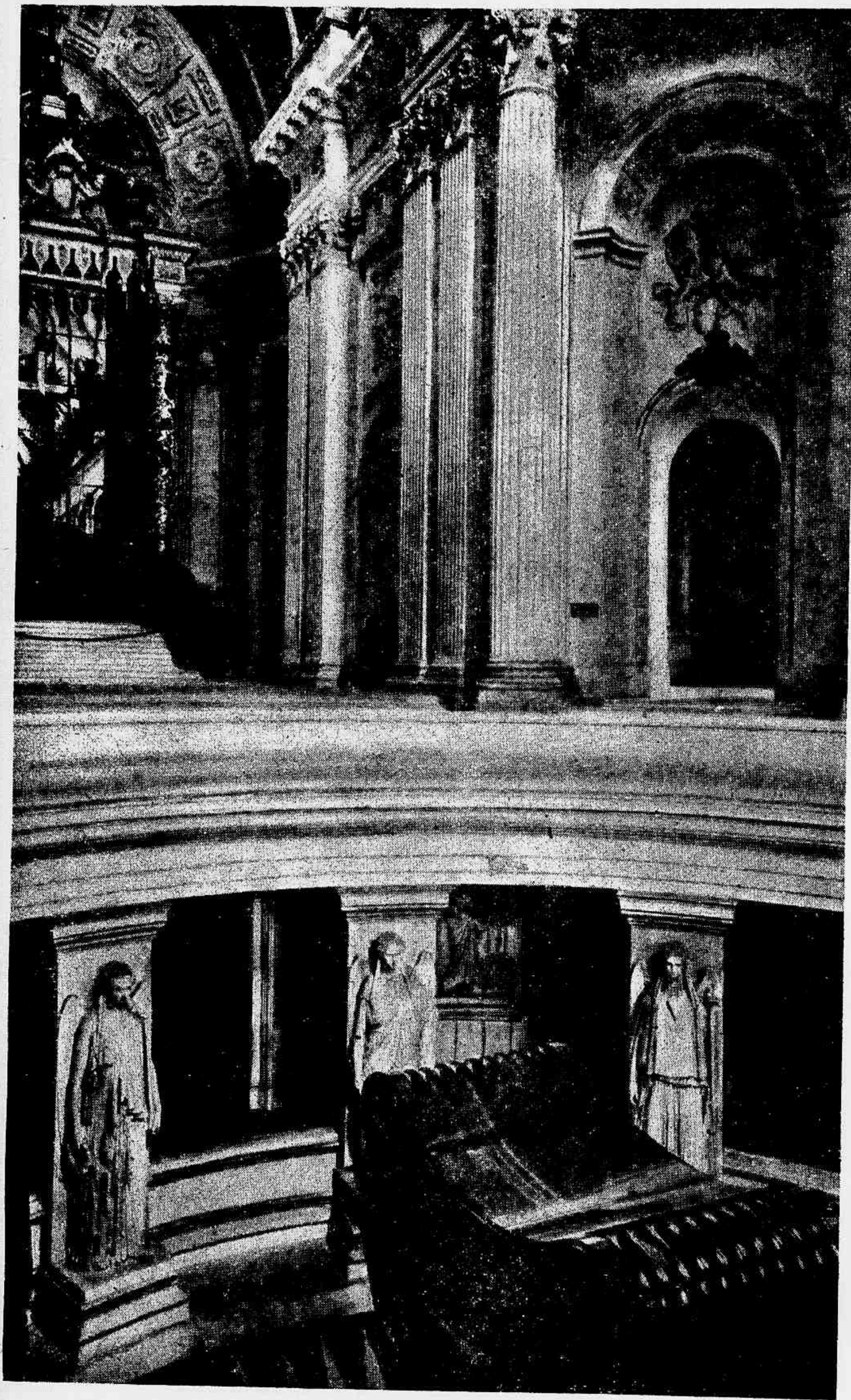
Assim Napoleão conduziu os submissos cordeiros revolucionários à matança no Egito, e despertou neles a loucura do sacrifício apontando para as pirâmides e exclamando: "Do alto dessas pirâmides quarenta séculos vos contemplam!" E' esta uma das mais famosas e mais estúpidas alocações da história. E' um símbolo do espírito militarista. Acorrenta o presente vivo ao passado morto. Man'ra que representemos o drama da nossa vida ante uma plateia de fantasmas, que matemos e morramos porque — imaginem só! — quarenta séculos de cadáveres assistem aos nossos sacrifícios humanos. E' o conselho dum louco a uma geração de néscios. E os néscios prestaram-lhe ouvidos e morreram para maior glória do louco.

A glória pessoal de Napoleão foi o único objetivo da campanha do Egito. Isto, ele o admitiu clinicamente nas suas "Mémoires", escritas anos mais tarde, em Santa Helena. Mas disse aos seus soldados no Egito, como lhes tinha dito na Itália, que combatiam para proveito de eles próprios. "Como resultado desta campanha", asseverou, "cada um de vós obterá dinheiro suficiente para comprar seis acres de terra em França".

Seis "pés" de terra, devia ter dito. E não em França, mas sim na África. Porque a campanha do Egito foi um desastre. Seu exército sofreu uma derrota, enquanto a frota inglesa, sob o comando de Nelson, lhe cortava a retirada. E isso deteve Napoleão? De forma alguma. Deixou o exército entregue à sua sorte e escapou para a França. Ali com os seus relatórios entusiásticos e fantasiosos, converteu a derrota numa vitória. Era uma felicidade para ele que o Egito estivesse tão longe da França. A imaginação popular, excitada pelo mistério e prestígio do Oriente exultou com o regresso de Napoleão e esqueceu os soldados que este deixara lá. Meses depois, quando chegaram a Paris informações positivas sobre o fiasco do Egito, foram negligentemente postas de parte, em favor das fantásticas lendas que se tinham formado em torno dos feitos do "Conquistador do Nilo". E até hoje as lendas são acolhidas com mais credulidade do que os fatos.

★

Napoleão sentia veneração por si mesmo e desprezo por todos os outros homens. Desprezava sobretudo a Liberdade — palavra pela qual outrora dissera estar disposto a sacrificar a própria vida. Mudou-se para o palácio de Luis XIV e cingiu a coroa real. E os revolucionários que tinham sacudido o jugo "antigo", entoavam agora entusiásticas hosanas ao receber o "novo" jugo. Os antigos tiranos estavam mortos. Viva o novo tirano! No mesmo dia da sua entrada em palácio, Napoleão deu ou abaiço as Árvores da Liberdade que os republicanos tinham plan-



O túmulo de Napoleão, nos Inválidos.

tado no pátio. Em vez de liberdade, deu-lhes brinquedos. "Os homens gostam de brinquedos", dizia, "e deixam-se levar por eles". Entreteinha seus lugartenentes com pomposas cerimônias oficiais. Restabeleceu a etiqueta dos tempos anteriores à república. Tirou da lata de lixo os antigos títulos, espanhou-os e distribuiu-os entre os companheiros. Ressuscitou a Legião de Honra e abriu um teatro para os amigos no Castelo de Malmaison. Espetáculos grátis, em vez de almas livres. E as pessoas do povo olhavam, berçavam de entusiasmo e iam verter o seu sangue nos campos de batalha para maior glória de Napoleão.

Sua fome de glória era insaciável. Tinha de conquistar a Inglaterra, a Espanha, a Áustria, a Alemanha, a Rússia. Isto envolvia incalculáveis sofrimentos humanos, doenças, miséria, morte. Bem, e que tinha isso? Havião de chamar-lhe desumano, impiedoso, injusto. Que importava? O temor dos outros só poderia dar em resultado colocá-lo à parte, longe dos contatos humanos, acima da sociedade dos homens — como um deus terrível e solitário. Estar só era próprio de Deus. Orgulhava-se por ver que os outros começavam a evitá-lo, tinham medo de falar em sua presença e nunca o viam sorrir. Gostou do epigrama de Taylor, em que este francês espirituoso lhe chamava "o homem a quem não se conseguia divertir". Era aquela a

maneira de proceder própria dum homem-deus — combater, atemorizar, matar, e nunca permitir que o divertissem.

Napoleão padecia duma visão mental deformada. Sua imagem aparecia-lhe completamente fora de proporção com o resto da humanidade, quando se mirava no espelho do mundo. Não tinha ele nenhum dos sentimentos bondosos dum espírito sadio. Era estranho à gratidão e não demonstrava simpatia alguma pelo sofrimento humano. Clorotizava os seus soldados feridos, no Egito, porque seria demasiado dispendioso proporcionar-lhes um tratamento adequado.

No princípio da sua carreira de conquistador fingira-se amigo dos oprimidos. Fundara certo número de repúblicas na Europa, mas apenas por algum tempo — o tempo suficiente para adormecer as desconfianças dos povos. Quando estes começavam a sentir-se seguros sob a sua proteção, ele transformou de novo todas as repúblicas em monarquias e distribuiu-as entre seus irmãos e outros parentes. Fez isto não por amor aos povos — confessava não ter afeição nem mesmo à sua família — mas porque queria deslumbrá-los com o seu poder de nomear e destituir reis. Empoleirou-se no alto do mundo devastado "como um frango em cima dum monuturo", e o seu grosseiro ca-

lote, numa encosta dos palácios dos ditadores que procuram sentir-se as pegadas.

Era uma cabalo-vagabundo. "Preciso espantar e desumbrar", dizia. Esbanjava os seus botaflores não só para fazer quem fosse o responsável pelas suas vitórias, Napoleão sempre reservava para si todo o aplauso. Era o fazedor de ruído. "Uma grande reputação", jactava-se, "é um grande ruído. Quando maior o ruído que fazemos, de mais longe nos ouvem. Leis, instituições, monumentos, nações tudo cai. Mas o ruído permanece e ressoa pelas épocas futuras".

E assim passou pelo mundo, roubando, calunhando, tirando, matando e fazendo alarde da sua grandeza, até que segundo a expressão de Victor Hugo "Deus ficou aborrecido e declarou: — Basta de Bonaparte; já estamos fartos de Napoleão".

Então veio a queda — ocasionada pelo próprio excesso da sua ambição. O declínio de seu poder começou quando ele resolveu invadir a Rússia. Tendo expedido ordens para o recrutamento do novo exército, verificou haver nada menos de 80.000 "conscrição réfractaires", isto é, homens que se recusavam a ir para a guerra por motivos de consciência, ou por outros motivos. Afim de prevenir a rebelião no exército, mandou que os novos recrutas fossem açoitados uns aos outros, como presidiários, e conduzidos sob numerosa guarda, para irem morrer em solo estrangeiro por questões que não tinham provocado. Quando os pais e as mães da França viram os filhos serem assim arrastados para o sacrifício, começaram a perder a fé na divindade do seu "ídolo sangüinário". O prestígio de Napoleão sofreu um revés ainda maior ao regressar ele de Moscou em 1812, com um milhar de soldados dispersos e descoraçoados, miserável remanescente dum exército de 600.000 homens. Enquanto fora vitorioso, muitos compatriotas seus mostravam dispostos a sacrificarem-se como mariposas na chama de sua glória. Mas a desastrosa retirada de Moscou abri-lhes os olhos. Perceberam que Napoleão não passava dum louco, dotado do gênio da malanga. Sua marcha levava milhões de jovens soldados a uma morte inútil, e os franceses estavam decididos a impedir a repetição de tais malefícios.

Exilaram-no na ilha de Elba. Ao cabo de onze meses, entretanto, Napoleão evadiu-se e voltou, para mais uma vez atemorizar o mundo com o seu militarismo agressivo e insensato. Recrutou novo exército, para novas conquistas. Uma passagem das "Memórias" de Alexandre Dumas dá-nos uma descrição inolvidável do sentimento popular na França, naquele momento:

"Os que não viveram em tal período não podem conceber quão profunda era a execração que o nome de Napoleão despertava nos corações maternos... O antigo entusiasmo se extinguiu... Não era à França que as mães amavam os seus filhos; era à ambição, ao egoísmo, ao orgulho de um homem... Graças aos milhões de soldados sacrificados nos vales e montes da Espanha, nas neves e rios da Rússia, nos pântanos de Saxe e nas areias da Polónia, a geração de homens entre vinte e vinte e cinco anos desaparecera... O recrutamento começava agora aos dezesseis... As mães viam com alarma os filhos crescerem... Mais de uma vez minha mãe, com lágrimas nos olhos, me estreitou contra o peito reprimindo um suspiro.

— Que é, mãe?" — perguntava eu.

— Quando penso que dentro de quatro anos serás um soldado, e que aquele Homem virá arrancarte a mim — a mim, a quem ele sempre tirou, e nunca deu... Oh, meu filho, meu pobre filho!

"Era o sentimento geral que minha mãe assim expressava".

Mas Napoleão era surdo aos gritos das mães francesas. Jamais, como confessou brutalmente, "dera a mínima im-

(Continua na pág. 53)



NAPOLEÃO

res que
deslum
o para
embrar,
Napo
a o in
se em
é um
de mals
nações
épocas
do, fur
za, até
u oba-
nos for-
exos-
u quon
ordena
er nada
homens
de con-
ebeliso
n aca-
duzidos
strando
os pais
arrasta-
rindade
screu
ou em
orocor-
100 ho-
seus se-
sas na
Mosco-
pass-
manis-
mutil, e
ição de
meses,
is uma
essivo e
guistas
nas do-
ular na
conce-
Napo-
igo en-
s mães
smo, an-
oldados
neves e
elas do
e cinco
agora
os cres-
nas nos
uspiro.
rds um
mim --
h, meu
expres-
ncosas
mo im-



A Edelweiss, do elenco de "Os Comediantes" agora atuando no cinema nacional sob o nome de Luisa Galvão.

A MANIA DO DOMÍNIO acarreta, diariamente, um sem número de desavenças entre namorados, noivos e esposos. É o homem a querer dominar a mulher ou vice-versa.

Ambos esquecem que não é possível, nem mesmo com muito amor, fazer com que um sufoque a sua personalidade em favor do outro. Há, sim, uma espécie de adaptação, mas nunca uma renúncia.

Assim os que, tendo um pouco de inteligência, procuram evitar constantes atritos. É daí entender o "outro" que o "adversário" está cedendo terreno e que só resta pedir um pouco mais o cerco para pô-lo a seu jeito!

Nada mais errado, porque no momento em que a sua intenção é descoberta, o "adversário" se rebela, dando margem então às grandes brigas e grandes discussões cujos resultados são sempre desagradáveis.

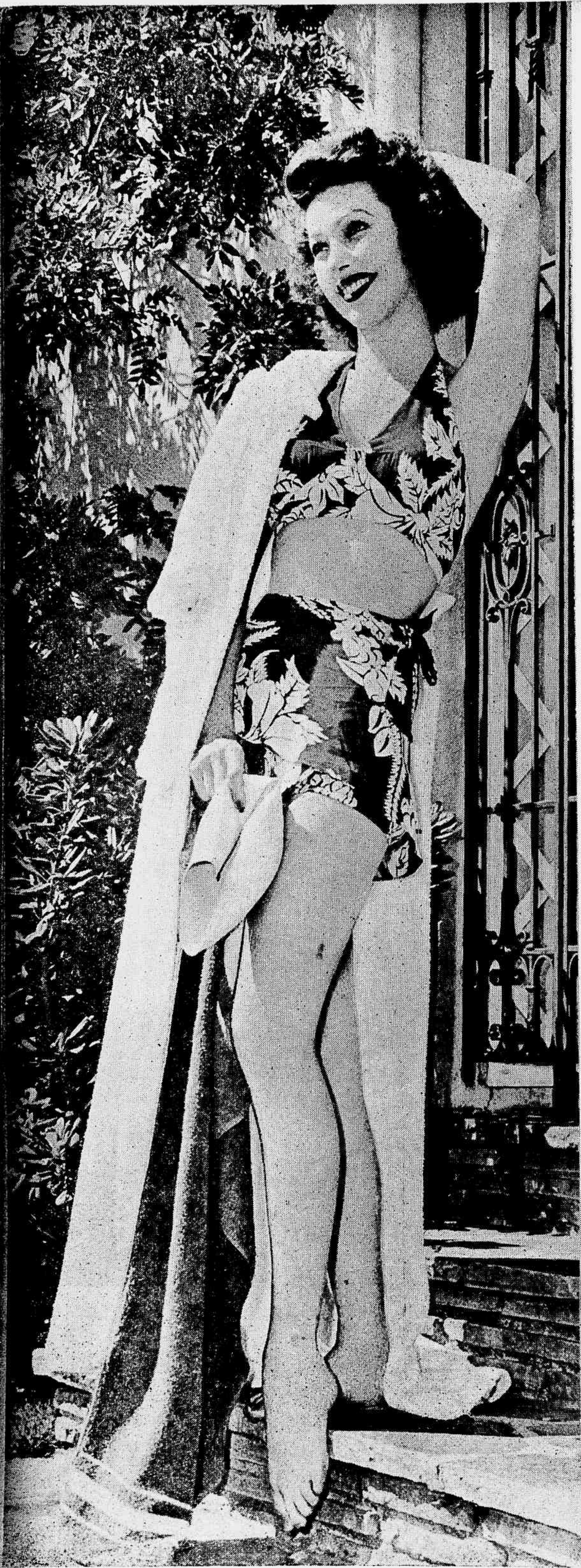
NOS BASTIDORES FEMININOS

Seria melhor, muito melhor que houvesse um pouco mais de compreensão entre os dois. O homem que diz "não faça porque não quero", está perdendo o seu tempo. O mesmo acontece à mulher.

Quando é ela quem tenta se impôr, o resultado é ainda mais desastroso, pois "ele" querará mostrar que "é homem mesmo", e pronto, lá se vão por água abaixo todos os projetos de uma vida feliz...

O ideal seria que cada um respeitasse cousas que, não prejudicando a sua própria personalidade, viessem a causar satisfação à parte contrária.

KITTY



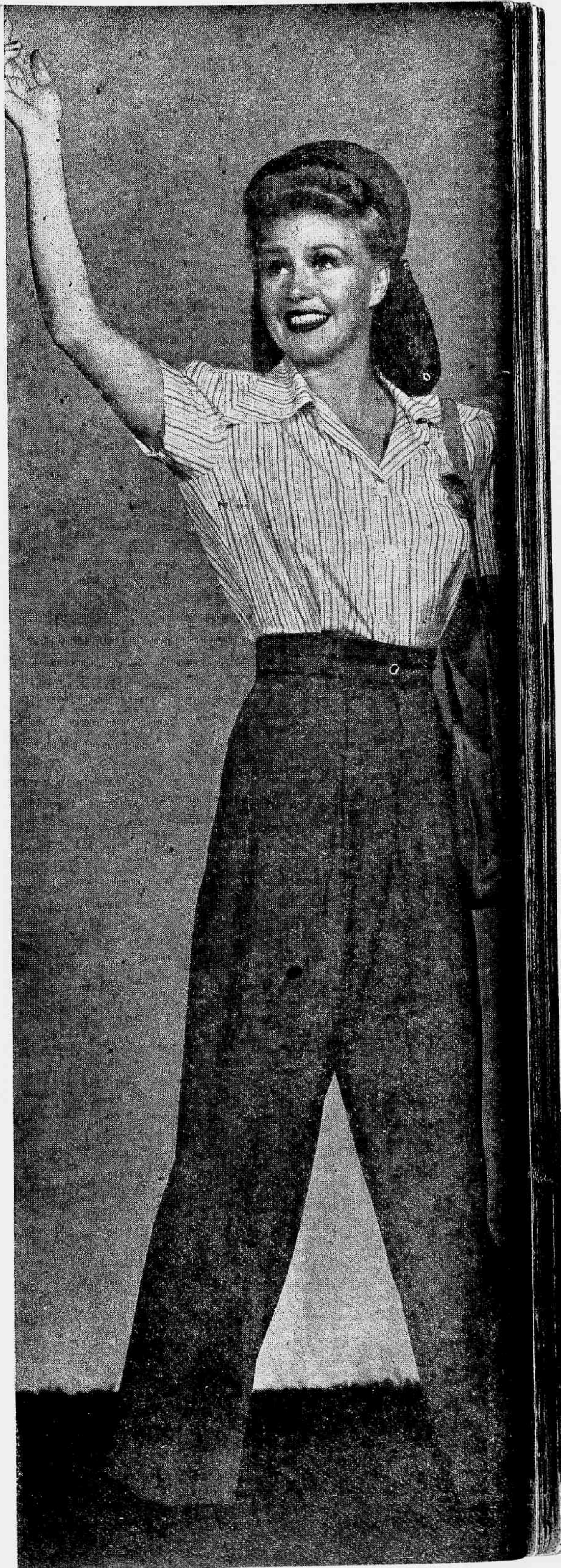
PARA A PRAIA, para o esporte, ou simplesmente para exibir a plástica e a elegância, eis aqui algumas interessantes sugestões de Hollywood: A lindíssima Loretta Young é quem exibe este original "maillot" duas-peças em cetim verde escuro com graciosas ramagens em branco. Com uma calça "pescador" de tropical azul marinho, Lillian Miles

MAILLOTS, SLACKS



usa uma blusa de tecido originalíssimo, de inspiração mexicana. Sapatos de lona com os mesmos motivos. Tudo pronto? Audrey Long é fotógrafa nas horas vagas... Quanto a nós, preferimos ela mesma, a graciosa Audrey Long que aqui exhibe um short de gabardine verde, com blusa de seda branca. Finalmente, Ginger Rogers num traje bastante esportivo. Calças de tropical havana e blusa de algodão listrado, vermelho e branco.

SHORTS, ETC...





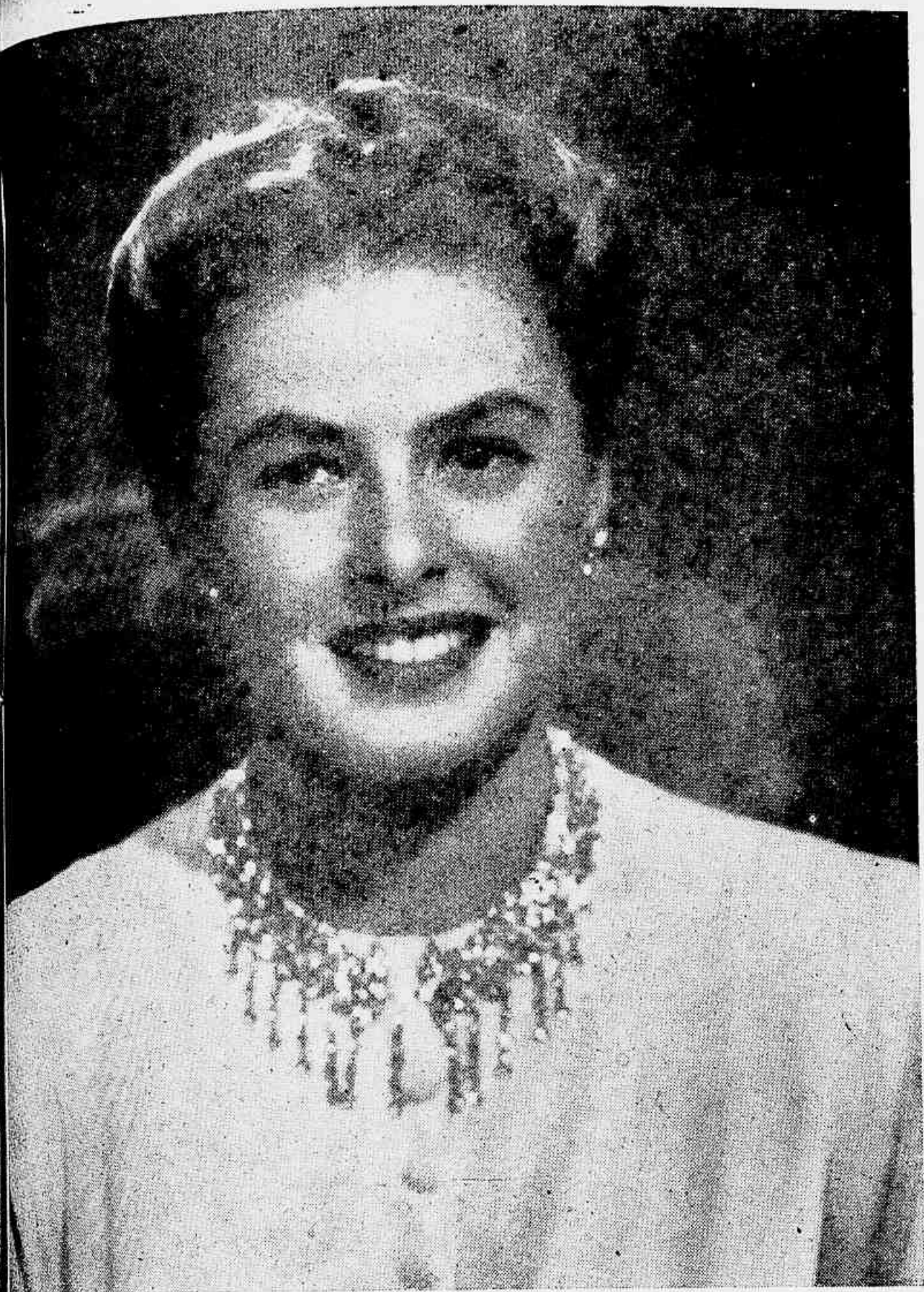
Janet Blair, da Columbia, usa decôte quadrado num vestido estampado. O decôte quadrado, no entanto, só deve ser usado por pessoas de colo mais chelo.



G O L A S E

MUITAS vezes, um decôte ou uma gola podem prejudicar uma "toilette". Podemos mesmo dizer que daí depende toda a elegância e todo o sucesso de um modelo. Uma gola original, um enfeite diferente, um decote bem talhado, valorizam o mais simples vestido. Algumas das mais famosas "estrelas" de Hollywood ilustram, nestas páginas, as nossas palavras.

Ella Raines, da Universal, adicionou a este interessante modelo em lã quadriculada, uma original gola em fustão branco com grande laço. Alexis Smith, da Warner Bros,

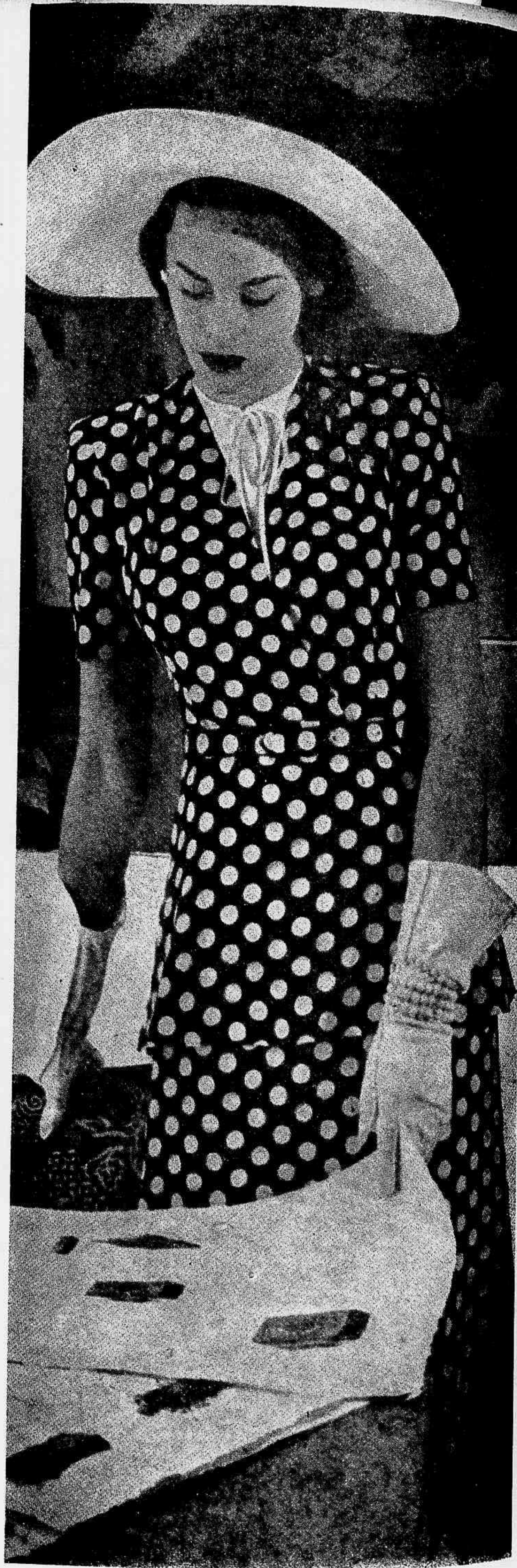


Ingrid Bergman (RKO), dá preferência a um colar de pedras de original feitio, para completar a sua "toilette" de jersey branco, para jantar.



DECOTES

usa, para "garden-party", um traje que trás reminiscências do passado. O "plastron" é de organza branca com "pois" azuis bordados. Gola colarinho, laço de fita "gros-grain" azul marinho. Dorothy Lamour, da Paramount, exhibe uma gola bastante feminina, numa blusa de organza branca com rendas. Um medalhão antigo é colocado sobre a gola. Martha Hyer, representando a típica "white-collar-girl", sugere este colarinho de "piqué" branco com laço azul marinho de "pois" brancos, num modelo para o trabalho.



PARA O VERÃO!

É de Craven este modelo de seda azul com viez e borlas brancas. Saia "godet" com pregas batidas de forma original. De muita "linha" é este "duas-peças" de seda azul marinho com grandes pastilhas brancas. O blusão é transpassado na frente, sem gola. Blusa de cambraia branca, arrematada com "rouloté" terminando em laço na frente. É um modelo prático, que se presta para qualquer ocasião, tudo dependendo dos acessórios. Jeanne Lanvin apresenta "tailleur" de linho azul com iniciais incrustadas em linho branco. Incrustações de linho branco também no cinto. Saia com prega profunda na frente. Modelo executado em seda estampada "Godet" atrás, com grande laço. Na blusa pequeno drapado passando sobre um ombro. *Cravén de Balenciaga*





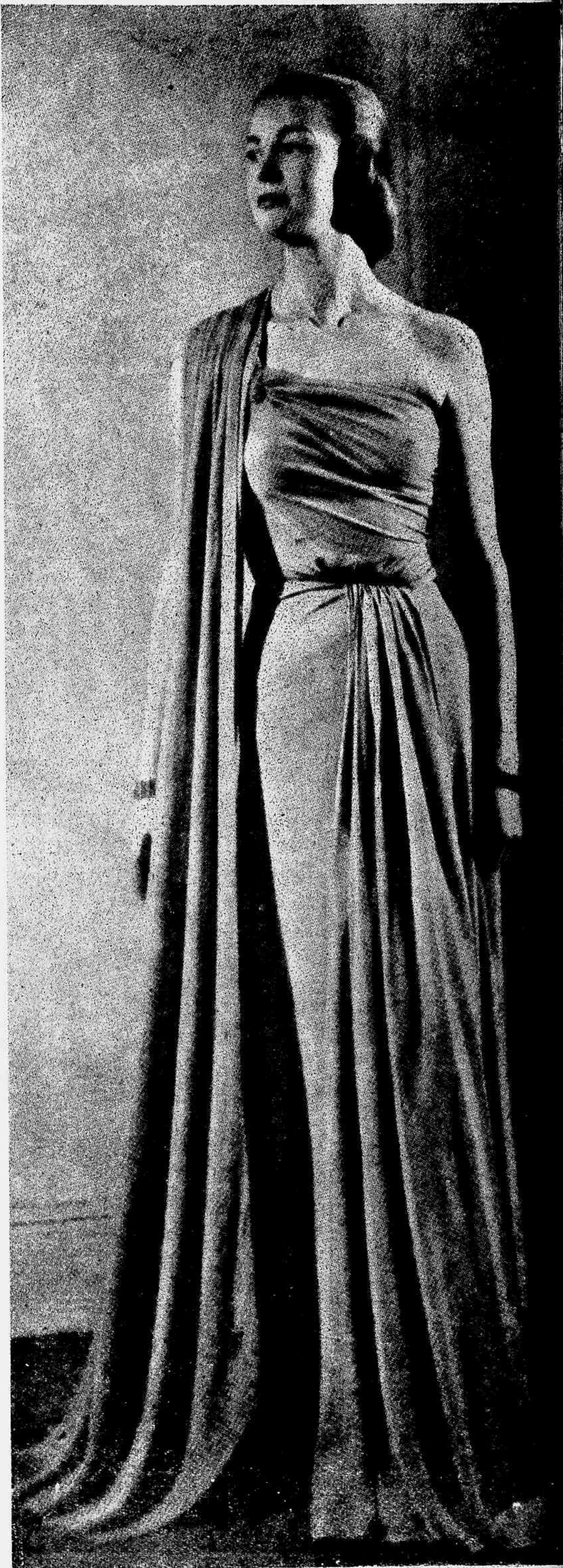


DOIS MODELOS PARA NOITE

À esquerda: Modelo para jantar em tafetá listrado preto e branco. Decote em "V", mangas de grande originalidade. Saia drapeada com panos em diversos sentidos. Este vestido é realmente muito "chic" e o seu efeito é visível. À direita: Admirável modelo para a noite, de Germaine Lacomte. É executado em seda azul, bem maleável; o busto é drapeado e ajustado, um ombro nú, o outro coberto com uma "echarpe" de pregas soltas caindo até o chão. Na saia há também uma parte drapeada. O restante é inteiramente liso.

DETALHES PRECIOSOS

HA DETALHES que "fazem" o vestido. Pode ser um "drapé", uma gola, uma faixa, ou um bolso. A verdade é que a sua originalidade desperta a atenção e dá maior "chic" ao vestido. Na página ao lado as nossas leitoras encontrarão alguns detalhes preciosos e de grande efeito. Ao alto, da esquerda para a direita: Vejam o quanto é "chic" este vestido branco com pregas de alto a baixo e com trabalho de "ninho de abelhas" na blusa e nos bolsos. Um decote muito atraente, sem dúvida... Saia drapeada com "movimento" de grande elegância. Em baixo: Vestido de crepe branco. Curioso trabalho de pregas nas costas. Manga bastante original, de um vestido cinza, com bordados em lá branca.





CAMPO, PRAIA, ESPORTES

PARA a praia, o campo, o esporte, os costureiros franceses têm criado uma série de encantadores trajes, dos quais nossas leitoras poderão ter idéia, pelos que aqui apresentamos. A esquerda: Modelo de Jacques Heim, em linho branco com incrustações em linho azul marinho. Ao alto: Conjunto praiano composto de "over-all" de shantung azul-marinho e largo casaco branco com enfeites do mesmo tecido do "over-all". "Short" de "pique" branco, simples e gracioso. A direita: Sobre um "short" vermelho com "pois" brancos, "robe" azul com recortes. Chapéu azul com lenço igual ao "short" na corpa. Criação de Bruyère.



Lavender — TÃO FRESCA, TÃO CHIQUE!

Brilhante como uma réplica inteligente, fragrante como a lembrança dos dias que jamais podem ser esquecidos — eis o que é a “English Lavender de Yardley”! Parece conter a própria essência da alegria e da expansão, fazendo-a sentir-se gloriosamente viçosa e radiante. E com que sutileza ela sussurra que você é tão encantadora como o perfume que escolheu!

Yardley
de Londres



YARDLEY, 33 OLD BOND STREET, LONDON

AGENTE EXCLUSIVO PARA O BRASIL
LEO L. PROCHOWNIK
Rua Sorocaba, 35 ★ Rio de Janeiro

4 PEDRAS LEGITIMAS
para 1 ANEL de OURO de 18 QUILATES

AGUA MARINHA
AMETISTA
TOPAZIO
ONIX



O Anel "TROCA-PEDRAS"

Cr\$ 975,00

a ultima Novidade no Rio!

Para cada vestido uma pedra correspondente

Tome a espessura do dedo com um cordel e indique o tamanho do anel, de acordo com a medida abaixo. Escreva-nos com clareza o nome e endereço. Faça o pagamento por vale-postal, registrado com valor declarado, ordem bancária ou pelo reembolso.

Para tirar a pedra basta um simples aperto de dedo na pedra.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15

ALEXANDRE DELAYTI NETTO - CAIXA POSTAL 4077 - RIO

Momentos de prazer!



Hoje e sempre uma PILSEN-EXTRA

ANTARCTICA

Livros NOVOS

O PALHACINHO QUEBRADO, cenas em versos para crianças, por Murillo Araújo, com ilustrações de Alceu Penna — Irmãos Pongetti, editores. — Rio de Janeiro, 1946.

Como tantos outros poetas, entre eles Louis Ratisbonne, com a sua encantadora *Comédie enfantine*, quiz o Sr. Murillo Araújo fazer um livro para crianças. Já em várias obras anteriores se nos depara, em páginas avulsas, essa tendência do espírito ou desse enlevo do sentimento. Certa fantasia de Natal, em que o Menino Jesus não podia ou não queria pegar no sono, mas havia de adormecer quando uma negra Bã o acalentasse no colo incomparavelmente mat em l essa joia, essa flor digna de qualquer antologia; bastaria para conferir ao seu criador o título de pai honorário de todas as crianças brasileiras. Não há, no gênero, obra de ternura mais comunicativa, que mais suavemente nos venha ter ao coração. E foi para os leitores e ouvintes há pouco descidos do regaço amorosíssimo da Bã ou ainda nele mimamente instalados, que o belo e caprichoso rimador da *Escadaria acera* compoz os versos do presente livro.

O *palhacinho quebrado* desenvolve-se por três cenas, divididas estas em vários episódios ou passagens. Todo o diálogo — excetuadas algumas coplas e, na página final, alguns decassílabos — corre em espontâneos, fáceis alexandrinos. E curiosamente se nota, neste metro augusto, soberano, clássico por excelência, como o artista aligeirou a fatura e a tornou singela a ponto de parecer, às vezes, que até uma criança poderia realizar aquilo. De vez em quando, porém, diríamos que o poeta não pode deixar de reclamar os seus antigos direitos como, por exemplo na cena entre os personagens a Boneca e o Palhacinho e em que este define o seu amor:

*O amor, Boneca, é semente a Beleza
é uma glória a incluir entre as da natureza,
não um motivo infeliz de lamúria e suspiro.
Eu amo sem sentir, amo como respiro,
amo tudo o que vive e abraço, num transporte,
todos os seres meus irmãos de vida e morte.
A que me fez amar e minha alma bendiz
mais do que a quero MINHA eu a quero feliz.
E vendo o seu destino alegre e condelado
estou contente.
O poeta é um palhaço quebrado,
Nasce mais com olhar de mago para ver
do que com forças para alcançar ou vencer;
mais com azas que vão até o céu do fervor
do que com braços com que, nos vergéis em flor,
se colhem sobre a terra os pomos encantados...
Assim, que importam, pois, os meus braços quebrados?
Além de ter pulmões e lábios e garganta
tenho a alma... e embriagada em juventude canta!
E a canção é meu sol e o sol — minha alegria...*

O Sr. Murilo Arijo escreveu para esta peça dois números de música que alguém nos afirma serem lindos; e o Sr. Alceu Penna lhe adicionou alguns desenhos encantadores.

DO DIÁRIO DE UM TEMPO RUIM, crônicas e outros trabalhos de Valfrido Piloto — Curitiba, 1946.

Título feio, mas livro deveras simpático.

Avulta entre estes trabalhos uma biografia de Ubaldino do Amaral, estudada a capricho, ricamente documentada e em que se acusa o nobre empenho de reconstituir, nas suas exatas linhas e com a sua legítima expressão, uma das mais respeitáveis figuras do nosso tempo. Quem gozou das relações do ilustre republicano — que, nos últimos anos de vida, quase não aparecia em público e, se não evitava convívios, também não as procurava — deve votar à sua memória um sentimento feito de admiração e ternura. A sua robusta inteligência se aliava um caráter exemplar e uma bondade perfeita. A sua conversação, a cada momento traduzia a cultura adquirida, não apenas pelo conhecimento das obras, mas também pela reflexão que o levava a aprofundar o sentido e a medir o alcance de cada uma, para lhe aplicar o comentário pessoal. Os livros da estante doméstica eram seus mestres constantes, mas também lhe serviam de camaradas para os interrogar a seu modo, discutir com eles e, não raro, lhes prestar a sua colaboração. Ubaldino não citava apenas as obras nem se limitava a concordar com os autores. Na sua erudição não havia a subserviência que, por falta de atilamento ou por simples comodidade, tanta gente adota, ao mostrar o que leu e guardou. Por isso a palestra daquele sabedor oferecia um encanto sempre renovado. Esqueciam-se as horas, escutando-o; e o interlocutor deveras atento, como nos prezamos de ter sido, mantinha o cuidado de só lhe dizer as coisas que pudessem provocar novas explicações. A nosso ver, e tanto quanto possamos julgar, não se fala, em geral, de Ubaldino do Amaral como a sua individualidade merece. O Sr. Valfrido Piloto concorre, neste volume, com três dezenas de sinceras e bem trabalhadas páginas, para a obra de justiça que se há de concluir.

Outros capítulos do livro foram primeiramente artigos de jornal, alocuções de solenidades políticas ou patrióticas, estudos de literatura e de arte. Tudo se lê com verdadeiro agrado. E fazemos sinceros votos para que em breve apareça a segunda edição — mas com outro título, pelo amor de Deus!

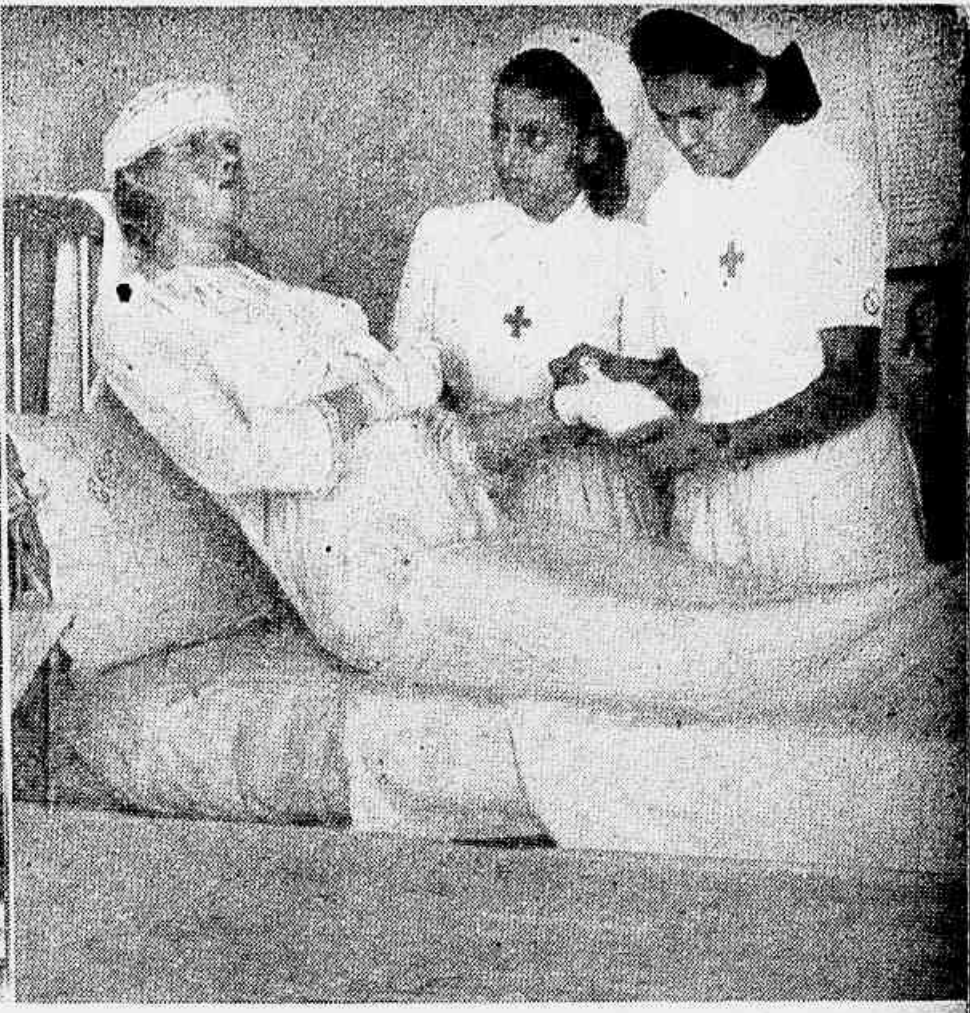
POLIFONIA SINGELA, versos de João Marcos — Norte-Editora — Rio de Janeiro, 1946.

De singela qualificou o Sr. João Marcos esta obra e não apenas por modestia mas também porque é verdade. Trata-se de um poeta sem nenhum dos orgulhos que os pretensos criadores ou sacerdotes de doutrinas estéticas querem impor à admiração do universo. Não nos oferece novidades nem de certo, enquanto compunha o livro, chegou a pensar nisso. São versos sinceros. Valem pela espontaneidade que o rimador lhes

(Continua na pág. 55)



Aspecto do Laboratório Dietético, vendo-se a professora quando ministrava uma aula de preparação individual de Dieta-terapia às alunas do Curso de Nutrição. A frequência desse curso é superior a cinquenta alunas.



Grupo de alunas numa aula prática de Socorros de Urgência, cujo professor é o Dr. Segadas Vianna, e auxiliar d. Irene Miranda, diplomada pela Cruz Vermelha.

O DESENVOLVIMENTO DOS SERVIÇOS SOCIAIS NO DISTRITO FEDERAL

A REVISTA DA SEMANA atendendo a um gentil convite, visitou recentemente a Escola Técnica de Assistência Social da Prefeitura, com sede na Avenida Franklin Roosevelt, 115-2º andar, e com a Seção Técnica instalada à rua do Rezende, 128, colhendo ótima impressão de tudo quanto lhe foi dado observar.

A finalidade desse novo educandário é preparar assistentes sociais, visitantes e educadores familiares, puericultores e nutricionistas, havendo para isso, além de cursos mistos, uma ótima seção técnica magnificamente aparelhada para os seus fins, possuindo campo de experimentação próprio para cada curso, como: creche, lactário, laboratório químico, laboratório dietético, sala de enfermagem, oficina de trabalhos manuais e arte aplicada, etc. Sendo uma escola oficial,

todos os cursos, além de inteiramente gratuitos, conferem diplomas reconhecidos e garantem aproveitamento nos quadros municipais, de acordo com as necessidades dos serviços especializados.

O material didático é ótimo, possuindo a biblioteca cerca de cem mil cruzeiros em livros especializados, apesar de não ter sido ainda inaugurada, o que demonstra o interesse dos exmos. srs. Prefeito e Secretário Geral de Saúde de dotar a cidade de um estabelecimento modelar de Assistência Social.

A escola é dirigida por um Conselho Técnico Administrativo e por uma Diretora, sra. Maria Esolina Pinheiro, especialista no assunto, com dez anos de prática, tendo dirigido já vários serviços sociais da Municipalidade. É autora de vários livros sobre Serviço So-

cial, cujas edições se acham esgotadas. São membros do Conselho: drs. Vineli Batista, Fábio Crissiuma, Álvaro Aguiar e Moniz de Aragão. Estes e os membros do corpo docente são nomes que honram a ciência e o professorado brasileiro.

Recentemente, os alunos e ex-alunos da Escola Técnica, fundaram uma associação para tratar dos interesses da classe. Acha-se essa Associação em pleno desenvolvimento, com vários cursos funcionando, além de um restaurante para os mesmos, agência de empregos, consultório médico, etc.

Estampamos nesta página alguns flagrantes dos mais expressivos que a objetiva da REVISTA DA SEMANA colheu por ocasião da visita feita à Escola Técnica de Assistência Social.

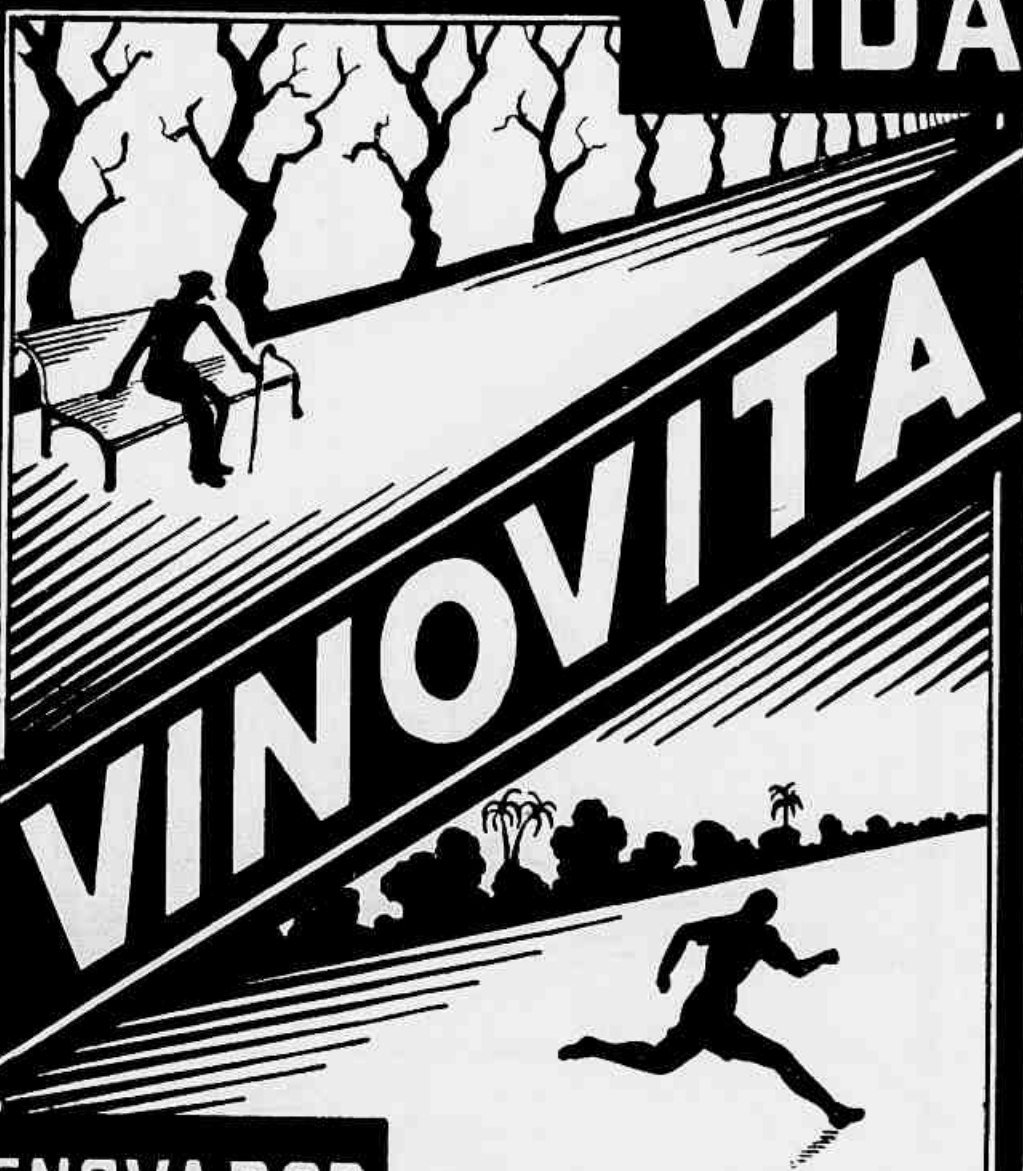
Alunas dos Cursos de Assistentes Sociais e Educadoras Familiares organizando a exposição de fim de ano. Os trabalhos, em couro, estanho, madeira, palha, etc., são executados pelas mesmas sob a orientação da professora d. Odette Silva, que tem como auxiliar d. Olívia S. Seixas.

No clichê abaixo, alunas dos Cursos de Assistentes Sociais e Puericultura em estágio na creche n.º 1 do Departamento de Puericultura, que tem como diretor o Dr. Carlos Florêncio de Abreu, e como professora d. Ilda Morgado, enfermeira diplomada pela Escola Ana Nery.



*Contra o esgotamento
físico e mental!*

**VINHO
DA
VIDA**



**RENOVADOR
DAS
FORÇAS**

Tônico poderoso



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

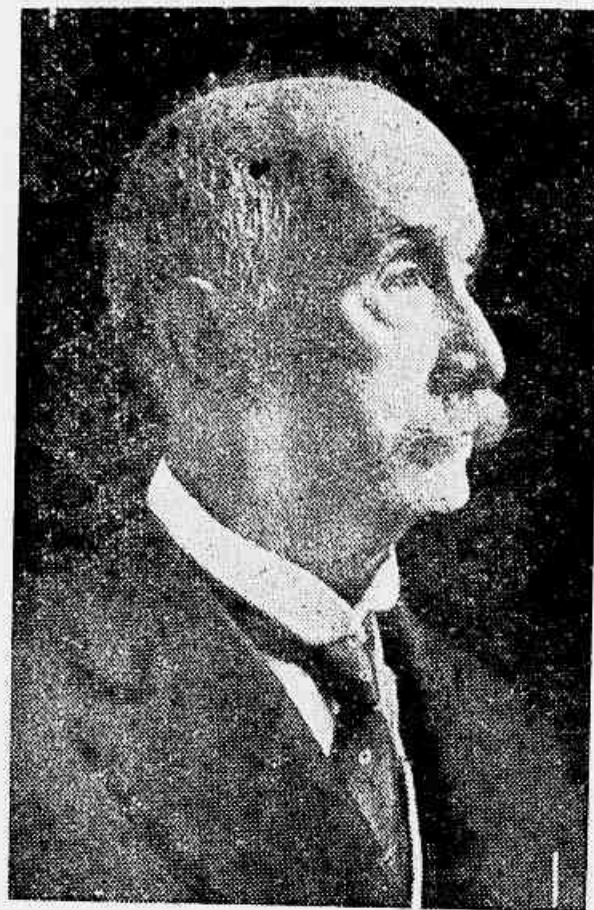
USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TÔNICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS

E DEMAIS AFEÇÕES
DO COURO CABELUDO



Uma das últimas fotografias de Alfredo Bevilacqua.

COMEMOROU-SE este ano, o centenário do professor Alfredo Bevilacqua em torno do qual a lenda já foi tecendo sua malha. É difícil, hoje, desprender sua figura, conforme ficou na memória dos que privaram com ele, das anedotas, dos contos absurdos que se espalharam, em virtude de seu prestígio e da evidência em que esteve, como chefe de uma família inteiramente dedicada à música, como um dos mais acatados e mais severos mestres de piano, como um concertista que, com mais de setenta anos, ainda enfrentava o público, com os dedos ágeis e a memória fresca.

Uma aluna de Alfredo Bevilacqua deixou consignada em suas memórias uma das manias mais interessantes da qual ele lhe comunicou, em lições luminosas, os segredos do instrumento que conhecia tão bem.

Quando os anos foram pesando sobre o professor Bevilacqua, dobrando-lhe o corpo fatigado pelo magistério, a que se dedicava, com entusiasmo, desde os vinte anos de idade, os alunos notaram que ele já não tinha mais a atenção habitual nem a concentração de outros tempos. Sentava-se numa cadeira, a um canto da sala, e fechava os olhos. Ia se deixando embalar pela música.

Mas, no momento em que o aluno, julgando-se livre da vigilância, descuidava-se e começava a "esbarrar", mesmo com os olhos fechados, como que sem interromper o cochilo confortável, ele dizia, baixinho:

— Está errado. Está errado. Está tudo errado.

PROFESSOR ATE' DORMINDO...

Uma evocação da figura de Alfredo Bevilacqua na ocasião do centenário de seu nascimento — o casarão onde música é questão doméstica — Bach, Beethoven e outros mais, em tempo de valsa... — Um hino com dezenas de compositores — em busca do tempo perdido.

(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

de ROBERTO LYRA FILHO

E o aluno se convencera de que, mais do que nunca, ele fazia questão de assinalar as falhas. Nem seria um simples fechar de olhos que tiraria a agudeza do ouvido...

ONDE A ARTE ERA UM ASSUNTO DOMÉSTICO

Na tocante cerimônia em que se evocou a figura de Alfredo Bevilacqua, com a presença de uma de suas filhas, a professora Dulce de Saules, que segue, hoje, a tradição paterna, devotando-se à preparação dos jovens talentos, tratou-se do ambiente criado em torno da personalidade prodigiosa do mestre falecido.

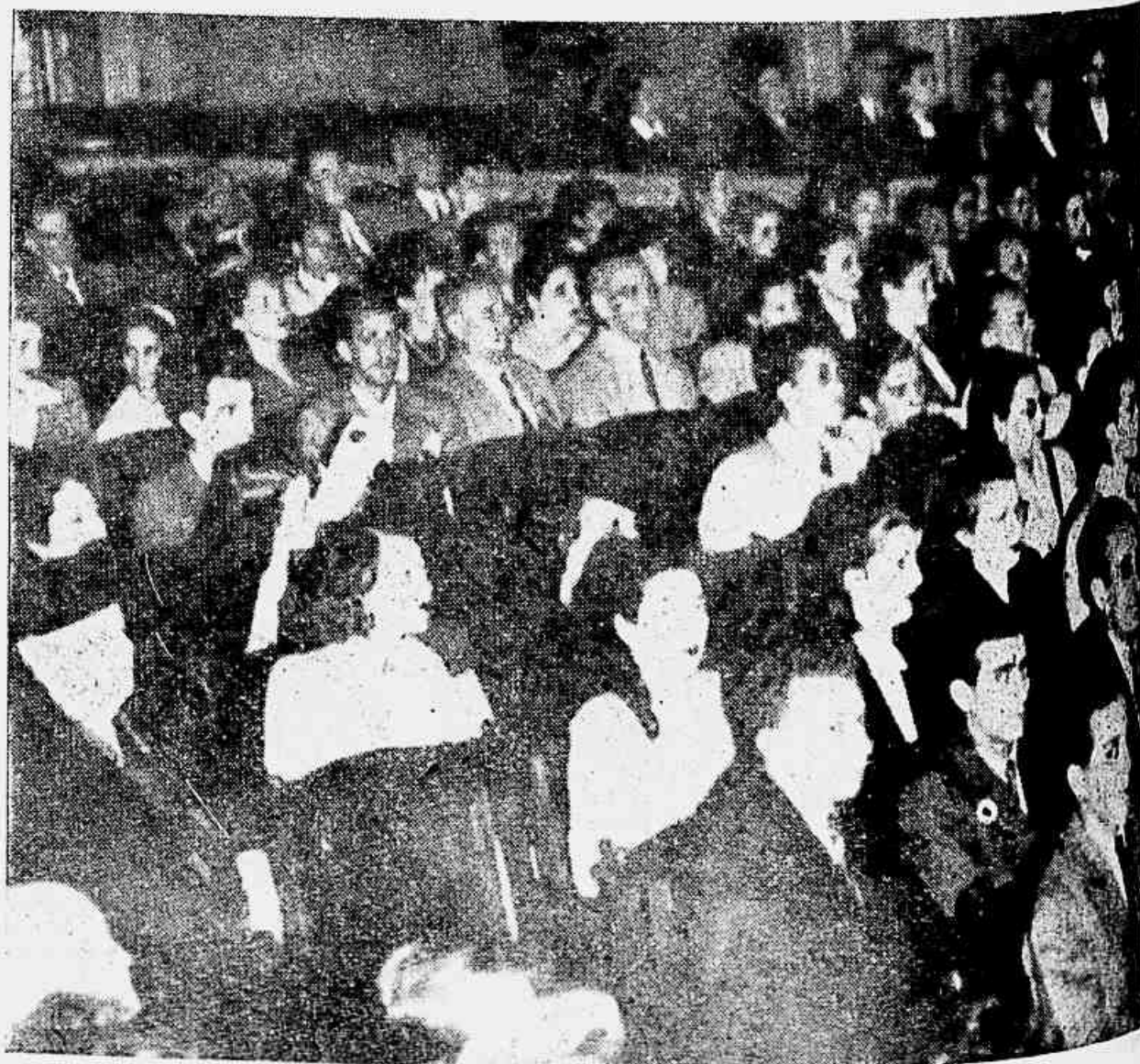
Toda uma época da história da música no Rio de Janeiro concentrou-se em torno de um núcleo localizado na residência de Alfredo Bevilacqua.

Naqueles bons tempos, das famílias grandes e dos casarões imensos, dos grandes almoços dominicais, dos serões de arte, havia um grupo fiel, constituído pela família, e pelos maiores vultos da música e das letras, como das artes plásticas. Cadaquela época, que se reunia para conviver, um pouco, com as grandes obras.

Entre os parentes numerosos, todos apaixonados pela música, formou-se uma orquestra, um coro. Os Bevilacqua, alguns simplesmente como dilettantes, outros profissionalmente, possuíam todos talento para a música.

O coro era afinado, homogêneo. E o velho Bevilacqua gostava de regê-lo. Escolhia ele mesmo, as obras a serem estudadas e as ensaiava, com que requintes de virtuosismo, ele exigia de todos a perfeição!...

Aspecto da assistência presente à festa





Grupo de alunos da professora Dulce de Saules, que tomou parte na festa comemorativa do centenário de Alfredo Bevilacqua.

— Está errado! Está errado! Está tudo errado!

Mas, durante os ensaios familiares, ele nunca adormecia.

BACH, BEETHOVEN E OUTROS MAIS. EM TEMPO DE VALSA...

O recreio, quando se desfazia a tensão dos ensaios, ainda era constituído de música. Na verdade é espantoso como enche a vida daquele grupo.

O professor Bevilacqua ia para o piano, quando os membros mais moços da família resolviam dançar... Mas o severo mestre não conhecia os últimos sucessos populares, as valsas em voga, ou as outras danças do tempo. Sua erudição não ia além de estar familiarizado com o ritmo dos folguedos da época. E, assim, ele rapidamente adaptava sonatas de Beethoven e fugas de Bach ao compasso da alegria dos presentes, transformando-os em toda a espécie de música "dançável"...

— Lembro-me bem de uma fuga de Bach, que ele transformou em valsa, contou-nos Dulce de Saules, sua filha. Era muito divertido...

A inocente, a notável diversão daqueles tempos — dançar Bach e Beethoven, feito que viria desembocar nas realizações coreográficas, a sério, dos tempos modernos...

A COLMEIA INTRODUZIU A COMÉDIA...

Não só de música se cuidou naquela casa pois ali viveu, durante alguns anos, uma sociedade de arte dramática, de caráter absolutamente íntimo, da qual participavam apenas a família e os amigos mais chegados, como intérpretes e como espectadores. Esta sociedade, que tinha por nome a A COLMEIA, possuía um hino próprio, cuja composição obedece ao princípio louco e encantador, inventado pelo mestre, para divertir a rapaziada.

— Cada qual vai me dar uma nota, disse ele.

— Para que? Para que vôvô? perguntavam os netos.

— Porque eu vou compor o hino da colmeia, com as notas que vocês me derem...

— Ainda bem que o senhor é músico, vôvô. Imagine se o senhor fosse poeta e cada um desse uma palavra: que disparate não sairia...

— Quem me dá a primeira nota?

— Eu? A primeira nota? Ora, dó, é claro.

— Dói! Muito bem. Outra!

— Mil

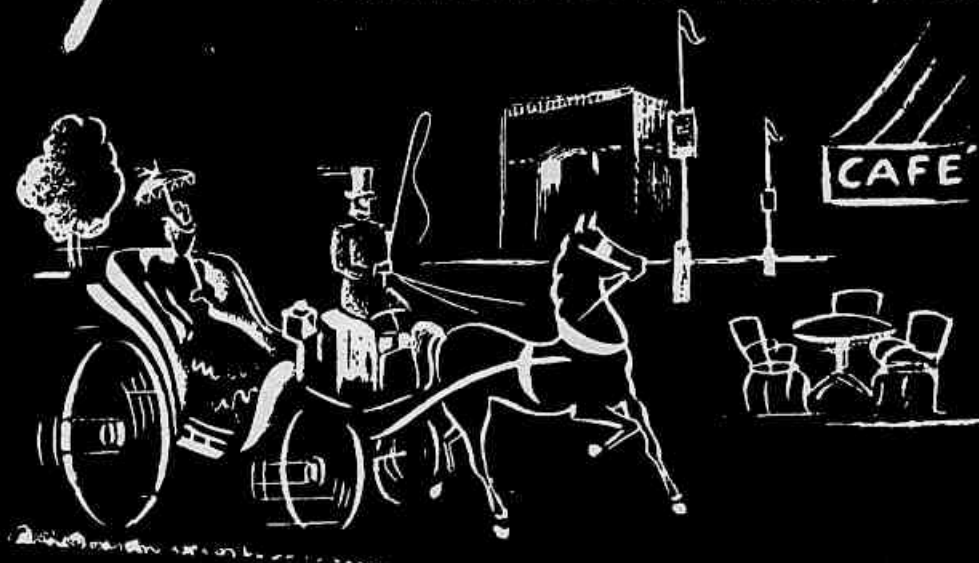
— Ótimo. Mais uma!

E, assim, em elaboração graciosa, formou-se o hino da Colmeia.

(Continua na pág. 57)

Paris

GUARDA SUAS TRADIÇÕES...



...e o perfumista

L. T. PIVER

as tradições de seus perfumes

RÊVE D'OR

POMPÉIA

UN PARFUM D'AVENTURE FLORAMYE

Perfumes que mantêm intacta a qualidade de suas essências

Continental



Não há dúvida!

Esta é das minhas! Um cabelo assim tão bem cuidado, tão sedoso, tão bem penteado... Sim, não há dúvida! Ela, como eu, também usa BRYLCREEM!

Realmente o Brylcreem fixa sem emplastar, amacia, dá brilho, torna jovens os cabelos! É produto científico, não contém goma, nem amido, nem álcool e nem sabão! Brylcreem doma o cabelo mais rebelde, evita a caspa. Usado e aprovado em cerca de 60 países, onde se vendem mais de 27 milhões de unidades anualmente, Brylcreem é produto de classe e está ao alcance de todos nas suas 5 embalagens diferentes, ou nos cabeleireiros e barbeiros de 1ª.

Brylcreem comprado, cabelo penteado!

BRYLCREEM

O mais perfeito fixador do cabelo!



Apresentando a

FAMILIA

SHELL

**PRECIOSOS AUXILIARES PARA O
CONFORTO E BELEZA DO LAR...**



LUSTRA-MÓVEIS SHELL ★

As faces dos móveis merecem um tratamento tão carinhoso como as faces femininas. Por isso, SHELL criou o LUSTRA-MÓVEIS SHELL, um verdadeiro creme de beleza para os seus móveis. Não é um óleo comum, é um sub-produto de petróleo, alvo, cremoso, que penetra pelas fibras da madeira combatendo o cupim e evitando as rachaduras e o ressecamento, dando assim um brilho uniforme, sem atrair poeira.



TIRA-MANCHAS SHELL ★

Um dos membros mais úteis da família SHELL, é o TIRA-MANCHAS. Quando menos se espera o TIRA-MANCHAS SHELL salva um vestido, uma toalha de mesa ou outro qualquer objecto de pano, feltro, couro, etc. Não é explosivo, evapora rapidamente sem deixar o mínimo odor. A sua utilidade só pode ser avaliada no momento. Tenha-o, pois, à mão, para fazer face a qualquer emergência.



ÓLEO DOMÉSTICO SHELL ★

Com o óleo doméstico SHELL tudo desliza bem no lar. Máquinas de costura, bicicletas, fechaduras, dobradiças, enfim, toda peça pequena precisa ser lubrificada para evitar a ferrugem e não emperrar. O ÓLEO DOMÉSTICO SHELL é um fino lubrificante mineral, sempre indicado para o mecanismo delicado das pequenas máquinas.



LIMPA-VIDROS SHELL ★

O asseio dos vidros é hoje um trabalho tão fácil como um detalhe de toucador. Basta a pressão dos dedos sobre a bombinha do LIMPA-VIDROS SHELL para que os vidros brilhem como cristal. Não arranha os vidros e dispensa água, esponja, sabão e baldes. Com o emprego do LIMPA-VIDROS SHELL pode-se dar brilho aos vidros sem sequer macular as mãos ou unhas.

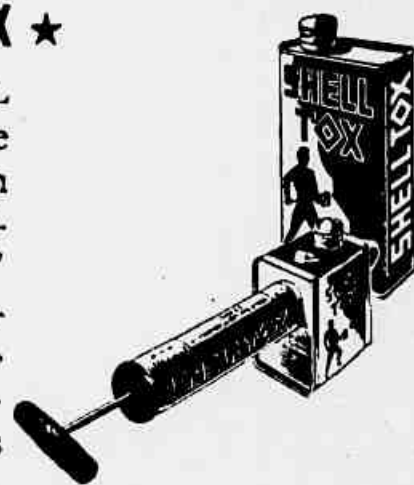


FLUIDO PARA ISQUEIRO SHELL ★

Quando um isqueiro falha, a elegância e o bom-humor periclitam. Acescente-se a isso o cheiro do combustível e a fumaça do pavio, e vale mais a pena não fumar. SHELL resolveu esses inconvenientes com o seu fluido para isqueiro, que acende instantaneamente, não falha nunca, não deixa cheiro. Apresentado em latinhas fáceis de manejar, facilita a operação de carregar o isqueiro e é de grande utilidade.

INSECTICIDA SHELL TOX ★

A principal característica do SHELL TOX é não tontear as moscas, pulgas e todos os outros insectos que prejudicam a saúde no lar. SHELL TOX mata-os definitivamente. Acabe com esses "hóspedes" desagradáveis, com SHELL TOX, um insecticida fulminante fabricado por processos especiais, de exclusividade da organização SHELL e submetido a constantes experiências nos Laboratórios SHELL.



PRODUTOS DE PETROLEO
GARANTIDOS PELA

SHELL-MEX BRAZIL LIMITED



Cançãoeiro INTERNACIONAL

BILHETE PARA O LEITOR

MUITAS vezes, quando procuramos recordar a melodia de uma canção ouvida no cinema, pelo rádio ou na vitrola e ela teima caprichosamente em nos fugir à lembrança começamos, então, a recordar-lhe a letra. Pouco a pouco, os versos vão adquirindo forma musical até que conseguimos reproduzir a melodia aparentemente esquecida. O exercício nos proporciona uma íntima satisfação e esta deve ser parecida com a que experimenta o compositor quando consegue transportar para o pentagrama a harmonia que existe latente em toda a poesia. São inúmeros os casos em que a letra é o motivo principal do sucesso de uma canção e, aqui mesmo entre nós, poderemos citar, por exemplo, o caso de duas canções popularíssimas: "No Rancho Fundo", de Ary Barroso, e "Ai, Iôô", de Henrique Vogeler, ambas incluídas em revistas teatrais e que, certamente, teriam caído no esquecimento se não fossem as letras que Lamartine Babo e Luiz Peixoto escreveram mais tarde. Não se pode, pois, subestimar a publicação isolada dos versos das canções populares.

Os leitores da REVISTA DA SEMANA vinham reclamando com insistência a criação de uma seção destinada à divulgação das letras do repertório nacional e estrangeiro. Fomos encarregados de redigi-la e, por isso, aqui estamos, mais uma vez, a serviço dos "letrados", assumindo o compromisso de oferecer-lhes, daqui em diante, material sempre em primeira mão.

★

GOTTA GET SOMEBODY TO LOVE

De Allie Wrubel — Usada no filme de D. O. Selznick, "Duel in the Sun"

There's a matin' dove in the cotton-wood tree
All night long he's a-chidin' me
And that matin' dove in the cotton-wood tree
Is right as right can be:

Nights are long, oh! so long on the prairie
Gotta get me somebody to love
Gotta find one who's kind and not contrary
One who'll ride by my side hand-in-glove.
I got my hoss, got a silver saddle.
But there's one thing I keep thinkin' of
Nights are long, oh! so long on the prairie
Gotta get me somebody to love.

Night are love.
See how that moon shines so bright above

IT'S BEEN A LONG, LONG TIME

Fox de Sammy Cahn e Jule Styne.

Just kiss me once, then kiss me twice.
Then kiss me once again,
It's been a long, long time,
Haven't felt like this, my dear,
Since can't remember when,
It's been a long, long time.
You'll never know how many dreams
I dreamed about you
Or just how empty they all seemed
without you.
So, kiss me once, then kiss me twice,
Then kiss me once again,
It's been a long, long time

CORAZON A CORAZON

Boleto de Fernando Lopez — Música de Roberto Lambertucci. — Edição Vitale.

De vereda a vereda
de balcón a balcón
de sonrisa a sonrisa

floreció nuestro amor...
si hace poco nos vimos
y ya nos queremos,
que será cuando hablemos
CORAZON A CORAZON...

Que bonita es la vida
cuando llega el amor
y abrazado al recuerdo
entonar su canción...
Si hace poco nos vimos
y ya nos que queremos,
que será cuando hablemos
CORAZON A CORAZON...

TRES PALABRAS

Boleto de Osvaldo Farres

Oye la confesión de mi secreto:
Nace de un corazon que está desierto,
Con tres palabras
te diré todas mis cosas,
Cosas del corazon
que son preciosas:
Da-me tus manos,
ven, toma las mias
que te voy a confiar
las ansias mias
Son tres palabras
solamente mis angustias
Y esas palabras son
Como me gustas!

SIGA SEU DESTINO

Valsa de Rubens Campos e Henricão
— Edição Vitale — Gravação
Vitor de Carmen Costa.

Siga seu destino
Meu amor
Não quero que fique pensando
Que seu mal sou eu.
Apenas sei que vou sentir saudades
Só em pensar
Que o nosso amor
Morreu

Quem parte leva saudades
De alguém que chorando ficou
A Casinha da Marambaia
Foi um sonho que passou
Carmelita você foi ingrata
E do meu amor zombou
Mas se você for feliz
Eu também sou



*Beleza
que perdura*

Sonho de toda mulher que deseja manter sua beleza através dos anos... Ideal que a senhora realizará facilmente cuidando da sua pele durante alguns minutos por dia com os produtos de Helena Rubinstein.

CREME PASTEURIZADO elimina todas as impurezas da cutis 30

SABÃO EM CREME purifica a cutis, evita cravos e espinhas 30

CREME REVITALIZADOR nutre a pele, tornando-a fresca e sadia 30

LOÇÃO ADSTRINGENTE fecha os poros e tonifica a cutis 30

Complete os seus cuidados com o tratamento "Hora de Beleza", aplicado nos Salões Helena Rubinstein. Sob a ação rejuvenescedora do tratamento, sua cutis adquire uma nova vitalidade e resplandece de encanto juvenil.

h e l e n a r u b i n s t e i n

Rio: Avenida Rio Branco, 311 — Tel. 42-1442 — S. Paulo: Praça da República, 61 — Tel. 4-2194

Moléstias da Pele e
do couro
cabeludo?

REMOVAN

Nas Dro. e Farm.

CONTÉM SULFA — DISPENSA ATADURA

Sanatari!
Se o
Materos Feller

MENAGOL

REGULAR

TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre os 18 tons diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agrada.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos grátis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40 Sal. 10

Nome

Rua

Cidade.....Estado.....

RS





A REMODELAÇÃO

DAS LINHAS DA CENTRAL DO BRASIL

REDUÇÃO DAS DESPESAS DE CUSTEIO E AUMENTO DA CAPACIDADE DE TRANSPORTES

Atualmente, a Central do Brasil executa um programa de melhoramentos dos seus serviços, com o duplo objetivo de reduzir despesas de custeio e aumentar a capacidade de transportes para atender ao rápido desenvolvimento econômico das zonas por ela servida.

A Central do Brasil tem um programa delineado desde sua fundação a cumprir, pugnar pelo progresso das zonas que serve. E assim as vezes lentamente, outras quando a necessidade exige, rapidamente, os seus trilhos vão cortando o Brasil afora, desbravando sertões e levan-

do a civilização aos nossos irmãos sertanejos.

REMODELAÇÃO DO TRAÇADO DAS LINHAS

Uma das partes mais importantes destes melhoramentos é a que diz respeito à remodelação do traçado das Linhas do Centro e do ramal de São Paulo. Na Linha do Centro foram projetadas dez variantes, entre Fernandes Pinheiro e Conselheiro Lafayete, na extensão total de 111 quilômetros e exigindo uma escava-

ção de cerca de 9 milhões de metros cúbicos. Toda a terraplenagem está pronta. Já foram inauguradas cinco variantes, e mais quatro estão na fase final de aproveitamento de trilhos. Resta, portanto, concluir apenas uma variante, entre a do Sino e Euarque de Macedo com 18 quilômetros.

REMODELAÇÃO DO RAMAL DE S. PAULO

Em 1865 foi iniciada a construção do Ramal de São Paulo para Cachoeira com

a bitola de 1,60 e extensão de 157 quilômetros, onde deveria entroncar com a estrada de ferro São Paulo-Rio, de bitola de um metro, iniciada em São Paulo, em 1877.

Em 1890 foi incorporada a linha Cachoeira a São Paulo e iniciado o alargamento da bitola, terminado em 1908.

A bitola larga foi implantada no mesmo leito e com idênticas características, em planta e perfil, da bitola estreita, que por sua vez tinha sido construída com a maior economia de capital no primeiro estabelecimento.

O ramal de São Paulo tem, portanto, dois trechos de tração, totalmente divergentes. No primeiro trecho de Barra do Piraí a Pindamonhangaba, a rampa máxima não ultrapassa 10 milímetros, apesar do raio de curva mínimo ser de 100 metros, entre Queluz e Lavrinhas onde o vale do rio Paraíba se estreita fortemente.

No segundo trecho de Pindamonhangaba para Norte, mantido o raio mínimo de 160 metros a rampa máxima atinge 22 milímetros por metro. A linha torna-se extremamente sinuosa, não somente por causa do aproveitamento do traçado da bitola estreita, como também, porque o traçado abandona o vale do rio Paraíba para atravessar a serra da Guararema, divisor de águas deste rio e do Tietê.

Com estas condições técnicas diversas, a tração no ramal de São Paulo, tornou-se muito dispendiosa, pois são necessárias pelo menos duas recomposições de trens, uma em Cachoeira e outra em Jacareí. As locomotivas Mikado, por exemplo, que rebocam até 850 toneladas, entre Barra do Piraí e Cachoeira, passa a rebocar 700 toneladas até Jacareí e, somente, 380 toneladas até Norte.

A influência dos traçados pesados com rampas exageradas e raios reduzidos no acréscimo das despesas de custeio em geral, é muito conhecida.

Não consideramos, demais, porém, salientar que o peso de um trem com a resistência de 5 quilos por tonelada, em reta e nível, fica reduzido a terça parte na rampa de 10 milímetros por metro e a quinta parte na rampa de 20 milímetros por metro.

Em relação a curvatura basta salientar que uma única curva de 160 metros de raio correspondente a uma rampa de 4 milímetros por metro e, portanto, esta curva reduzirá de quase metade o peso dos trens. A limitação das velocidades impostas pelas curvas é, entretanto, muito mais nociva, porque enquanto um trem pode desenvolver velocidade de 100 quilômetros por hora, numa curva de raio de 600 metros, esta velocidade fica reduzida para 70 quilômetros por hora numa curva de raio de 300 metros e 48 quilômetros por hora numa curva de 160 metros de raio.

As curvas apertadas exercem, também, efeitos nocivos no desgaste dos trilhos, na usura das rodas e na conservação da via permanente, os quais evidentemente são mais desfavoráveis para as linhas de tráfego pesado e de alta velocidade, que não devem ter curvas de raios reduzidos e em grandes extensões.

As despesas de custeio do Ramal de S. Paulo, a linha de maior densidade do tráfego de nosso país, são, portanto, extremamente pesadas e as condições limitantes do peso e da velocidade dos trens, têm provocado grandes desvios de cargas para o transporte rodoviário na Rio-São Paulo.

O número de caminhões diários, na Rio-São Paulo, varia de 500 a 800, os quais para um peso médio de 3 toneladas do caminhão, correspondem a uma perda de 80 vagões diários, de lotação de 30 toneladas, ou sejam 10 trens por dia, com 8 vagões.

A recuperação de parte desta carga e dos passageiros transportados, cada vez em mais alta escala pelos aviões, somente, será possível se o passageiros forem transportados em trens confortáveis e mais velozes e as cargas forem transportadas em trens mais rápidos e mais baratos. Todas estas razões foram suficientes, para que sempre constasse do programa das diversas administrações da Estrada, a remodelação do traçado do Ramal de São Paulo.

A construção de variantes foi iniciada em 1917, na administração Assis Ribeiro, com a construção da variante de Poá. Na administração Romero Zander, em 1929, foi estudada a variante do Paratê, pelo eminente mestre engenheiro Sampaio Correia.

As grandes obras de remodelação integral do Ramal de São Paulo, foram, entretanto, estudadas e atacadas, intensamente, a partir de 1942, na administração do Coronel Napoleão de Alencastro Guimarães.

As obras de remodelação do Ramal de São Paulo, foram iniciadas em Janeiro de 1943, depois de concluídos os estudos iniciados em 1942.

Estas obras compreendem a construção de 13 variantes, correspondendo a uma extensão total de linha nova a construir com 340 quilômetros e um volume total de terraplenagem de 29 milhões de metros cúbicos.



A POLICLINICA DO RIO DE JANEIRO



A Policlínica Geral do Rio de Janeiro, iniciativa particular das mais eficientes e meritórias do Brasil, tem merecido o apoio solícito do público carioca. Serve, através das suas diversas secções de assistência médico-hospitalar, de preferência às classes menos favorecidas. E a Policlínica fará muito mais se maiores forem os recursos de que dispuser.

Auxiliar à Policlínica do Rio é contribuir para uma obra de grande alcance social.



Elôra Possólo Chaoúl e seu novo livro "A Estrada da Amargura"



Nome que figura no primeiro plano da poesia sul-americana, Elôra Possólo nos dá agora mais um livro de versos com que enriquece a literatura brasileira. A cantora da natureza de vócos altos em "Sois e luazes", volta-se em "A Estrada da Amargura" para as paisagens interiores do sentimento, jogando com as suas e nossas emoções.

Per isto mesmo declara ela em um dos seus belos e cinzelados sonetos:

"E o adulto é apenas a criança grande. Uma pobre criança que se expande. A brincar com o seu próprio coração!"

CREME DE MASSAGEM RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
Alimenta a pele — Contra as rugas
A VENDA EM TODA PARTE

CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante

TERTULIANO

(Continuação da pág. 15)

deira. Era filhote ainda, mas grasnava, violento, querendo dar bicadas nas mãos calosas de Tertio. Trouxeram para casa para criar. Quando chegou os meninos rodearam-no, curiosos. Tertio explicou à mulher que ia tirar raça dele com a catirã. Havia de sair um galo de briga estupendo, asseverava.

Dai por diante, perdia horas e horas no quintal, enfeitando o bicho com um alfinete espetado na ponta de uma varinha. Não queria que o animal preso como se achava, se acostumasse e ficasse manso. Procurava, assim, avivar-lhe os instintos belicosos. O urubú tentava livrar-se das estocadas com o bico e com as patas, encolhiar-se pelos cantos da gaiola feita de uma caixa de bacalhau, firmada com as arcos em ângulo nas paredes e lá permanecia, nojento, grasnando. Tertio, com o esforço, mordida o lábio inferior, resmungando sem parar.

— Ah bicho! ah bicho!

A coisa, porém, se esclareceu no dia em que Dona Vidinha arrastou no quintal trazendo uma chicara de café forte que Tertio lhe pedira. Estava seu olho uma centeira exultante. Quando ela lhe estendeu a xícara gritou:

— Não bebo café em urubú!

Dona Vidinha pensou que ele estava brincando:

— Você deu pra isso agora? Tomou o café e deixou de brincar!

Ai é que se deu a catirrada. Tertio avançou na mulher, derrubando-a e jogando na cama e desassossegado a dizer palavras feias.

Dona Vidinha se irritou e começou a bater na mão dela com as unhas. Tertio, que

tinha um tempo de matar todo o mundo, deu um tempo e mais dois amigos a mulher. Consequentemente, quando não quando os filhos da casa, Dona Vidinha não queria, dizendo que o lugar dela era junto ao marido. Afinal, foi. Os meninos estavam muito nervosos e impressionados.

Foi um dia muito triste. Dona Vidinha, com um resado de dor de cabeça, não se pôde levantar, os filhos esperando os filhos para impedir as lágrimas descerem os degraus de vidro de sua casa, quando com os filhos lhe segurando as costas. No meio da rua, a vizinhança se aglomerou curiosa enquanto lá dentro Tertio escurtava a porta do quarto quando os berros.

Todos tinham agora uma se opinião dizendo que aquilo só podia ser obra de Dona Vidinha.

— É sério, concordavam. Nunca se viu uma coisa assim. De uma hora para outra.

Seu Gama se incumbiu de chamar Seu Gama para fazer uns passeios em Tertio. Ele também não tinha dúvida a respeito: um espírito chateado se apertava do aparelho de Tertio e medicina ali não havia nada.

Seu Gama chegou lá de notinha. Ainda não tinha gente espalhada pelo pequeno pátio de entrada e pelos cantos da casa, e chegando aguardando os acontecimentos. Tertio estava agora mais calmo. Seu Gama, muito circunspeto e delendo, pediu a todos que se retirassem.

— Precisamos ficar sos. Fagamos o seguinte de ti para as suas residências.

Permaneceram apenas Seu Linhares e mais três do Centro. Do quarto fechado se ouvia a voz rouca de Tertio entoando um hino qualquer com uma letra deitar: "Urubú e urubú e urubú e urubú!"

No fim do estralido solava uma gargalhada parecendo ele mesmo gozar a coisa. Seu Gama deu uns passos para o quarto e chamou com a fala mansa e grave:

— Tertio Tertio.

Tertio respondeu com um nome feio e ficou os pés na porta. Seu Gama recuou amedrontado, insistindo com mais carinho no vazio.

— Sou eu Tertio. Vim te visitar...

— Abre aqui que eu te mostro visual. Abre, cachorro! respondeu Tertio em desatino.

— É melhor a gente fazer hoje só umas preces disse prudentemente. Seu Gama virando-se para os companheiros. Está de noite e é perigoso se entrar no escuro. O obsessivo poderia se aproveitar de um descuido nosso e a desgraça seria maior...

Todos concordaram. Sentaram-se em volta da mesa, com Seu Gama na cabeceira, recitando uma prece que aumentou a paz que envolvia a salinha humilde.

No dia seguinte de manhã cedo Tertio foi levado para a cadeia. Quando abriram a porta do quarto, encontraram-no ruído em pé dormindo no chão. Acertou relanceando pelo cômodo os olhos esgazoados de fera acuada e nem teve tempo de reagir. Os soldados gudiaram nele.

Seu Gama foi vê-lo na prisão. Encostou-se na grade da cela e fez como na noite passada, chamando Tertio. Este tinha agora uma calma estranha. Respondeu uma vez a roupa que lhe haviam vestido e seu corpo aparecia arranhado e cheio de manchas roxas. Vele vindo para Seu Gama e parou bem perto a cabeça se abria num riso idiota. Pediu um cigarro. Seu Gama aproveitou, então, e lhe fez um passe. Encarando-o bem disse:

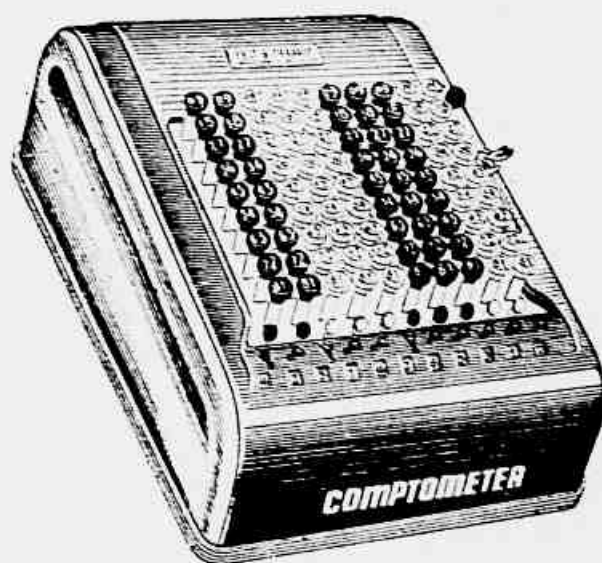
— Você tem consciência do seu estado? É preciso se dominar e não consentir que esse espírito obsessivo se apodere de você para a prática do mal. Pense em Deus — pediu.

Tertio não disse nada. Abriu-se num sorriso maior e deu uma cusparada caladamente em Seu Gama que se retirou, deixando impando a mancha do paletó. Lá fora deu exclamações aos soldados. Os não se fiaram com o estado de Tertio. Era mais grave do que havia pensado. Aquela calma aparente era traiçoeira. Estavam diante de um caso sério. O espírito de Tertio era das piores. Se não se agiasse a coisa, a desgraça seria maior. (Linha reservada) da miséria.

"O meu problema de cálculos foi resolvido com o uso da calculadora automática



COMPTOMETER!"



As características exclusivas da Comptometer garantem trabalho rápido, sem erro, sem esforço, por mais complicados que sejam os cálculos. Compare e comprove, numa demonstração prática, estas vantagens tôdas da Comptometer:

- * teclado de ação direta
- * funciona automaticamente, dispensando manivelas ou tabuladores
- * toque ultra-leve
- * tecla censora, contra erros
- * eliminação dos zeros à esquerda, no mostrador
- * algarismos maiores, mais visíveis
- * ação silenciosa

Veja a Comptometer funcionando, nos distribuidores exclusivos

CASA ODEON LTDA. -- S. PAULO

RUA SÃO BENTO 356 — TEL. 3-4121 (REDE INTERNA)

CASA EDISON - FRED FIGNER & Cia. Ltda.

RUA 7 DE SETEMBRO 90 — TEL. 22-7780 — RIO DE JANEIRO

que não se mais perigosos desvarios. Na existência terrena não se encontra gente assim? Pois no espaço é a mesma coisa, concluiu convicto.

Os soldados se entreolhavam, credulos. Seu Gama percebeu isto e prosseguiu:

— Vocês quando chegam perto de Tertio não sentem um cheiro exquisto? Pois é... Os obsessivos se anunciam assim. É preciso desintoxicá-los. Vocês logo vão dar um banho nele com água de três dípos. Vou trazer a infusão aqui e vocês misturam na água. Ninguém precisa saber do negócio ouviram? Depois de tudo terminado me chamem.

De nada valeram os banhos. Tertio continuou na mesma. Já não tinha mais momentos de calma. Gritava de manhã à noite. Queria arrombar a grade, unhar as paredes e cuspar em tudo. Quando se cansava dava para dar arcos medonhos ou então cantava fazendo com todas as palavras que audiam à cabeça estáveis para o Hino Nacional. E ninguém que ousasse mais abrir a porta

da cela! A comida que lhe traziam ficava no canto perto da porta, esquecida ou era atirada às paredes. Tertio só que ria saber de água. Quando acabava de beber, jogava o resto da caneca pelo corpo abaixo. E lá ficava, todo molhado magro e nu, esbravejando.

Os presos reclamavam contra aquilo. Que tirassem o homem dali. Não tinham sossego e nem mesmo podiam dormir de noite. As suidades que ele fazia também já impregnavam tudo de um mau cheiro horrível. O delegado disse que havia requisitado um carro especial para levar Tertio para o hospício. Mas a verdade é que Seu Gama andava tonto, sem saber que providências tomar. Quando Tertio foi recolhido à cadeia, foi ter com o Dr. Fortunato.

— Que é que ele tem? perguntou o médico.

— Sei lá... Dizem que foi tomado de espírito.

(Continua na pág. 58)

CORTE E COSTURA

Aprenda pelo método moderno POR CORRESPONDÊNCIA, o Curso completo de Corte e Costura. Estude em sua própria casa, nas horas livres, sem deixar suas ocupações habituais.

Em pouco tempo e com poucos gastos será uma excelente modista, perfeitamente preparada para fazer qualquer trabalho nesta profissão.

MENSALIDADES SUAVÍSSIMAS

MANDE HOJE MESMO O COUPON ABAIXO:

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO
Caixa Postal, 5058 - São Paulo

472

Ilmo. Sr. Diretor: Peço enviar-me GRATIS, o folheto completo sobre o curso de Corte e Costura por correspondência.

NOME

RUA No.

CIDADE

ESTADO

GRATIS

Cada aluna receberá:
Figurinos da última moda - Carteira de identidade - 100 cartões de visita - Serviço especial de consultas sobre o curso.



A esquerda: Senhorita Dalva Mariana, filha do Dr. Walter. Aniversário transcorreu recentemente. A direita: Menina Eliete Regina, filha dileta do Sr. Francisco de Assis Moraes e d. Haydée



P. L. Micheloto e de d. Cecília Souza Micheloto, cujo aniversário transcorreu recentemente. A direita: Menina Eliete Regina, filha dileta do Sr. Francisco de Assis Moraes e d. Haydée

SOFRE DO FIGADO?

TOME

BIO-HEPAX

produto do laboratório da GUARAMIDINA



Em São Paulo...

é sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira

Sucessora de Mappin Stores

Pr. Ramos de Azevedo, 131

GABRIEL RANGEL

FONE 23-4742

Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA

RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 - 2ª Loja

REGULADOR XAVIER

★ O remédio de confiança da mulher ★

DUAS FORMULAS DIFERENTES PARA DOIS MALES DIFERENTES:

N.º 1 Regras Abundantes - Hemorragias
N.º 2 Falta ou Diminuição de Regras

Jubileu literário de João Luso

(Continuação da página 25)

6 - PORQUE, TENDO UM NOME TÃO RARO E QUE SÔA TÃO BEM: ARMANDO ERSE, ADOTOU O PSEUDÔNIMO DE JOÃO LUSO? E POR QUE "ERSE", QUE PARECE TÃO POUCO PORTUGUÊS?

— "Erse" não é português. Nem provém da Alta Escócia, a cujos habitantes e a cuja literatura se aplica tal denominação. Vim a saber, muito vagamente, que um fidalgo, talvez um príncipe, tirolês, magiar ou coisa que o valha, fugira para Portugal após uma conspiração malograda, e arribara à Louzan, como poderia ter ido dar a qualquer outra parte. Era Hertzi o seu nome de família. Eis, segundo por alto me constou, o fundador do ramo português. E quem modificou o sobrenome, para o aporuguesar o mais possível, foi meu avô paterno, operário da fábrica de papel da Louzan. A propósito, direi que não há muito tempo, por uma espécie de amor ao passado, de respeito da tradição, ainda ali se produzia, entre os espécimes modernos da mercadoria, o tipo primitivo, feito à mão, com um utensílio chamado "tina". Com o tempo, esse papel, de linho puro, não aparado, e que talvez ainda hoje se confeccione, veio ficando cada vez mais raro e mais precioso. Tornou-se artigo de luxo. Foi nele que se imprimiram, por exemplo, as primeiras edições dos livros "Oaristos" e "Horas", de Eugênio de Castro, e "Sô", de Antônio Nobre.

A questão do pseudônimo assim se explica: Não agradaria à firma Martins Costa & Cia. saber que o seu empregado Armando Erse se entregava à literatura. Ainda hoje os negociantes, e creio que no mundo inteiro, pensam do mesmo modo... E quando deixei o comércio (fins de 1897) era tarde para abandonar a assinatura que já figurara em vários jornais e na capa de um livro. Tive pena. Conservei, nas letras, o João Luso; e disso nunca me arrependi. Um auto-batismo de sorte. Conforme disse Paulo Barreto, em um artigo para o "Jornal do Comércio" sobre a minha "Comédia urbana", foi ele que inspirou ao cronista brilhantíssimo o nome de guerra "João do Rio". E do mesmo João se originaram João do Norte, João do Sul, João de Minas, João de Talma, João Apenas, João Só, inumeráveis outros Joões espalhados pelo Brasil. Talvez este final não prime pela modéstia. Mas foi assim mesmo.

A VIDA DE NAPOLEÃO

(Continuação da pág. 32)

porência à vida e aos sentimentos humanos". Assim, pois, arrebanhou as suas reses, amarrando-as e mandou-as para o novo matadouro.

Desta vez afortunadamente, a orgia de sangue teve outra duração. Noventa dias após a fuga da ilha de Elba, foi derrotado em Waterloo. Tentou tomar um navio para a América, mas foi capturado pelos ingleses, que o mandaram ruminar as suas ambições criminosas nas praias solitárias de Santa Helena. Quando ouviu esta sentença, teve a destreza de invectivar os seus juizes ingleses por tão "cruel indiferença ante um ser humano ferido pela desgraça".

Viveu sete anos na ilha de Santa Helena, e dedicou esse último período da vida à preparação das suas "Memórias", em que magnificou a própria personalidade até as dimensões dum semi-deus.

Morreu de câncer em 1821, e durante algum tempo o mundo ficou em paz.

ADQUIRA O DIREITO DE SER JOVEM E BELA
Usando

VELAS ANTISSÉPTICAS

TAVARES

MARCA REGISTRADA

AGORA EM NOVA EMBALAGEM



Em todas as Farmácias e Drogarias do Brasil



SEAGERS
(DIGA SIGA)
DESDE 1805
SEAGERS
SIGNIFICA
SUPERIORIDADE

A DIFÍCIL ARTE DA...

(Continuação da pág. 19)

o seu futuro, enquanto a Universal estiver fabricando películas desse gênero. Quando um ator como Friedrich March ou Spencer Tracy, se mete na pele de um ser repugnante como o Dr. Jeckyll, — que nas horas vagas era também o usurário Mr. Hyde. — nas versões cinematográficas da famosa novela de Robert Louis Stevenson, — os maquiadores de Hollywood estão de parabéns. O público é ingênuo e aceita todas as monstruosidades, momentaneamente relativas a monstros. Por exemplo: quando o Dr. Jeckyll tomava o líquido que o transformava crescendo as unhas e os dentes bem como os pelos das mãos. Ora que a fisionomia se modificasse, descongestionando-se ou desinchando, vá lá... Mas que os dentes e as unhas, que são de matéria irreduzível, diminuíssem de volume instantaneamente, só mesmo com muito esforço de imaginação... Entretanto, quando mais carregada, quando mais excessiva quanto mais abundante a caracterização, mais impressiona tais criações cinematográficas.

No início da cinematografia, Lon Cha-

ney criou fama, porque era ele próprio quem com sua arte de maquiador, criava os monstros que interpretava, como o corcunda da Notre Dame e outros. Hoje

em dia, as habilidades de Lon Chaney passariam despercebidas, tantos são os fabricantes e os magos das caracterizações de Hollywood...

LIVROS NOVOS

(Continuação da pág. 44)

aprimiu, traduzindo os seus pensamentos, expandido as suas emoções. E os motivos inspiradores facilmente se transmitem à nossa sensibilidade. Vejamos a primeira página, o soneto *Adeus à infância*:



*Vivíamos alegres, descuidados,
Sorrindo à luz do sol que nos sorria...
Meu estro, que era então de outra poesia,
Calava-se, inocente, sem pecados...*

*Julgámo-nos eternos namorados;
Morreu, porém, o Sol que nos unia!
Buscámo-nos na Sombra na Sombra, tão doentia
Sem podermos viver despartados...*

*Loucura! Eu vejo-a agora, por desdita,
Bem longe, a aparecer, transpondo o mar,
Enchendo de amargor minha alma aflita!*

*Chegar-lhe tento, em vão! vejo-a afastar!
O Sol que me levou não ressuscita;
A Sombra em que fiquei, faz-me chorar.*

J. L.

RECEBEMOS:

Lanterna verde, nova distribuição pela Sociedade Felipe de Oliveira, do último livro do esteta e gentilmen inolvidável.

Fernando de Noronha, nova edição da alta reportagem de Amorim Netto sobre a organização, os serviços e todos os aspectos do presídio — Editora "A Noite", Rio de Janeiro, 1946.

Modernidade e Modernismo na arte política, conferência de Gilberto Freyre, lida no Teatro Municipal de São Paulo, a convite do Centro Acadêmico XI de Agosto — São Paulo, 1946.

Pirandello e seu teatro, conferência de Cláudio de Souza, presidente da Academia Brasileira de Letras e do PEN Clube do Brasil. Edição do PEN Clube — Rio de Janeiro, 1946.

Scepticismo et beauté, conferência de Celso Vieira, da Academia Brasileira de Letras, tradução de Suzanne Bertrand — Rio de Janeiro, 1946.

A arte de Benedito Calixto, "notas dispersas à margem dos catorze quadros do mestre existentes na matriz de São João da Bocaina", por Emmanuel Guedes. São Paulo, 1946.

Revista da Academia Paulista de Letras, n.º 35, ano IX, que traz, além de outras produções, trabalhos em prosa ou verso de Aristêo Seixas, Alfredo Ellis Júnior, Aureliano Leite, Menotti del Picchia, René Thiollier, Otoniel Mota, Mario de Andrade, Fugênio Egas, Léo Vaz, Afonso Schmidt, Ulisses Paranhos, Monteiro Lobato, Guilherme de Almeida, Ciro Costa e Oliveira Ribeiro Neto. — São Paulo, 1946.

Boletim do "Instituto de Cultura Uruguaio-brasileiro", n.º 1, com ilustrações de Pedro Américo, Adolfo Pastor, Santa Roza, Pacheco, Portinari, e trabalhos em prosa ou verso de José Roberto de Macedo Soares, Juan Antonio Buero, M. E. Vaz Ferreira, Cecília Meireles, Euclides da Cunha, Acevedo Díaz, José Pereira Rodriguez, Olegario Mariano, Víctor Pomés (h.), Yolanda Vettori, Modesto de Abreu, Attilio Milano, Maria A. Borges, Carlos Rubens. — Montevideo, 1946.

O verbo de Deus e o verbo do homem, "lembrança do jubileu de prata da Academia Matogrossense de Letras", alocução do arcebispo D. Francisco de Aquino Correia — Rio de Janeiro, 1946.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

DESPERTE A BILIS DE SEU FÍGADO...

e sairá da cama disposto para tudo. Do fígado deve fluir para os intestinos, aproximadamente, um litro de suco biliar por dia. Se este suco não correr livremente, V. não pode digerir bem os alimentos e estes fermentam nos intestinos. Então sobrevém a sensação de fatura, seguida pela prisão de ventre. V. se sente deprimido, desanimado e de mau humor. V. precisa das Pilulas Carter para o Fígado, para fazer com que esse litro de suco biliar corra livremente e V. se sinta realmente bem. Compre um vidro hoje mesmo. Tome-as conforme as instruções. São eficazes para fazer a bilis fluir livremente. Peça Pilulas CARTER para o Fígado. Tamanho econômico: Cr\$ 3,50.

A beleza e obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alfaca "Brilhante", ultra-moderno, que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alfaca "Brilhante" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alfaca "Brilhante". Experimente-o. É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.



Am
numero
para



cada
paladar





JOCKEY CLUB MUNDANO

Continua alcançando o mais amplo sucesso a temporada do turf de 1946. Ao Hipódromo da Gávea ocorre semanalmente uma imensa multidão de aficionados do nobre esporte que, num ambiente de entusiasmo e alegria, assiste ao desenrolar dos mais sensacionais páreos ali realizados. Nesta página reproduzimos vários instantâneos fotográficos colhidos na "pelouse" de mais belo prado de corridas do mundo.



GRATIS!

O catálogo pelo qual V. S. poderá escolher os óculos que mais lhe agradem.



Peça-nos pelo correio o novo **CATÁLOGO** de **OCULOS MODERNOS**

tendo a certeza de ser atendido por **LUTZ FERRANDO** com a mesma garantia e eficiência como se o fôsse pessoalmente pelos nossos técnicos.

LUTZ FERRANDO, a única ótica de confiança, que lhe oferece a garantia de 60 anos de experiência na confecção de óculos, exatamente calibrados de acordo com a receita do oculista.

Adquirir seus óculos pelo sistema de reembolso.

PEÇA CATALOGO GRATIS A

LUTZ FERRANDO
RUA OUVIDOR 88 - RIO DE JANEIRO

DENTIFRICIOS PANININI

Professor até dormindo...

(Continuação da pág. 47)

Tão grande, entretanto, era a afluência de amigos que a Colmeia tinha que repetir seus espetáculos às vezes em mais de uma sessão...

A ÚLTIMA MISSA

Numa capela que o mestre tinha feito abstrair celebrou-se a missa cantada pouco antes de sua morte. Tinha ele, já, oitenta e um anos, e ainda não abandonara completamente os alunos. Mas a saúde, já bastante abalada, indicava que ele não viveria mais muito tempo.

Subitamente, a alegria da casa cessou. Os amigos não vinham mais, ruidosos, cantar e dançar. Vinham pedir notícias, em voz baixa, para não incomodar o mestre. Este, entretanto, não se conformava com o ambiente de tristeza. Fazia vir os alunos e forçava-os

MÁSCARA DE LAMA RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
Limpa os poros — Modela o rosto
À VENDA EM TODA PARTE

VARIZES E HEMORRÓIDAS
HemoVirtus

USE A POMADA NO LOCAL
BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

a tocar. Apontava ainda os erros. Espantava a todos pela sua força inquebrantável.

O bispo da Valença, sabedor da precária saúde do mestre, resolveu vir rezar missa na capela particular como especial homenagem a Alfredo Bevilacqua. E assim foi a última cerimônia assistida por ele, com a família no coro, em missa cantada, o encheu de alegria. Terminada a celebração, disse a uma das filhas:

— Minha filha, como estou satisfeito...

Viveria poucos dias mais. Os cânticos a quatro vozes, de autoria do professor Bevilacqua, seu filho, tinham sido entoados, em honra dele, pela última vez.

EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO

Reviva, hoje, nas reuniões da professora Dulce de Sautes, o espírito, a ale-

gria do velho mestre. Os alunos, congregados em torno da professora, fazem música, discutem os compositores. O tempo passou. Muito coisa se desfez. Mas, naquela casa acolhedora, ainda permanece o espírito de Alfredo Bevilacqua, guardado no culto dos filhos, dos netos e no prosseguimento de suas iniciativas.

Acompanhando o concerto dos alu-

nos, quando-os, orientando-os, faz-se o possível para reviver aqueles tempos, quando, no juri organizado para a ocasião, Alfredo Bevilacqua selecionava o hino da república; quando, com Leopoldo Miguez e Rodrigues Barbosa, organizava o Conservatório de Música, mais tarde Instituto Nacional de Música, e hoje Escola Nacional de Música.

DIABETE - OBESIDADE - MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de **ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE.**
Aparelho digestivo e Nutrição (regimes) Glândulas da secreção interna
METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL
CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.
Consultório: Edif. Góes — R. Alvaro Alvim, 27 - 3º and., sala 33 — Cinelândia. Fones: 225110 ramal 33 e 25-4380 - Consultas: Das 13 às 16 horas

O SABONETE IDEAL PARA O BANHO!

VALE QUANTO PESA

RIO

Beijalor

● Ao comprar um sabonete Vale Quanto Pesa, verifique, com atenção, se o mesmo tem gravada em seu envoltório a figura de uma balança. O verdadeiro sabonete Vale Quanto Pesa tem essa figura gravada como símbolo de sua legitimidade.

VALE QUANTO PESA

GRANDE, BOM E BARATO!

★ À VENDA EM TODO O BRASIL ★

R. Ferrando



NUTROGENOL
GRANADO

ELIXIR
GRANULADO
GOTAS

Tônico dos nervos
Tônico do cérebro
Reconstituinte



Micose?
Frieiras?

REMOVAN

Nas Drog. e Farm.

CONTÉM SULFA — DISPENSA ATADURA

NÃO CUSTA NADA



VIVER ALEGRE!

Basta conservar normalizado o funcionamento do fígado e prevenir a preguiça intestinal. As "Pílulas de Reuter", combatendo a insuficiência hepática, protegem a saúde e garantem a alegria de viver.

PÍLULAS de Reuter
PARA O FÍGADO

CABELLOS BRANCOS

CASPA

Quêda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

TERTULIANO

(Continuação da pág. 53)

— Mas até você acredita em bobagens? zombou o doutor.

Seu Cândia encabulado, espremeu os beiços e abanou a cabeça misteriosamente:

— Este mundo tem muita coisa, doutor...

Logo que os do "Centro Espírita Amor de Jesus" souberam que o Dr. Fortunato havia exigido a imediata remoção do doente para o hospício, foram em comissão falar com o delegado. Eles se responsabilizariam pela cura do homem. Já haviam iniciado um tratamento mais severo. Era só questão de paciência. De mais a mais, se Tertuliano fosse embora, seria um fracasso. Que Seu Cândia adiasse a coisa um pouco. Era o nome do "Amor de Jesus" que estava em jogo. O delegado sabia o quanto eles eram combatidos e os adversários haviam de se aproveitar daquilo para uma campanha de descrédito. Estava, pois em cheque a essência mesma da doutrina espírita.

Seu Gama era convincente. Acabou explicando que Tertuliano não tinha doença alguma nem sequer a mínima lesão cerebral. Tratava-se de um caso típico de obsessão. Ele havia curado tantos... A meditação ali era impotente. Impotente! Deixassem por conta deles. Os companheiros apoiavam. Por fim Seu Gama pediu licença ao delegado para levar Tertuliano à sessão que iriam realizar no dia seguinte, à noite.

Seu Cândia estava zozno. Indeciso, ainda tentou dissuadi-lo da idéia:

— Eu também acho que os senhores tem razão. Mas receio o Dr. Fortunato. Ele tem prestígio, já examinou o homem e isto agora é perigoso.

— Não haverá o menor perigo, assegurou um da roda. Lhe asseguro! O obsessivo de Tertuliano vai ser "amarrado" até o fim da sessão. E, depois, nós também temos responsabilidades...

Seu Cândia disse que daria a resposta mais tarde. Iria tentar convencer o doutor. Quando falou a este das intenções do pessoal do centro, o médico se exaltou, dizendo que se ele Seu Cândia, consentisse naquele absurdo, haveria de responsabilizá-lo por tudo que acontecesse.

O delegado chegou em casa num nervoso louco, exclamando para a mulher:

— Só pedindo demissão! Eu peço demissão!

Travara-se a guerra. O Dr. Fortunato preparou às pressas um boletim com uma "Acusação aos kardecistas", no qual conclamava seus colegas a se reunirem, a fim de estudar as bases de uma campanha educacional do povo para que fossem evitadas para sempre as mistificações de mentalidades grosseiras que lhe ludibriavam a bôate. Citava, em estilo exaltado, o caso recente de João Tertuliano, exemplo frizante dos males das práticas espíritas. Pedia, oficialmente, providências enérgicas ao sr. delegado de polícia contava o incidente havido e prometia responsabilizá-lo perante as autoridades superiores. Uma bomba!

Pouco depois, surgia, noutro boletim, um revide assinado por "Um adepto do espiritismo", que destratava em termos violentos toda a classe médica do lugar. Não houve quem não tomasse partido. Os comentários eram cochichados pelas esquinas ou feitos portas a dentro. Ninguém queria se indispor. Mas até alguns católicos praticantes não desdenhavam, em fazer a sua fêzinha no

"Amor de Jesus". Havia mesmo quem se justificasse:

— Catolicismo é religião. Espiritismo é ciência. Eu acredito!...

Venceu a medicina. A sessão foi realizada sem a presença de Tertuliano.

Sómente tiveram entrada na sala das comunicações poucas pessoas para que, assim, fosse mais eficiente a corrente de concentração.

O médium de São Paulo se sentou à esquerda de Seu Gama, que da cabeceira da mesa, iria doutrinar o obsessivo de Tertuliano. A direita dele uma mulher de meia idade. Lira a vidente. Tinha mais quatro pessoas em volta e todos estavam com as mãos em pala sobre a testa e de olhos fechados. A concentração era perfeita. Uma luz mortífera iluminava, apenas, o fundo da sala, deixando envoltos em misteriosa penumbra a mesa e os crentes.

Seu Gama primeiro explicou, pausadamente:

— Nós estamos aqui a fim de realizarmos uma sessão em benefício de nosso irmão João Tertuliano e para ele devem ser todas as nossas preces neste momento.

Interrompeu, mudou de tom de voz, virando-se para a vidente:

— Está vendo alguma coisa?

— Ainda não, respondeu ela.

Perguntou mais umas duas ou três vezes sem resultado, até que a mulher disse, com voz cava:

— Estou vendo.

— Quem é? distinguiu?

— É o nosso guia Marcelo.

— Pergunte se podemos abrir a sessão.

— Dís que pode.

Aí Seu Gama levantou novamente a voz profunda para conversar com o espaço. Uma sombra enorme parecia cair sobre todas as coisas. E, para completar o mistério daquela hora, uma estrela surgiu, piscando, pela bandeira da janela. A voz funérea prosseguia sem parar:

— Permiti, senhor meu Deus, que as nossas preces sirvam para minorar os sofrimentos alheios, não deixeis que espíritos malignos abandonem a vida astral para obseder e praticar malefícios; espíritos missionários fazei com que venham para o nosso seio os que persistem em viver nas trevas! Na nossa humildade der-lhe-emos as lições de paz e amor da que necessitam e lhes ofereceremos as nossas preces...

Foi por aí adiante, inspiradíssimo. Quando já se desanimava da visita do obsessivo ele, sem que ninguém lhe notasse a vinda, tomou o aperiço do médium de São Paulo, que começou furioso, dando murros na mesa.

Seu Gama muito calmo, perguntou quem era ele. E uma falinha presa saiu, a custo, por entre os dentes rilhados do médium:

— Você não precisa de saber!

— Preciso, sim respondeu fraternalmente o doutrinador. Você, quem quer que seja deve abandonar o mundo das trevas. Deve salvar-se. Porque está perturbando a paz e a harmonia espiritual daqueles que já sofrem muito neste mundo de misérias? porque vem perseguindo o nosso irmão João Tertuliano?

— Tenho raiva dele!

— Mas você já cumpriu sua missão terrena e não deve voltar aqui, a não ser para praticar o bem. Você tem o livre arbítrio. Porque, então se embrenha pela estrada do mal, quando pode escolher o bom caminho? Se o nosso irmão Tertuliano, algum dia não andou direito com você, pague-lhe com boas ações. Não aumente as desditas dos que penam neste planeta.

Seu Gama dizia tanta coisa bonita que o espírito se acalmara mais e só fazia bater nas fontes, com os punhos cer-

rados. Bufava, exclamando agora, já sem muita convicção:

— Mas eu não gosto dele!

Seu Gama, pacientemente continuou doutrinando, até que depois de uma luta incrível, o obsessivo confessou com a terrapirração elegante:

— Tã é fãtel! Vou me arreitar!

— Pois é, irmão... Não sou eu a palavra de Deus. Vã e nós lhe damos mos as nossas preces. Se precisar de auxílio volte.

— Volto, sim. Preciso de preces. Preciso muito! respondeu o espírito já definitivamente rendido.

De repente, o médium deu um suspiro fundo, como se tivesse se libertado de um peso, e ficou calmo como dantes. Apenas um pouco fatigado.

Seu Gama disse à vidente que indagasse do Guia se podia encerrar os trabalhos. Obteve a resposta levantando-se todos para entoar uma prece elevando a Deus as mais agradecidas louções agora de uma fé mais alta e mais pura.

PARA O SEU MENÚ

CREME DE AGRIÃO

Faça meio litro de caldo de carne bem temperado, passe por peneira e engrosse com tuba de arroz. Cozinhe bem e junte 4 gemas. Adicione 1 colher de manteiga e leve ao fogo para cozinhar. Deve ficar com consistência um pouco cremosa.

Junte um prato de agrião cozido e queijo ralado a gosto.

SILVEIRA DE MIOLOS

Lave bem dois miolos, retire com cuidado toda a pele, depois de estar de molho uns vinte minutos. Faça um bom refogado, junte os miolos e cozinhe-os bem. Ponha na frigideira uma colher de manteiga, junte quatro ovos, junte os miolos mexendo continuamente, até ficar bem passada a mistura.

Arrume em forma uma camada de alface picada bem fina e temperada com sal, mistura novamente alface, etc., aperte bem e desmonte.

PUDIM DE CASTANHAS

Cozinhe 250 grs. de castanhas em água sal e erva doce. (Dê-lhes um bocado de lado a fim de facilitar o cozinhar). Uma vez macias, escoe a água, seque-as no forno, passando-as pelo espremedor. Junte uma colher de sopa de manteiga, 2 xícaras de açúcar, leite de um coco, 4 gemas e as 4 claras em neve.

Forma untada com manteiga em forma regular.

* * *

BIFES COM QUEIJO

Corta-se a carne em bifes, tempera-se com limão, sal e pimenta. Bate-se dois ovos aos quais se junta 1 colher de farinha e 2 de queijo ralado, passa-se cada bife nesta massa e frita-se.

* * *

OVOS RECHEADOS COM SARDINHA

Cozinham-se os ovos até ficarem bem duros. Tira-se a gema que se esmaga bem com manteiga ou um pouco de maionese, junta-se a esta massa sardinhas esmagadas com um pouco de mostarda e 1 colher de queijo. Com isto recheiam-se as claras, enfiando com uma fatia de sardinha.

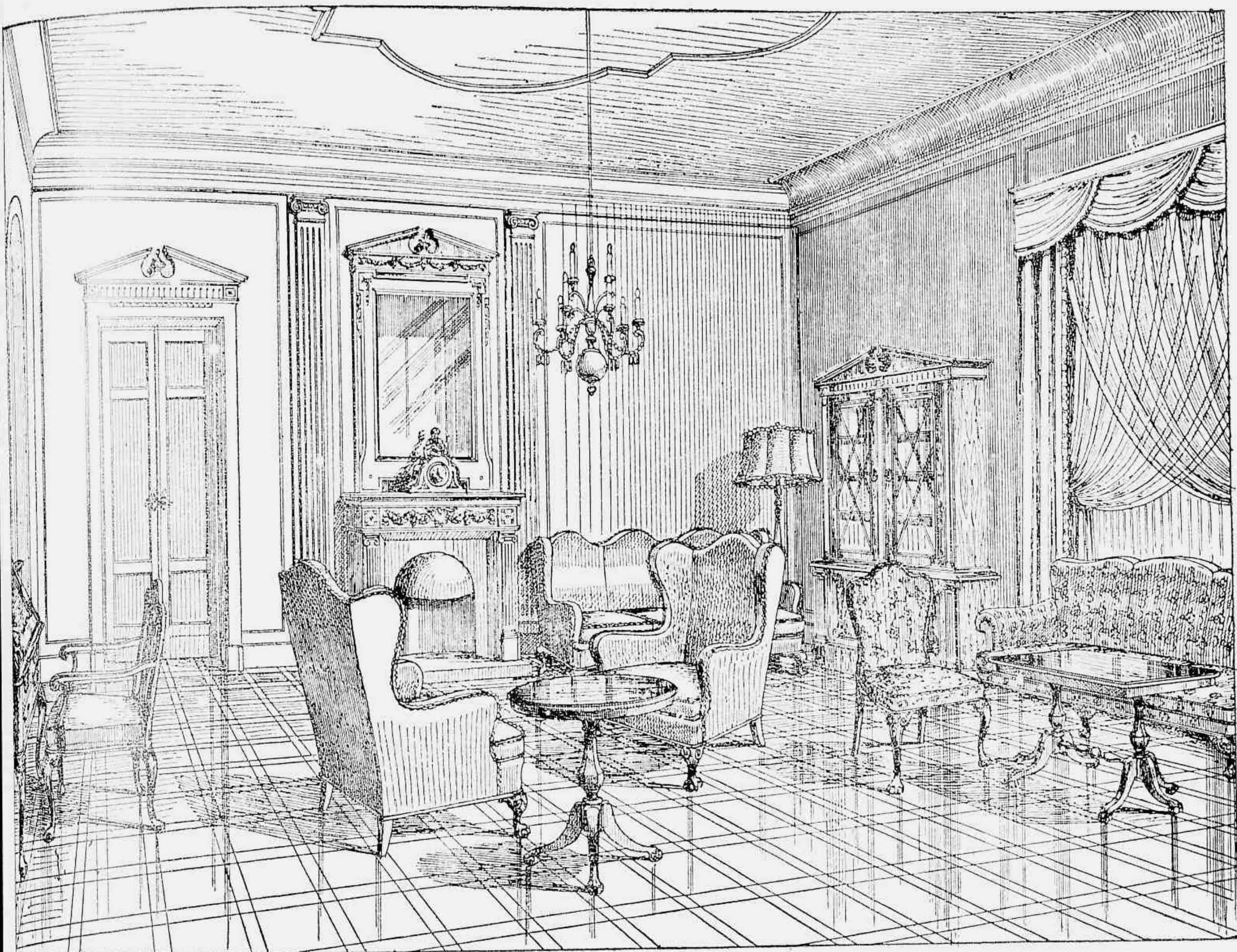
Põe-se os ovos recheados em cima de uma fatia de pão torrado.

RENDAS CREMES

Para conservar a cor das rendas ou para tingi-las faz-se chá preto, coase e põe-se as rendas de alfinete com uma colherinha de vinagre depois lava-se. Para obter o creme lava-se com água de cebola coase e põe-se a render depois lava-se em várias águas. O tempo varia conforme a quantidade desejada seja mais clara ou mais escura.

Aos srs. distribuidores e assinantes desta revista

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.



LIVING-ROOM

HEPPLEWHITE

Aqui está um modelo de "living-room", ótimo para ser aproveitado numa casa residencial de família grande. A peça deve ser espaçosa e clara. Os móveis são confeccionados em jacarandá, as poltronas estofadas em veludo e damasco. Ao fundo, uma lareira estreita trabalhada em mármore branco, produz um ótimo efeito ornamental. Ao lado um armário de portas envidraçadas. O número de cadeiras pode variar de acordo com o tamanho da sala. Ao centro deve ser colocada uma mesinha redonda de pés em garras. Sanefas de damasco ou veludo, e cortinas de "voile", completam decoração do ambiente.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



CIGARROS

COLUMBIA

CIA. DE CIGARROS *Souza Cruz*